

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ELIANA SANDRA ROSITO

**O CASAL HOMOAFETIVO E A CONJUGALIDADE: UM ESTUDO
SOBRE PESQUISAS REALIZADAS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ELIANA SANDRA ROSITO

**O CASAL HOMOAFETIVO E A CONJUGALIDADE: UM ESTUDO
SOBRE PESQUISAS REALIZADAS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação da Professora Dra. Mathilde Neder.

São Paulo
2013

BANCA EXAMINADORA

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ROSITO, Eliana Sandra.

O CASAL HOMOAFETIVO E A CONJUGALIDADE: UM ESTUDO SOBRE PESQUISAS REALIZADAS. 158f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) São Paulo . 2013. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“THE COUPLE AND HOMOAFECTIVE CONJUGALITY: A STUDY ON RESEARCH PERFORMED”

Palavras-chave: Homoconjugality; Homoaffectivity; Homoaffective Marriage, Couple Gay, Lesbian Couple.

Dedico este trabalho aos meus familiares, meus filhos Neto e André Vinicius, ao meu amor Elias e em especial a minha filha Camila Carla e minha nora Bianca que me apoiaram em todo o processo da construção deste trabalho com amor, paciência e dedicação.

Amo Vocês!

AGRADECIMENTOS

A palavra que mais se aproxima da emoção que sinto por ter finalizado esta etapa de minha vida, com o sentimento de realização é: **GRATIDÃO**.

AGRADEÇO A DEUS, a Jesus e aos anjos que me acompanham antes mesmo de meu nascimento.

À MINHA MÃE NORMA que, com seus 93 anos, continua a dar exemplos de superação, me ensinando a amar, a respeitar o próximo, a perdoar, a compreender e nunca a desistir dos sonhos e planos traçados.

AO MEU PAI CARMINE (*in memoriam*), que mostrou o caminho da honestidade da retidão de caráter que dizia sempre “filha não importa a profissão que escolher, o trabalho tem que ser feito com o melhor de você, só assim dará frutos”.

AOS MEUS TRÊS FILHOS, presentes mais lindos que recebi dos céus, Neto, Camila Carla e André Vinicius, luzes que iluminam meu caminho. Sem eles eu teria desistido diante de tantas adversidades.

AO DIRETOR DO GRUPO LYNCRÁ, Christiano Roberto que possibilitou o retorno aos estudos da Graduação e da Pós Graduação e também ao Sr. Custódio.

AO MEU AMOR ELIAS DAHAM companheiro, incentivador, amigo e de uma paciência sem igual.

À BIANCA, minha nora, amiga, filha de todas as horas, minha ETERNA GRATIDÃO.

À MINHA AMIGA FATIMA Martucelli, minha FÊNIX, que me mostrou o caminho, sem permitir que eu desanimasse.

À MINHA ORIENTADORA PROFA. DRA MATHILDE, que me orientou em meu projeto de mestrado, uma das melhores pessoas que conheci nesta minha trajetória.

Não poderia deixar de agradecer Ms em Psicologia Ana Paula Bonilha, o Prof. Dr. Luiz Lilienthal, Profa. Dra. Denise Ramos e Prof. Dr. Esdras Vanconscellos com contribuições importantes para a direção do trabalho.

A todos, muito obrigada.

ROSITO, Eliana Sandra. O casal homoafetivo e a conjugalidade: Um estudo sobre pesquisas realizadas. 2013. 148 Páginas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2013.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de verificar, em pesquisas realizadas na Pontifícia Universidade Católica – PUC e Universidade São Paulo – USP, como pessoas do mesmo sexo vivenciam papéis e emoções em uma relação familiar de casamento. Método; revisão sistemática de 11 trabalhos. A leitura foi embasada na abordagem fenomenológica, para que eu pudesse me aproximar ainda mais dos pesquisadores e dos seus diversos pontos de vista e da vivência de cada um dos parceiros, na relação com ele mesmo, com o outro e com mundo. Após apreciação de todos os dados, concluí que a construção da relação homoafetiva inicia-se a partir da autodescoberta da homossexualidade, ou seja, com a aceitação da própria orientação como homossexual. Os casais se conhecem, geralmente, através da Internet, amigos ou locais frequentados pelo público GLBTS (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Simpatizantes). Na maioria dos casos, a etapa do namoro e a decisão de morarem juntos ocorrem em curto espaço de tempo. A principal razão é a falta de espaço/privacidade para que eles possam vivenciar a relação. No que se refere à divisão das tarefas, observei que existe um consenso entre o casal, de acordo com a preferência de cada um, ou seja, não existe a definição de “papéis” ligados ao gênero masculino ou feminino. Também foi identificado que, após irem morar juntos, surgem conflitos de aceitação com as famílias de origem de cada um e, mesmo nos casos onde o conflito foi resolvido, ainda permanece o distanciamento entre elas e o casal, principalmente por não reconhecimento ou legitimação. Quando observada a questão do meio social e do ambiente de trabalho, a maioria dos casais relatou que têm boa aceitação entre os amigos, mas que, no ambiente de trabalho, evitam falar sobre seu parceiro (a), temendo por seu emprego. Logo, a construção da conjugalidade homoafetiva é possível e está estruturada no respeito, na cumplicidade, na divisão de tarefas igualitárias, na rede de apoio e no equilíbrio, pois, por serem pares formados por duas pessoas do mesmo sexo, apresentam maior cumplicidade. Nos estudos, algumas questões ainda são pouco abordadas, como ciúme e fidelidade, visão de cada um a respeito do casamento e maneira de vivenciar essa nova configuração de família. Mesmo discutidas em menor teor, são tão importantes quanto as que foram amplamente apresentadas. Portanto, ainda há um vasto campo de estudo para novas pesquisas.

Palavras-chave: Homoconjugalidade; Homoafetividade; Casamento Homoafetivo; Casal Gay; Casal Lésbico.

ROSITO, Eliana Sandra. The homoafetivo couple and the conjugality: A study of research conducted. In 2013. 148 pages. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) - Catholic University of São Paulo, São Paulo in 2013.

ABSTRACT

This study was conducted in order to verify, through specific research conducted at the Pontifical Catholic University - PUC University and São Paulo - USP, as people of the "same sex", deal with the emotions in a marriage relationship. Method; systematic review of the literature with 11 papers, 01 Doctoral Thesis and Dissertations 07 and 03 of the PUC Dissertations USP. The reading was based on the phenomenological approach, making even more possible, the approach of the researchers and their various points of view, and the experience of each partner in the relationship with himself, with others and with the world. After analyzing all the data, I concluded that the construction of the "homoafetiva" relationship, starts from the homosexuality self-discovery, ie, with the acceptance of a homosexual orientation itself. In general, the couples meet each other through the internet, friends or places, which are frequented by the public GLBTS (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Supporters). In most cases, the dating and decision of living together, occurs in a short time. The main reason is the lack of space and / or privacy, in order to live the "relationship" experience. With regards to the division of "domestic roles and responsibilities", was noticed that, there is a consensus between the couple, in according to the preference of each one, ie, there is no definition of "roles or responsibilities" related to male and/or female. Also, was identified that, once they are living together, conflicts arise, regarding the acceptance of the families of each one and, even in cases where the conflict is solved, the distance between the family and the couple remains, especially for not recognizing or not legitimizing the union between the couple. With regards to the social and professional environment, most couples reported that, although they have a good acceptance among friends, in the workplace, they avoid talking about their (its) partners (a), "fearing" about their job. Based on the exposed, the construction of "homoafetiva marital relationship" is possible and, is structured on: respect, complicity, division of tasks equally, network support and balance, since, being pairs formed by two people of the same sex, they have higher complicity. During the studies, it was noted that, some issues are still not addressed, such as: jealousy, fidelity, the vision of each one with regards to the "marriage" and, how they will to experience this new "family configuration". Even discussed at lower levels, these issues are as important as the other widely presented in this study. Therefore, there is still a vast field of study for further research.

Keywords: Homoconjugality; Homoaffectivity; Homoaffective Marriage, Couple Gay, Lesbian Couple.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. ESTUDOS SOBRE A HOMOAFETIVIDADE E HOMOCONJUGALIDADE.....	14
3. OBJETIVOS.....	18
4. O HOMEM E SUAS RELAÇÕES.....	19
4.1. Conjugalidade.....	19
4.2. Homossexualidade.....	22
4.3. Homoafetividade.....	24
5. MÉTODO.....	27
5.1. Critérios de busca.....	27
5.2. Critérios utilizados para inclusão/exclusão do material pesquisado.....	28
5.3. O desenvolvimento da pesquisa.....	29
5.4. A escolha do Método utilizado.....	30
5.5. O Método Fenomenológico.....	32
6. A AUTODESCOBERTA COMO PESSOA HOMOAFETIVA.....	37
7. O CASAL NA RELAÇÃO DE CASAMENTO HOMOAFETIVO.....	44
7.1. A Construção da vida conjugal.....	49
7.2. O relacionamento na visão de cada um dos parceiros.....	52
7.3. Divisão de tarefas.....	56
7.4. Ciúme e fidelidade.....	60
7.5. O relacionamento entre o casal e suas famílias de origem.....	61
7.6. O olhar do casal sobre sua nova formação familiar.....	66
7.7. Os parceiros em suas relações de trabalho.....	69
7.8. O casal, os amigos e o meio social.....	70
7.9. Uma leitura relacional entre os estudos realizados.....	73
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91

9. REFERÊNCIAS.....	93
10. ANEXOS.....	98
10.1. Textos utilizados e trechos e relatos de entrevistas.....	99
10.2. Tabela de atributos de Féres-Carneiro (1997).....	137
10.3. Pesquisas encontradas na PUC-SP.....	139
10.4. Pesquisas encontradas na USP.....	153

1. APRESENTAÇÃO

A pipoca

Rubem Alves¹

“A culinária me fascina. De vez em quando eu até me atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras do que com as panelas.

Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de "culinária literária". Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nobis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadas, suflês, sopas, churrascos.

Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme A Festa de Babette que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo — porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas.

Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu.

A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas idéias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível.

A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela. Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem.

Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas.

Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do Candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do Candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido.

Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me

¹ Rubem Alves. A Pipoca. http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp, consultado em 21/08/2013

livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista de tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos.

Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado.

Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o Candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa — voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosa. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão — sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: PUF!! — e ela aparece como outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro.

"Morre e transforma-te!" — dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os

paulistas, descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar.

Meu amigo William, extraordinário professor pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia, as explicações científicas não valem.

Por exemplo: em Minas "piruá" é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: "Fiquei piruá!" Mas acho que o poder metafórico dos piruás é maior.

Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem.

Ignoram o dito de Jesus: "Quem preservar a sua vida perdê-la-á". A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo a panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

"Nunca imaginei que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu".

Os piruás são de tal forma incompetentes, que não conseguem dar alegria nem a si próprios... É claro que me refiro às "pessoas piruás", que numa linguagem corriqueira, não têm coragem para sair do armário. Se escondem pelas mais variadas razões, por beleza, por feiura, por timidez, por, por, por, por... Não entendem que a graça da vida está em poder tomar sol, curtir as coisas boas da vida, mas, principalmente, viverem felizes! Não há preço que pague este privilégio, *curtir a vida!*

Posso afirmar sem risco de me enganar que vivo esse privilégio. Colho hoje em dia os frutos de ter vivido três gestações que me brindaram com filhos, cada um à sua maneira, lindos, queridos e amados.

Com o passar do tempo, vivenciei que não tinha nascido para me tornar uma piruá, pois o ambiente ao meu redor esquentou feito óleo fervente, à medida que fui descobrindo que dois de meus filhos vivem uma vida homossexual, que só é

diferente da vida dos outros por conta do nome. Briguei muito comigo, com a vida, com o destino, até compreender que os amava fossem o que fossem, e que meu maior desejo é que fossem, sejam felizes.

Tardiamente resolvi estudar psicologia e porque não, também, tentar entender como se “forma” um homossexual, quais os “pecados” educativos ou de criação levam à homossexualidade. Não bastasse isso, fui procurar um programa de mestrado em psicologia e por caminhos tortuosos, acabei optando pelo tema que escolhi, talvez para me assegurar que fui uma boa mãe...

Minha conclusão é de que fui sim! Não há como prever, sanar, curar, “educar para a heterossexualidade”...

Vivo muito feliz com os filhos que tenho e com a família extensa que formei. E eles vivem felizes também. Espero que meu caminho possa ser uma contribuição para que o número de piruás diminua sensivelmente, que mais gente possa ser feliz independente de sua orientação sexual.

Só me resta cantar em unísono com Violeta Parra, *“Gracias a la vida, que me ha dado tanto...”*

2. ESTUDOS SOBRE A HOMOCONJUGALIDADE E HOMOAFETIVIDADE

O tema deste trabalho está voltado ao estudo de relacionamentos homoafetivos em conjugalidade; é embasado em respostas e resultados de pesquisas avaliadas constantes em trabalhos de Dissertação de Mestrado e Teses de Doutorado, localizados na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP e Universidade de São Paulo - USP.

São diversos os aspectos que se evidenciam como merecedores de nossa atenção. Entre eles, a experiência de pessoas adultas do mesmo sexo que moram juntas com uma aliança, que envolve vivenciar papéis e emoções, como o cuidado, a proteção, a segurança, a cumplicidade, a filiação, o amor, o respeito, a sexualidade, a divisão de tarefas dentro e fora do lar, a estrutura econômica do casal.

A escolha desse tema se fez diante da carência de informações sobre o assunto, já que pouco se tem estudado sobre o convívio diário de duas pessoas do mesmo sexo, que se denominem unidos por uma relação de casamento.

Buscamos compreender como os casais, com orientação homossexual, estão se estruturando e lidando com a sua realidade de conjugalidade na elaboração de uma vida em comum.

Pretendemos, também, mostrar como esses casais se percebem em suas individualidades e na integralidade do corpo físico e psíquico que sentem e respondem a estímulos internos e externos com as emoções.

Além disso, apresentaremos a participação do Direito e outras áreas diante das novas formações de relações homoafetivas, passando do reconhecimento à legalidade em si.

Antes de falarmos em conjugalidade e homoafetividade, será interessante buscarmos entender como o humano se relaciona e está construindo seus relacionamentos afetivos no atual momento histórico.

Se observarmos atentamente, quando estamos em lugares públicos ou em nossos relacionamentos de amizade, trabalho e dentro de nossas famílias, encontraremos uma diversidade de formas de relacionamentos afetivos: pares enamorados ou núcleos familiares normatizados na esfera do Direito ou não.

Algumas possibilidades têm uma aceitação um pouco maior na esfera social, enquanto outras estão lutando para tal.

São pares formados por homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, de diferentes faixas etárias, solteiros, “casados no papel”, dentro ou não de uma crença, “casados na palavra”, unidos pelo pacto entre o casal, que coabitam ou não, com aceitação ou não de familiares, amigos e pessoas relacionadas ao ambiente de trabalho.

Nessas relações, criam-se, às vezes, laços de parentesco de filhos biológicos provenientes de relacionamentos anteriores, reprodução assistida ou filhos adotados, assim como nas relações heterossexuais. São indivíduos respondendo biopsicossocialmente. Isto é, corpo físico e psíquico afetando e sendo afetados por tudo e todos que têm ou terão uma reação ao que percebem.

Hoje em dia, na esfera social, onde as áreas do conhecimento perpassam umas as outras, os estudos buscam compreender essas relações para que haja uma rede de apoio aos indivíduos, na construção desses núcleos afetivo-sexuais.

A questão da formação familiar, na atualidade, poderá ou não ter como um dos planos uma continuidade de duas vidas por meio da parentalidade. Isto é, o casal pode desejar ter filhos, mas isso não é uma regra. O que definirá essa escolha vai depender de como a relação entre os dois está estruturada, pautada no companheirismo, no equilíbrio e no diálogo, estruturas básicas para o relacionamento perdurar e possibilitar a constituição de uma família com filhos ou não.

Para Frizzo et al.(2005) nesse artigo, a parentalidade e o relacionamento entre o casal, que estamos nomeando de conjugalidade, parecem intrinsecamente ligados. Entender essas diferenciações não é tão simples nos dias de hoje, em decorrência da construção social de família, advinda de pensamentos e ideias de gerações passadas. Ainda mais difícil se torna se falarmos em parentalidade e conjugalidade homoafetiva. No entanto, parentesco é entendido como laços consanguíneos biológicos entre pessoas formadoras de núcleos familiares através das gerações.

Segundo Defendi (2010) em sua Dissertação de Mestrado menciona que, a conjugalidade se dá através dos relacionamentos afetivos entre duas pessoas

adultas, que juntas partilham ideias, sonhos, desejos, sexo e sexualidade, divisão dos espaços e tarefas, apoiando-se mutuamente, mesmo quando as opiniões eventualmente divergirem. Primam não somente pela reprodução, mas pelo amor. O casal lida com conflitos, aprendendo juntos a enfrentar as diversidades na busca de solução para suas resoluções.

Afirma o autor, em seu estudo de 2009, que há diversos modos de conjugalidade (união) nos dias atuais, denominados casamentos (instituição social), como vínculo afetivo e sexual, reconhecido entre duas pessoas envolvidas e publicamente expresso numa convivência de morar juntos.

Defendi (2010) relata ainda em seu estudo de Mestrado que, em janeiro de 2009, foi convidado a observar quatro uniões denominadas pelos pares como casamento.

Dois homens com idade por volta dos 40 anos, que já se conheciam há seis anos e moravam juntos como casal, há quatro anos, comemoravam o enlace, orgulhosos, e demonstravam muita emoção pela celebração da assinatura de ambos no contrato de parceria.

Em outra união, duas mulheres, que se conheceram no ano anterior, chamaram amigos e familiares para comemorar a união e oficializá-la. Uma terceira união ocorreu entre um homem e uma mulher, realizada na igreja e oficializada também em cartório.

E, por último, um homem e uma mulher comunicaram que, a partir daquela data, morariam juntos, portanto estavam casados. Oficializaram a união através de uma rede social, via Internet. Defendi (2010)

Diante dessas situações, verificamos que, ao longo dos séculos, a forma como é denominado o casamento, vem mudando significativamente, tanto no que tange o lar quanto ao que tange o âmbito social, apesar da sociedade estar ainda muito cautelosa em relação à aceitação e compreensão dessas novas formas de relacionamento e denominações.

Defendi (2010) ressalta também que são diferentes os modos de manifestar e expressar sentimentos e emoções tanto na esfera pública como na privada,

possibilitando a escolha de ter ou não filhos. Essa questão será abordada mais adiante.

Assim, este estudo tem como foco uma revisão bibliográfica sistemática com levantamento dos estudos e pesquisas científicas feitas nos últimos 11 anos com o objetivo de verificar como pessoas com parceiros do mesmo sexo vivenciam papéis e emoções em uma relação familiar de casamento.

Abordamos como a conjugalidade homoafetiva é vivenciada por cada um dos pares, ou seja, como é feita a construção da relação para cada um dos parceiros, de que forma se percebem na subjetividade individual, integralidade do corpo físico, psíquico, respondendo a estímulos internos e externos.

Neste estudo, os aspectos da conjugalidade homoafetiva serão verificados somente entre pessoas num relacionamento sem filhos.

Na atualidade, estão, cada vez mais em evidência, os casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Em razão disso, há uma crescente necessidade de se estudar esses relacionamentos, tendo a Psicologia, importantes contribuições a dar para essa evolução.

É preciso responder a essa necessidade, possibilitando às pessoas melhor entendimento e esclarecimento, para que relações “diferentes”, hoje significativamente presentes e comuns, possam ser vistas e consideradas como possíveis no relacionamento humano.

É nosso intuito, por meio deste trabalho, colaborar com a possibilidade de enfrentamento de situações diversas e adversas, de modo a propiciar aos indivíduos com orientação homossexual em relacionamentos afetivos, esclarecimentos e condições de ajustamento nas escolhas que resultem em casamento.

Muitas etapas são vencidas até que essas relações cheguem ao patamar da conjugalidade, e o apoio torna-se indispensável em todas elas. Mas, antes de iniciar essa “rede de apoio”, é preciso entender qual é o apoio necessário, de que forma ele pode ser dado e em quais etapas. Para maiores esclarecimentos, veremos a seguir como se dá cada etapa da construção dessas relações.

3. OBJETIVOS

Geral

Verificar em pesquisas realizadas na Pontifícia Universidade Católica – PUC e Universidade São Paulo – USP, como pessoas do mesmo sexo vivenciam papéis e emoções em uma relação familiar de casamento.

Objetivos específicos:

1. Na literatura pesquisada, verificar a autopercepção de mulheres, nas pesquisas sobre conjugalidade, nas convergências e divergências da relação familiar de casamento.
2. Na literatura pesquisada, verificar a autopercepção de homens, nas pesquisas sobre conjugalidade, nas convergências e divergências da relação familiar de casamento.

4. O HOMEM E SUAS RELAÇÕES

4.1. Conjugalidade

Iniciamos o estudo sobre a abrangência da conjugalidade constatando o curioso fato de a palavra conjugalidade não existir em nossos dicionários Michaelis, Aurélio ou Houaiss. A palavra foi identificada em textos e artigos científicos de origem jurídica, para definir a relação entre duas pessoas como cônjuges do mesmo sexo em uma relação de casamento.

No dicionário de Psicologia, o termo utilizado como referência para classificar a relação amorosa entre duas pessoas do mesmo sexo é a palavra homossexualidade. O termo se aplica tanto às relações marcadas por contatos físicos e toda forma de coito extragenital, quanto às somente marcadas por sentimentos apaixonados ou ternos.

Quando se considera não a relação, mas a tendência ou a disposição, o contato torna-se mais extensivo. A homossexualidade, dita latente, escapa à consciência do sujeito e se expressa por condutas substitutivas como “amizades seletivas, convivências, ‘etc” ou formações reacionais, inibição da atividade heterossexual (impotência, frigidez). (Dorsch, 2012)

O termo conjugalidade traz, a nosso estudo, o cotidiano dos casais, e o modo como vivenciam suas construções a dois nas relações homoafetivas. Para isso, vamos explanar como ela vem sendo conceituada e quais características são atualmente percebidas pelo casal, o que envolve também as questões de cultura e meio social em que está inserido.

Scorsolini-Comin e Santos (2010) observa em seu artigo que, com o passar dos anos, após diversas discussões, começou-se a interpretar que a união/casamento, até então somente matrimonial, deveria envolver outras necessidades, em conformidade com os autores a seguir.

Féres-Carneiro (1998) faz uma reflexão neste artigo sobre o convívio no casamento, do ponto de vista de individualidade versus conjugalidade, ressaltando que o casal está em contínua busca de interação e integração entre os dois aspectos na nova vida a dois, pois cada situação tem dois pontos de vista, duas

interpretações, e o novo desafio é torná-los, talvez, não um só, mais o mais próximo disso.

“Dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções no mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais, que na relação amorosa convive com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois?...” (p. 379).

Gomes e Paiva (2003) em artigo, ainda agregam que, para que um casal esteja em harmonia, precisa da continuidade da família e de um espaço que ofereça possibilidade de crescimento. Continuam os autores tecendo comparações a modelos institucionalizados de outras épocas, observando que os casamentos de hoje devem ser ligados a algo novo, composto por pessoas que aceitem mudanças, sejam flexíveis em relação ao diferente, incluindo o relacionamento interpessoal e a criatividade de cada um.

Scorsolini-Comin e Santos (2010) menciona de forma sucinta que nessa relação devemos também levar em conta os diversos problemas que podem surgir no caminho da vida em comum, além de inúmeros obstáculos impostos pelos problemas emocionais, gerados por fatores internos ou externos à relação, e vivenciado por cada um dos envolvidos.

Amazonas e Braga (2006) ainda abordam em artigo que incidem sobre o casal transições ocorridas nos âmbitos social, econômico e político o que influencia, a cada dia, profundamente, as estruturas relacionadas a esses fatores, além de intervenções como mudanças demográficas e transições epidemiológicas, ligadas à saúde.

Féres-Carneiro (1998), em outro artigo, descreve que existem duas forças em aliança conjugal e sexual, envolvendo as relações, uma tensão individual e outra conjugal, ou em outras palavras, que há uma grande mudança quando se forma uma nova aliança, pois o indivíduo está entre seu individual e sua nova forma conjugal.

No que diz respeito a como esses casais têm passado por essas situações, Féres-Carneiro (1997) conclui no artigo, em pesquisa comparativa realizada entre relações heterossexuais e homoafetivas, que homens e mulheres, em ambos os relacionamentos, valorizam as mesmas qualidades e características em seus

parceiros como, por exemplo, paixão, fidelidade, integridade e carinho. Apenas quando citada a questão de sexualidade, homens homossexuais têm preferência pela sexualidade, ou seja, levam mais em consideração o porte físico e a capacidade erótica, como já afirmado em outras pesquisas realizadas anteriormente.

Heilborn (1992), Fry e MacRae (1981) neste artigo e livro, as pesquisas utilizadas sobre o que os parceiros procuram no par, divergem em algumas informações, mas deve ser levado em consideração que, além de poucas serem essas diferenças, as pesquisas são de períodos, situações e participantes distintos.

Féres-Carneiro (1997), por exemplo, chega à mesma conclusão que Fry e MacRae (1981), por Heilborn (1992) e Portinari (1989), ressaltando que, quando abordado o tema “semelhança amorosa”, os casais de gays e lésbicas valorizam características como: fidelidade, companheirismo, integridade, o fato de ser carinhoso e apaixonado, porém, também no caso dos homens, para os homoafetivos são trocadas as características de paixão e fidelidade por respeito à privacidade e, novamente, capacidade erótica.

Outro fator interessante a ser salientado é que Féres-Carneiro (1997) realizou uma pesquisa na qual busca identificar as principais diferenças entre os casais heterossexuais e homossexuais, no que se refere às características que estes querem encontrar em seus parceiros. E o que a autora pôde identificar neste artigo foi que enquanto no grupo dos casais heterossexuais, a mulher apresenta-se mais exigente, no grupo dos casais homoafetivos, o homem representa esse papel mais do que a mulher.

Reconhece-se, então, que em todas as relações de conjugalidade, coabita a satisfação conjugal complexa, que inclui satisfação entre os envolvidos no sentido de compatibilidades, filhos, famílias e religião.

A relação conjugal vai depender da construção do casal e de como é cada um, envolvendo o que cada um espera do relacionamento e do outro para a construção da relação. Dar e receber em reciprocidade, satisfação recíproca, expectativa do outro. Tudo isso está intrinsecamente ligado ao sentimento, relacionamento, afeição, sexualidade, sexo, segurança, propiciando intimidade no relacionamento e unindo as partes envolvidas.

Então, vivenciar a conjugalidade também implica o casal ter as características citadas acima, que serão explanadas por categoria na interpretação e visão de cada um que vivencia essa construção nas relações de conjugalidade homoafetiva descritas por cada um dos autores tanto nas entrevistas como no resultado e conclusão destes estudos.

4.2. Homossexualidade

Leite (2011) em seu livro, afirma que em quase todos os dicionários jurídicos, o termo homossexualidade é descrito como “anomalia”, “inversão” ou “desvio”, porém, em contraposição a essas interpretações, as ciências da Medicina, da Antropologia, e da Psicologia, amparadas por seus respectivos conselhos de classe, tiraram recentemente de seus códigos que a homossexualidade seja uma doença ou uma anomalia.

Continua a autora que faz uma citação interessante quando escreve que as pessoas cobram da Ciência a descoberta dos motivos que podem “levar” alguém à homossexualidade. Ao invés disso, essa cobrança deveria ser direcionada para desenvolver métodos de combate à homofobia, até porque, enquanto os homofóbicos empenham-se em ofender e, muitas vezes, agredir quem tem orientação homossexual, estão, ao mesmo tempo, esses “agressores”, perdendo a oportunidade de conhecer pessoas novas e interessantes.

Já Frazão e Rosário (2008) nesse artigo falam sobre a origem e desenvolvimento da homossexualidade, afirmando que sua origem é muito antiga, tanto quanto a própria humanidade e que, com o passar do tempo, as culturas encararam e encaram até hoje, as principais perspectivas como: o ponto de vista dos que discursam sobre o assunto, dos que têm uma visão positiva, e, por fim, daqueles que discursam negativamente.

Os autores citam também, por outro aspecto, que encontraram nas pesquisas realizadas, na área das Ciências Biológicas, afirmações defendendo que a homossexualidade seria genética, fazendo parte dos hormônios e sendo desenvolvida já no período pré-natal, porém, não há comprovação disso, ou seja, não se pode afirmar a efetividade dessas informações, por não terem localizado especificamente resultados, mas apenas referências sobre essa possível ligação.

Referem-se à Psicanálise de Freud (1905/2001), descrevendo a homossexualidade masculina como causa de impulso sexual de curta duração, que se fixa na mãe com uma forte intensidade. Em relação à homossexualidade feminina, além da fixação infantil estar ligada à mãe, acresceria uma decepção intensa em relação ao pai. Em ambos os casos, a fixação é considerada como precoce no desenvolvimento psicossocial, ou seja, algo que aconteceu no “psico” e afetou o “social”.

Frazão e Rosário (2008) revelam ainda que, entre os anos de 1963 e 2005, diversos autores tentaram identificar uma causa para a homossexualidade, chegando a dar nomes a ela.

Teoria da Frustração – a homossexualidade masculina seria explicada pela falta de mulheres para os homens ou como consequência de experiências ruins anteriores.

A Teoria do Comportamento, ou Comportamental – a existência dessas relações se dá pela experiência sexual ter sido iniciada com pessoas do mesmo sexo e, por terem sido satisfatórias, poderiam se repetir e permanecer.

A Teoria da Auto Rotulagem – explica que, pelo motivo das pessoas afirmarem que alguém é homossexual, este se permite acreditar e vivenciar isso, ou seja, por influência de dizeres, os que foram ofendidos acatariam para si essa orientação.

E por último, a Teoria do Treino Inapropriado - o motivo principal seria a preparação indevida dos indivíduos no papel sexual. Por não conseguirem desempenhar seu papel com mulheres, os homens assumiriam o lado feminino com o objetivo de fugir da pressão que o papel masculino impunha a eles.

Mesquita e Duarte (1996) citam em sua publicação do dicionário de Psicologia que:

“Homossexual é aquele que tem preferência sexual por indivíduos do mesmo sexo (homens ou mulheres, no caso). Se, no passado, este tipo de preferência foi considerado como um vício ou uma doença, hoje em dia, muitos clínicos e as sociedades mais avançadas consideram a homossexualidade apenas como uma preferência, um tipo de gosto sexual e nada mais.” (p.113).

Enfim, concluem que, por essas teorias psicológicas estarem embasadas na causalidade e não na pessoa, também não são conclusivas.

Diante do exposto, podemos concluir neste capítulo que o termo homossexualidade é designado para esclarecer a orientação homossexual, na qual duas pessoas do mesmo sexo mantêm um relacionamento sexual e afetivo.

Mas, apesar de podermos atualmente discutir mais abertamente esses relacionamentos, principalmente nos meios científicos e sociais, ainda há muito a explorar e a pesquisar para que haja uma mudança no pensamento coletivo. O que se percebe é que ainda se está longe do minimamente ideal, por causar espanto e indignação nas diferentes classes do meio social e científico, sobre o que é a homossexualidade.

Como veremos, na continuação deste estudo, é muito importante para a Psicologia nos aprofundarmos no assunto para ter, inclusive, melhores e mais embasadas possibilidades de entendimento e atendimento a essa população.

4.3. Homoafetividade

O termo homoafetividade teve sua origem apresentada por Dias (2007) que relata, em seu artigo, de onde veio esta escolha.

“Além do repúdio da sociedade, a omissão legislativa é total, em face das uniões que prefiro chamar "homoafetivas", neologismo que cunhei em minha obra "União Homossexual, o Preconceito e a Justiça", primeira abordagem jurídica de tais questões no Brasil. O uso do vocábulo "homoafetividade" busca afastar a carga de preconceito que a expressão "homossexualidade" contém". (p. 3).

Entendemos que o termo homoafetividade está intrinsecamente ligado ao afeto entre pessoas do mesmo sexo. Seu aparecimento veio ao encontro da necessidade de uma nomeação não pejorativa para os relacionamentos homossexuais em que houvesse não apenas o envolvimento sexual, mas também o intuito da construção dos sentimentos de amor, respeito e companheirismo entre o casal.

Muito do conteúdo sobre homoafetividade localizado nas pesquisas é ligado à área jurídica. O nome de Dias (2007) tem sido citado frequentemente como referência, pois grande parte do material relacionado na área foi escrito por ela ou a

tem como referência. Dessa forma, faremos algumas considerações no que diz respeito à nomenclatura, de acordo com o que foi encontrado.

Dias (2008, p. 2) em outro artigo faz menção ao casamento sob a perspectiva histórica, iniciando pelo período quando as regras eram impostas pela Igreja, de forma específica, limitando o casal, inclusive juridicamente, a direitos e deveres. Desde então, quaisquer outras formas de relacionamento não eram reconhecidas como oficiais, pelo contrário, chegavam a ser chamadas de “*marginais ou ilegítimos*” e, inclusive, passíveis de punição. Os casais eram “obrigados” a ficar juntos, mesmo contra sua vontade.

Observa ainda Dias (2008, p.15) que daí nasceu o preconceito em relação a outras formas de relacionamento, de casamento ou união, e foi longa a “briga” na área jurídica para atender as demais necessidades dos envolvidos nessas relações, como direito à partilha de bens, reconhecimento como família, entre outros.

Também em concordância e pertencendo à área do Direito, Giorgis (2002) afirma que:

“A relação entre a proteção da dignidade da pessoa humana e a orientação homossexual é direta, pois o respeito aos traços constitutivos de cada um, sem depender da orientação sexual, é previsto no artigo 1º, inciso 3º, da Constituição, e o Estado Democrático de Direito promete aos indivíduos, muito mais que a abstenção de invasões ilegítimas de suas esferas pessoais, a *promoção positiva de suas liberdades.*” (p.244).

Dias (2008) finaliza a questão do livre direito à escolha de orientação sexual, enfatizando que a sua não observância caracteriza afronta à liberdade fundamental, e que a mesma sociedade que se coloca como defensora da igualdade também ainda a rejeita, mantendo sua posição de forma discriminatória. Mais do que isso, a autora ainda considera que:

“Qualquer discriminação baseada na orientação sexual do indivíduo configura claro desrespeito à dignidade humana, princípio maior consagrado pela Constituição Federal. Infundados preconceitos não podem legitimar restrições a direitos, o que fortalece estigmas sociais e acaba por causar sentimento de rejeição e sofrimentos.” (p.5 e 6).

Apesar de deixar claro que ainda existe uma grande “luta” pela igualdade, e que essa é diária, podemos afirmar aqui o grande avanço na área jurídica, e por que não citar, no contexto social. Apesar de ainda existir muita violência, física e psíquica, voltada aos relacionamentos homoafetivos, por outro lado, não se pode

ignorar o fato de que o assunto tem sido mais abordado, discutido e estudado, nos últimos anos do que há 20 anos, por exemplo.

É importante aqui citar que, em 05 de maio de 2011, foi reconhecida e aprovada a união civil homoafetiva, por unanimidade, no Supremo Tribunal Federal – STF. A decisão foi publicada no *site* da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, que menciona, no artigo, ser essa uma *decisão histórica* e que, a partir daquele momento, *os ministros definiram que as uniões homossexuais configuram uma entidade familiar*.

A homoafetividade, então, vem na direção de ser parte das novas configurações familiares e está cada dia mais perto dessa realidade. Esse é um dos motivos pelo qual o tema foi escolhido, porque, estando na área da Psicologia, imaginamos ser de grande relevância caminhar junto com mais essa evolução no trato do ser humano.

Vamos a partir daqui, especificar nos próximos subitens como cada um dos envolvidos em uma relação homoafetiva de casamento se percebe na relação, no âmbito familiar, com ele e com seu meio.

5. MÉTODO

5.1. Critérios de busca

A princípio, iniciei minha busca de dados para este estudo com o foco de aprofundar o meu conhecimento em relação ao tema aqui abordado e, a partir daí, fazer a escolha pelo mais adequado conteúdo a ser utilizado.

Foram analisadas produções científicas como: livros (Últimos 15 anos), artigos científicos de revisão e pesquisa de campo (últimos 10 anos) e Teses de Mestrado e Doutorado (últimos 11 anos). Todos por meio de avaliações qualitativas e quantitativas.

A base de dados para a pesquisa em livros, dissertações de mestrado, tese de doutorado e livres docências foi a Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. As bases para os artigos científicos foram os Periódicos Capes e SciELO – Scientific Electronic Library Online.

Após aprofundamento do tema, através de diversas leituras, e por ter localizado textos de diferentes conteúdos e abordagens, entendi que, o ideal seria direcionar o meu campo de pesquisa aos trabalhos de Mestrado e Doutorado, encontrados na PUC e USP.

Em relação a forma de busca, tanto na PUC quanto na USP, foram utilizadas palavras-chave, de acordo com as palavras mais comuns que podiam se referir ao tema aqui abordado, tais como: Homossexual, Homossexualidade, Gay, Lésbica, Homossexualismo, Homoafetividade, Homoconjugalidade e Casamento Gay.

Foram localizadas entre Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Livres Docências, 118 na PUC e 31 na USP.

Um dos objetivos desta consulta também foi registrar quantos trabalhos temos até o momento, nas duas instituições, que referenciam o tema deste estudo. Abaixo segue a quantidade identificada, classificando-os de acordo com a quantidade, do maior para o menor:

Palavra	PUC	USP
Homossexual	44	14
Homossexualidade	31	12
Gay	24	3
Lésbica	11	2
Homossexualismo	3	0
Homoafetividade	3	0
Homoconjugalidade	2	0
Casamento Gay	0	0
Casamento Homoafetivo	0	0
TOTAL	118	31

Como primeira observação, podemos notar que, no que se refere a quantidade, hoje, a Pontifícia Universidade PUC apresenta significativa quantidade a mais de estudos em relação a USP. Além disso, não foram localizados trabalhos cujas palavras se referenciavam a Casamento Gay ou Casamento Homoafetivo, em suas palavras-chave.

Mesmo assim, dos 149 trabalhos localizados, pude efetivamente utilizar apenas 11, sendo 01 Tese de Doutorado e 07 Dissertações de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica e 03 Dissertações de Mestrado da Universidade de São Paulo e após leitura de seus resumos e objetivos, esta foi a quantidade que representou conter informações de extrema relevância para o meu trabalho, pois, além de mais próximos do objetivo, também traziam, em seu contexto, pesquisa de campo com relatos dos participantes.

Quanto aos demais, os assuntos mais abordados versaram sobre questões jurídicas, sociais e culturais, com homossexuais e heterossexuais, famílias, adoção e reprodução humana assistida, mas não atendiam o objetivo deste estudo.

5.2. Critérios utilizados para inclusão/exclusão do material pesquisado

Num primeiro momento, as Teses e Dissertações foram selecionadas por títulos, depois disso foram salvos, lidos todos os resumos, separados novamente de acordo com as abordagens e relevância de temas. Os escolhidos foram baixados e/ou impressos, lidos na integra e por fim utilizados ou reservados para outro

momento, para possível inclusão e discussão. A não ser os que estavam indisponíveis on-line. Estes foram locados na biblioteca a qual pertencia.

Os trabalhos que foram lidos, porém não utilizados, estavam fora dos critérios escolhidos ou versavam sobre assuntos aqui não mencionados quanto às relações homoafetivas. Foram excluídos, também, os que abordavam assuntos relacionados à transsexualidade, à bissexualidade, à conjugalidade homoafetiva com filhos, a pessoas com orientação homossexual em relacionamentos de namoro ou em grupos. Essas escolhas foram feitas visando a alcançar um afunilamento rumo ao objetivo do trabalho.

Após a captação, os materiais foram classificados e separados por assunto, tipo de pesquisa, relevância acadêmica, ano de publicação, abordagem e momento ou categoria da elaboração do trabalho em que poderiam vir ao encontro do que estava sendo pesquisado. Todos os trabalhos lidos foram resumidos e fichados.

5.3. O desenvolvimento da pesquisa

A elaboração da escrita foi iniciada por meio de uma planilha de estudos, contendo o programa de cada etapa, o desenvolvimento, o tempo necessário e as observações referentes ao que foi estudado e que se fizeram necessárias para nortear a escrita, como uma espécie de agenda de estudos.

Outra planilha foi utilizada para relacionar os 11 textos que seriam usados, e estes foram organizados por tópicos, como, por exemplo: Tipo de Trabalho (Mestrado/Doutorado); Área de Estudo; Autor; Título; Orientador; Ano de Publicação; Resumo; Objetivos do texto; Tipo de estudo (Quantitativo/Qualitativo); Referencial Teórico; Resultados/ Conclusão; Observações; entre outros.

Partindo dessa organização, o texto começou a ser elaborado nesta ordem: primeiro foram extraídos, de todos os trabalhos escolhidos, tudo que seria utilizado para este estudo, como trechos de entrevistas, relatos do autor e seus resultados e observações, depois, os assuntos mais relevantes foram separados por tópicos, e após, a estrutura e o complemento do trabalho foram sendo compostos, de acordo com a sequência do sumário.

Os temas foram divididos por assuntos e detalhados nos subitens deste trabalho, e referem-se aos aspectos dos relacionamentos na visão dos autores em relação às suas conclusões nas pesquisas.

A última etapa deste estudo traz a visão da importância deste para a Psicologia com o olhar fenomenológico amparado na visão de Forghieri (1984 e 1993), que estará presente desde o método até o final do trabalho.

5.4. A escolha do Método utilizado

O desenvolvimento da dissertação foi concebido para ser realizado através da revisão bibliográfica do material estudado, para possibilitar uma amplitude, com diferentes enfoques dos autores, de como estão sendo construídas as conjugalidades homoafetivas cientificamente.

Optamos pela revisão de literatura sistemática por ser iluminador e fundamental para todo o processo de pesquisa, visto que poderemos verificar, ao longo da pesquisa, os diferentes pontos de vista e opiniões sobre os temas abordados por quem vivencia essa nova formação.

Conforme afirma Silva (2005), na revisão de literatura, são avaliadas as pesquisas bibliográficas. Pesquisas estas, elaboradas por meio de material já publicado, tais como livros, artigos, pesquisas, periódicos e materiais diversos atualmente disponibilizados na internet.

Outros critérios de escolha dos materiais foram as publicações que se apoiaram nos métodos quantitativos e qualitativos, para que o embasamento do contexto deste trabalho fosse avaliado por dois aspectos, tendo em vista que cada um tem seu significado e, em conjunto, são de extrema importância para o que vamos aqui abordar. Até mesmo porque, como cita Neder, (1993):

“São diferentes procedimentos, diferentes formas de estudar, de investigar. Tomados os devidos cuidados, com seriedade e responsabilidade, além da consideração à capacidade do pesquisador, ambas as formas de pesquisa, quantitativa e qualificativa, podem ser conduzidas com sucesso e vantagens. A questão está em se fazer bem o que se propõe fazer”. (p. 4).

A autora afirma no mesmo artigo que nas pesquisas quantitativas, os trabalhos são realizados por meio de fatos, de forma sistemática e rigorosa, enquanto nas pesquisas qualitativas, trabalha-se com fenômenos expressos de

acordo com a situação. Finaliza ressaltando que a forma de interpretação da pesquisa qualitativa vai seguir de acordo com a “*habilidade e capacidade do pesquisador em ver, observar, perceber, intuir, escolher e dominar seu instrumental de trabalho*”.

Silva (2005) considera que as pesquisas qualitativas trazem para o estudo interpretações não baseadas em números, mas na relação do sujeito com o mundo, com ele, com o outro, com o ambiente onde este vive, que são as fontes diretas de coletas de dados avaliados pelos pesquisadores, que tendem a analisá-los indutivamente.

Além disso, descreve que a pesquisa qualitativa também compreende o método fenomenológico, que também é nossa abordagem e ressalta uma maior ênfase à indução do que à dedução, priorizando a observação e a entrevista. Esse tipo de abordagem é altamente adaptável ao de pesquisa que explora temas pouco conhecidos.

Utilizaremos a abordagem qualitativa, em número maior, porque partimos do pressuposto de que ocorrem constantes mudanças no mundo social, que afetam diretamente o indivíduo. Assim como dizem os grandes filósofos, quem utiliza a abordagem qualitativa tem como objetivo não a replicação e generalização das informações, mas sim e principalmente, a vontade de compreender além de ser compreendido, de forma profunda e contextual o que é estudado.

A revisão realizada nos textos que traziam pesquisas quantitativas, também se faz importante, apesar de terem sido utilizadas com menos frequência, por traduzirem, em números, informações como: a opinião de determinado indivíduo/grupo/região acerca do tema estudado. Seu conteúdo analítico também vem ao encontro da necessidade de coleta de informações para este estudo, pois nelas foram identificadas expressões e sentimentos dos envolvidos, por meio de questionários direcionados, de acordo com o tema abordado por cada pesquisador, o que foi de grande valia para o andamento deste trabalho.

No que se refere à fenomenologia aqui utilizada, Gil (1999) e Triviños (1992) reforçam ainda que, o método fenomenológico não é indutivo nem dedutivo, visto que descreve a experiência de forma direta, assim como ela é, buscando a

compreensão do humano em seu cotidiano vivencial e, por esse motivo, foi escolhida essa abordagem para este trabalho.

5.5. O Método Fenomenológico

Conforme exposto acima, no que diz respeito à compreensão qualitativa, o método fenomenológico foi escolhido como princípio norteador. Pesquisaremos a conjugalidade homoafetiva, focando o sujeito, sua manifestação e consciência, como fenômenos.

A fenomenologia tem apoiado o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento / disciplinas, dentre elas a Psicologia. Sua importância está na possibilidade de apreender o caráter humano que não se reduz à mensurabilidade, critério impreterível nas ciências naturais modernas. Crenças, valores, juízos, significados e sentidos, embora fundamentem a experiência de ser humano nesse mundo, não “cabem” no método científico tradicional e pedem uma hermenêutica, ou seja, um pensamento / olhar que guie a compreensão por caminhos outros que não o pensamento lógico-dedutivo / lógico-indutivo.

O método fenomenológico se vale do pensamento iniciado pelo alemão Edmund Husserl (1859-1938), bem como das contribuições trazidas por seus diversos continuadores e seguidores. Dentre esses, por sua especial afinidade com os objetivos de compreensão já relatados, destacaremos Martin Heidegger (1889-1976).

O pensamento do fundador da “Analítica do *Dasein*” costuma ser considerado complexo (por vezes, quase inacessível e hermético) e iria além do escopo dessa dissertação alongar-se na construção de um entendimento possível. Para esse fim, utilizaremos a leitura que faz Forguieri (1984 e 1993), por sua clareza em nos aproximar das compreensões necessárias ao presente estudo.

Husserl inicia seu percurso com a intenção de trazer à filosofia um rigor que não via sequer nas ciências naturais. Uma forma de interpretar o real que se afastasse de qualquer ideia capaz de prejudicar o encontro com “a coisa mesma” (prejulgamentos, preconceitos, hipóteses anteriores etc.).

Ademais, como discorre Forghieri (1984), Husserl afirma que, na experiência, não há um sujeito e um mundo destacados e independentes entre si, puros em sua essência. A consciência não aparece, a não ser quando é consciente de algo. O objeto não aparece sem uma consciência para a qual possa se apresentar. Em outras palavras, o homem não existe sem o mundo e o mundo não existe sem o homem.

Ressalta, assim, que Husserl faz alusão a uma consciência intencional, que nunca é em-si, mas sempre em-relação. Nesse sentido, tanto a “subjetividade” como a “objetividade” são entes que se constituem mutuamente.

A partir daí, ressalta Forghieri (*idem*), Husserl propõe que a filosofia se volte às coisas como elas são em sua manifestação plena: como vivência primeira, anterior à própria separação entre sujeito e mundo, denominada consciência pré-reflexiva.

A partir do pensamento husserliano, Heidegger vai além e diz que “antes da consciência existe o próprio homem, que ele denomina de *Dasein*; que só a partir dele é que podemos falar em consciência” (pg.15). Em termos heideggerianos, *Dasein* é o nome daquilo que o homem é, desde sempre no-mundo e com-os-outros, sem precedência ou distinção entre essência (ser “verdadeiro”) e existência (ser manifesto).

Forghieri (1993) destaca que, o método experimental ou objetivista, utilizado nas ciências da natureza desde o século passado, permitiu que fossem feitas importantes e incontáveis descobertas de relevância para a humanidade e, por esse motivo, tem sido à base das ciências naturais. A Psicologia também está utilizando esse método, desde o início deste século, para descobertas do psiquismo animal e humano das quais são observáveis.

No entanto, o método fenomenológico apresenta-se como diferenciado, porque tem o olhar voltado para a vivência da pessoa e não somente do objeto, até mesmo porque, como Forghieri (1993) comenta “As situações que alguém vivencia não possuem apenas um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para quem as experiências, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir.” (p. 58).

Aqui, reforçamos a importância desse método para esta pesquisa, pois utilizaremos a interpretação das vivências de cada um dos parceiros, como seres ímpares, com seu próprio modo de se relacionar com o mundo e, somente dessa forma, e não se utilizando de uma visão generalista, é que podemos entender mais sobre as relações em homoconjugalidade.

No sentido proposto por Husserl, o método fenomenológico deve ser voltado à pesquisa por meio de um olhar denominado “redução fenomenológica”, que Forghieri (1993) diz que consiste em:

“... retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceito do sujeito; retomar a essência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constitui no próprio existir humano.” (p. 59).

Nesse trecho, a autora se refere também ao pesquisador e o orienta para uma análise da “imediatez de sua vivência” para que ele permita-se, primeiro, um posicionamento “fora da ação” do que já conhece, referente ao assunto abordado: “... o pesquisador deve iniciar o seu trabalho voltando-se para sua própria vivência a fim de refletir sobre ela para captar o significado da mesma em sua existência.” (p. 59).

O que a autora quer especificar nesse trecho é a importância da pré-reflexão a respeito da própria vivência do pesquisador, ou seja, a relevância do pesquisador colocar, em suspenso, os pré-conceitos diante do que está sendo pesquisado e, somente assim, será possível avaliar os resultados descritivamente ante ao que está sendo pesquisado.

Em outras palavras o ideal é que o pesquisador coloque-se em dois “paradoxos inter-relacionados”, onde, ao mesmo tempo em que ocorre o “envolvimento existencial”, paralelamente é utilizado o “distanciamento reflexivo”.

Nesse sentido, Heidegger nos auxilia e inspira, pois aborda, fenomenologicamente, as questões relativas à existência. Por esse motivo, destacarei alguns trechos do pensamento esboçado por ele em seu principal livro – “Ser e Tempo”, cuja primeira publicação foi em 1927.

Heidegger estudou incansavelmente a tradição do pensamento humano, apontando a construção histórica do modo de pensar e ver típico da modernidade (que, segundo ele, tem suas raízes na antiga Grécia), a que denomina “metafísica”.

Para Heidegger (2005), a significação do sentido do ser não está na semântica da palavra “ser”. O ser não pode ser explicado, conceituado, definido. Não pode ser enquadrado em padrões ou modelos, pois tudo que está ao seu redor o constitui, o corpo, o tempo, o outro, os objetos, o mundo.

Assim:

“todas estas tentativas de explicar o ser, e esforços, terminam no fracasso. Por isso tentamos sempre de novo, buscando caminhos indiretos através da filosofia, da ciência, da arte, da religião, ou mediante as ordens do conhecimento com os seus modelos, da ação com os seus padrões e do sentimento com suas vivências. E fracassamos de novo. É que o ser somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa, nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir de seu sentido como ele mesmo. Também não pode ser comparado com algo que tivesse condições de determiná-lo. O ser é algo derradeiro, é último, que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente, que se dá em seu sentido.” (p. 13).

Logo, o ser pensado por Heidegger (2005) não está fora do mundo, mas é um fenômeno mundano. Segundo ele, essa apreensão do ser como abertura é esquecida pelo pensamento metafísico, que enclausura o ser do ente no conceito, retirando-o, portanto, do mundo dos mortais.

“Fenômeno” o mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. Manifestação, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial, de tal maneira que o referente (o que anuncia) só pode satisfazer a sua possível função de referência se for um fenômeno. Essa multiplicidade confusa dos “fenômenos” que se apresenta nas palavras fenômeno [...] só pode deixar de nos confundir quando se tiver compreendido, desde o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra em si mesmo. (p. 61).

Desse modo, o sentido do Ser pode ser pensado como uma busca incessante, um movimento de ir e vir, de entrar em contato consigo de diversas formas e em diversos momentos. Em outras palavras, o Ser não nos é dado pronto, de antemão, mas sempre uma tarefa que o *Dasein* deve realizar (tornar real) enquanto viver.

Assim, neste trabalho, a intenção é olhar para relacionamentos homoafetivos em que parceiros do mesmo sexo vivenciam a conjugalidade em sua totalidade.

Como anteriormente dito, a pessoa é o protagonista de sua historicidade que afeta o mundo, e também é afetado por ele. Nesse movimento, tanto o ser como o mundo vão se constituindo e se percebendo diferentes a todo o momento.

Dessa maneira, olhando para um relacionamento homoafetivo, em que ainda são impostas regras sociais rígidas e pré-conceitos, destaca-se como cada um dos parceiros se olha e se mostra para esse “outro”, para o mundo e para ele mesmo, com afeto e sexualidade, tendo como base epistemológica a Fenomenologia com o olhar no existencialismo da pessoa como ser-no-mundo.

É de extrema importância saber que o olhar existencial na conjugalidade não se dá no tempo cronológico, mas no tempo do existir, em que cada indeterminação (passado, presente e futuro) mostra-se no “aqui e agora”.

Essa constituição diferenciada de organização familiar/conjugal, que não seja a existente há séculos pela sociedade construída por casais de homem e mulher, é o que se busca verificar nessa revisão de literatura nas pesquisas existentes com o olhar da fenomenologia.

Então, após essas definições e escolhas, os métodos e abordagens, acima citados, serão o foco desta revisão, com o objetivo de compreender como a conjugalidade homoafetiva tem sido vivenciada por cada um dos envolvidos e como têm se configurado os novos núcleos familiares, incluindo: como é o convívio entre eles, diante de amigos, da família, da sociedade, do trabalho e de seu meio social.

Seguiremos com os resultados obtidos, de acordo com o que foi localizado na literatura, acrescido do que as pessoas envolvidas nas relações homoafetivas citaram ou afirmaram sobre elas, o outro e o meio social, de acordo com cada situação aqui apresentada.

6. A AUTODESCOBERTA COMO PESSOA HOMOAFETIVA

Iniciaremos a verificação quanto ao que foi apreendido nas pesquisas estudadas sobre o momento da autodescoberta como pessoa homoafetiva. Abordaremos diferentes percepções dos indivíduos em relação ao momento em que eles passam a se entender como homossexuais, além das principais dificuldades vivenciadas.

Passaremos pela infância, adolescência, iniciação da sexualidade, início das relações afetivo-sexuais, amadurecimento da relação e como essas etapas foram vistas por amigos, familiares e pelo próprio meio social.

Uziel et al. (2006) cita em seu artigo pesquisa entre grupos homossexuais que homens e mulheres, que se percebem atraídos sexualmente por uma pessoa do mesmo sexo, dizem que, a princípio, têm muita dificuldade de se aceitarem.

Diz a autora que essas pessoas relatam se perceber diferentes dos outros, porém, comparando com o cenário atual, nota-se que essa “fotografia” de si mesmo vem mudando.

Hoje em dia, diversos estudos mostram que pessoas com atração sexual por alguém do mesmo sexo não são “aberrações” da natureza, e sim, que ela é voltada a outra orientação sexual, diferente dos padrões de normatização dos indivíduos.

Santos (2004), em sua Tese pesquisa realizada com cinco adolescentes entre 16 e 20 anos, também nos traz relatos interessantes em suas entrevistas sobre o assunto referido, ou seja, a partir de quando os indivíduos passam a se perceber com orientação homossexual.

Conforme relatou Santos (2004), para Felipe, por exemplo, sua descoberta foi aos 16 anos:

“... Eu gostava de ficar com meninas, e nunca tinha olhado para homens, nunca tinha olhado para homens, nunca tinha visto com outros olhos. Até então eu era realmente heterossexual...” ele relata que mudou sua opção sexual quando viu um menino em sua escola pelo qual se apaixonou...” (p. 74).

Em contrapartida, um segundo entrevistado de Santos (2004), Marcelo, relata que, quando ele começou a vivenciar a relação homossexual, acreditava ser algo

apenas sexual e que não possibilitava um afeto ou até um relacionamento ou menos ainda, um relacionamento com afeto.

Prosseguindo com a leitura das entrevistas de Santos (2004), identificamos uma que trazia um ponto de vista, ou percepção, diferente, comparada às anteriores. Para o participante Eduardo, ser homossexual é algo que ele mesmo identifica desde a infância, naturalmente, por entender que era o “correto” de acordo com suas preferências, como destaca quando diz que "Os outros meninos brincavam de carrinho e eu já gostava de pular corda com as meninas, os outros meninos gostavam de outros tipos de coisa e eu de rosa". (p. 97).

Pelo que percebemos em seus relatos, ele associa o fato de gostar de “coisas de menina” a ser homossexual, como podemos observar em outro trecho "Os outros dizem que os homossexuais são femininos. Como eu gosto de brincar de bonecas com as meninas e ter relações sexuais com homem, então sou homossexual". (p. 97).

Santos (2004) observa, sobre esse trecho, que Eduardo descreve que gostar de “coisas de meninas”, é algo bom, porque afirma ser uma boa pessoa, mesmo sendo homossexual, pois associa o fato de ser homossexual a algo ruim, e age de forma boa para compensar.

Continua o autor, em sua quarta entrevista, considerando que temos uma junção de situações que, segundo o entrevistado, o “levaram a ser” homossexual. O primeiro é o fato de ele já sentir, desde pequeno, que também gostava de “coisas de meninas” e o segundo, quando afirma ter se descoberto aos 11 anos, quando iniciou uma relação com seu primo de 17 anos, que durou até os 14 anos. Quanto à visão que tem sobre si, o entrevistado diz que "Para os outros, os meninos femininos são homossexuais. Sou feminino, então sou homossexual... Deus juntou homem e a mulher e fez o homossexual." (p. 106).

Santos (2004) também descreve, em outro trecho da mesma entrevista, um momento em que ele passa por uma “crise de identidade” a respeito de sua sexualidade e demonstra que o entrevistado tenta “lutar contra si mesmo” quando descreve:

“... Ah vou ser padre... ai eu entrei no seminário, então eu esqueci, entre parênteses, o (primeiro namorado). Lá dentro foi que me descobri mais ainda, porque eu conheci outras pessoas que tinham a mesma mentalidade que eu...” (p. 115).

Correia (2009), em sua Dissertação, realizou uma pesquisa com seis sujeitos, acima de 60 anos, com entrevistas diretas para identificar alguns pontos a respeito da velhice homossexual. Mas nessa pesquisa, localizamos muitos pontos importantes sobre a orientação, como um todo, principalmente nos relatos dos entrevistados quanto à fase da descoberta em suas vidas.

Um dos aspectos interessantes, que nos chama a atenção no trabalho desse autor, foi o fato de ele ter escolhido nomes de Deuses Gregos para representar seus entrevistados, justificando que “cada ser é único, como um Deus, único” e que essa foi a forma que achou de homenagear seus colaboradores. (p 111)

Apesar de Correia (2009, p.104-108) descrever que escolheu um grupo com específicas “características”, nos revelou curiosas diferenças identificadas nesse grupo a respeito da “descoberta” de cada um, em períodos e idades diferentes dos já vistos acima.

Correia (2009) relata que, para o entrevistado Hermes, a decisão foi tomada aos 23 anos, após um “namoro fracassado com uma mulher”, mesmo tendo ele vivenciado com um primo, uma “brincadeira” anterior a essa relação. Para Hefestos, segundo entrevistado, ele se “tornou” homossexual por causa do padre:

“... por causa disso me afastei da igreja... daí com vinte e poucos anos conheci uma pessoa com quem fiquei 21 anos... ele me pediu para não frequentarmos mais o ambiente gay... se não tivesse morrido, estaríamos juntos ate hoje...” (p. 116).

Em outra situação, Correia (2009) cita que Eros descreve que sentiu essa “tendência” antes mesmo de entrar na adolescência, “... Com 12 para 13 anos já comecei a sentir essa tendência, essa fixação pelo mesmo sexo... ia para cachoeiras com os moleques e lá... aos meus 14, 15 anos, comecei o relacionamento com um deles...” (p. 116).

Mesmo com este “início”, Eros relata que se casou, teve 3 filhas, mas continuou a sair com homens, pois sentia essa “tendência” muito forte. O que também nos mostra que não é improvável que essa situação não ocorra.

Correia (2009) relata também os acontecimentos com Apolo e destaca em um de seus discursos que o entrevistado teve dificuldades tanto com homens quanto com mulheres:

“... o meu primeiro problema foi enfrentar a homossexualidade, essa sim foi difícil... até os 20 anos eu saía com tudo que é tipo de mulher, daí vim para São Paulo e tive duas decepções muito grandes com mulheres e fiquei travancado...”. (p. 116).

O entrevistado Apolo complementa, descrevendo o início da relação com outro homem, “... tinha um amigo mais velho e ele me falou "vamos dançar" e me deu um beijo, e daí ficamos juntos 9 anos...” (p.117).

Até o momento, tivemos, nos trabalhos apresentados, um “foco” voltado aos homens, porém, a situação não é muito diferente com as mulheres, aliás, muitas são as semelhanças quando nos referimos ao momento da “autodescoberta”.

Cancissu (2007) em sua Dissertação realizou entrevista com mulheres, em busca de compreender a possibilidade dessa relação e, como já citado, identificamos algumas semelhanças entre os relatos acima, ou seja, entre relatos de casais formados por homens e casais formados por mulheres.

A entrevistada Isabela, por exemplo, chega a relatar que sua descoberta foi aos 17 anos, quando se apaixonou por sua melhor amiga, mas que, mesmo assim, ainda procurou ajuda de um psicólogo, pois, ela mesma, estava assustada com a situação:

“... eu tinha namorados, vida sexual normal... de repente vi que não me interessava mais por menino nenhum...até tentei ficar com uns, mas não rolava... comecei a me sentir atraída por ela... pra mim foi assustador...um dia de repente me apaixonei pela minha melhor amiga... e ai, o que é que é isso, o que faço com isso?” (p. 63).

Mas a entrevistada ainda não aceitou sua orientação e, conforme relatado por Cancissu (2007), ela chegou a procurar ajuda com um psicólogo, mas, mesmo entendendo que o maior incentivo veio da mãe, ela mesmo acaba por se “confundir”, como podemos ver neste trecho:

“Pois é: os anos passaram, e eu fui fazer terapia... Na realidade eu fui fazer terapia porque como minha mãe ficava com essa coisa, ela não aceitava, não aceitava e não aceitava, eu também tinha dificuldade na realidade de aceitar... Eu tive uma fase assim, que eu falei não, isso aqui não.” (p. 63).

O que notamos nas pesquisas acima é que encontramos semelhanças nos relatos dos entrevistados que o autor destaca. Algumas das declarações parecem até se repetir, mas isso não significa que buscamos aqui um “padrão” de descobertas, mas procuramos apenas fazer um comparativo e entender como cada um se percebe.

Podemos afirmar que existem diferentes formas de “descoberta”, e que, após ela, as relações homoafetivas começam a ser construídas.

Como vimos acima, é de extrema importância a percepção de cada um dos indivíduos nesse cenário, não só pelo interesse “exploratório” do tema, mas principalmente, pelo interesse que tenho em relação aos impactos que pode sofrer quando passa pelas situações citadas, como a autodescoberta, e as que ainda vamos detalhar.

Não há como falar das etapas, sem antes fazer uma reflexão sobre a influência que as pessoas podem sofrer quando passam por algum tipo de impacto emocional. Para ampliar essa visão, vejamos o que alguns autores citam a respeito de como responde o corpo, ao receber esses estímulos.

Vasconcellos (2008 p.39) em um dos capítulos do livro afirma que o ser humano é feito de sistemas que, em determinadas situações, podem alterar-se e serem alterados, dependendo das circunstâncias, até mesmo porque, “não existe função biológica que não sofra a influência do contexto emocional e nenhum fenômeno psicológico acontece independente dos sistemas, nervoso e endócrino”, ou seja, o corpo está em constante sintonia com os sistemas, que o completam.

“Nosso corpo pratica o “eu não existo sem você” com consciência, humildade e alegria, pois quando não o impedimos de funcionar como todo, conjunto, como orquestra bem afinada, ele nos presenteia com bem estar, satisfação, saúde e longevidade” (p.39).

Também entendemos que, nessa comunicação, um sistema interage com o outro, mas, ao mesmo tempo, “afeta” e é afetado, o que, comparado a nosso estudo, se relaciona à forma com que os casais lidam com momentos de estresse em uma relação homoafetiva, quanto à sua aceitação ou aceitação do seu meio social, e o quanto isto pode impactar, inclusive, em sua saúde como um todo.

Ramos (2006) descreve, em seu livro, ainda que, nesse movimento, todas as vezes que se aciona ou se tem uma queda no sistema imunológico,

automaticamente são acionados os outros sistemas, como por exemplo: um momento de estresse pode causar uma queda de imunidade e, conseqüentemente, propiciar uma doença ou mal estar. Ligado a esta situação, citamos um exemplo identificado nas pesquisas, quando alguns casais ou indivíduos, isolavam-se ou afastavam-se de seu meio, por algum motivo específico, logo após, passavam por indisposições, doenças, ou até indícios de início a depressão.

Detalharemos esses fatos de forma mais direta, no capítulo 9, onde será mostrado como são formadas as questões envolvendo a pessoa em sua totalidade.

Fazemos aqui uma observação quanto ao papel do psicólogo que, muitas vezes, é interpretado como um “solucionador” de “problemas psicológicos”, mas o que se observa com este estudo é que, esses denominados “problemas psicológicos” podem ser o corpo “respondendo” a estímulos, faltas ou excessos, dentro do próprio corpo, conforme visto, podendo ocasionar um desequilíbrio entre os sistemas e, conseqüentemente, um mal estar psíquico, sem que o próprio indivíduo envolvido nessa situação, o perceba.

“Qualquer fator ou situação de estresse, externa ou interna, pode alterar a relação entre os níveis de hormônios que circulam no sangue e influenciam nas células. Fatores psicológicos tem especial importância para eficácia do sistema imune, assim como para o sistema nervoso.” Vasconcellos (2008 p. 46).

É entendido por nós que, em situações comuns de estresse, o corpo reage, podendo causar, inclusive, danos a ele.

Ramos (2006) reforça ainda que o apoio social parece oferecer uma estabilidade protetora do indivíduo em momentos de transição e estresse. Segundo ele, temos que compreender como esse apoio social, incluindo o que vem dos amigos, ou de uma simples atitude amorosa “não hostil”, entra no corpo, passando pelos sistemas e promovendo a saúde.

Completamos aqui, fazendo uma leitura de que estamos, cada vez mais, nos aprofundando nos estudos da compreensão do ser, o que pode favorecer o entendimento e a aproximação da Psicologia, para que essa seja cada vez mais interpretada como complemento da medicina do corpo. É como cita Vasconcellos, (2008):

“O sonho da integração é antigo nos homens e, após o longo e milenar percurso feito, estamos nos aproximando deste momento fascinante, em que a vida será sentida e reconhecida como um todo, com a integridade com que ela se nos apresenta.” (p. 49.).

Trazendo esse foco aos relacionamentos homoafetivos, volto a dizer que, todas as fases vivenciadas pelos participantes dessa relação, devem ser observadas e pesquisadas com cautela.

A iniciar-se pela autodescoberta, quando já notamos grandes impactos emocionais, vamos ver a seguir como ocorre essa “passagem” do descobrimento à relação.

7. O CASAL NA RELAÇÃO DE CASAMENTO HOMOAFETIVA

Aqui inicio o estudo direcionado aos casais homoafetivos e as situações vivenciadas diariamente na construção da relação, porém, antes de verificarmos o que foi recortado das 11 pesquisas que embasaram este estudo, veremos abaixo o que localizei nos demais Artigos lidos, que versavam sobre o assunto:

Ano de Publicação	Autor	Título
2004	Norgren, Maria de Betânia Paes Et al	Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível
2005	Passos, Maria Consuêlo.	Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família
2006	Mello, Luiz	Femilismo (Anti) Homossexual e regulação da cidadania no Brasil. – Universidade Federal de Goiás
2006	Uziel, Anna Paula Et al	Parentalidade e Conjugalidade: Aparições no Movimento Homossexual
2006	Zambrano, Elizabeth	O Direito a Homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais
2006	Zambrano, Elizabeth	Parentalidades “Impensáveis”: Pais/Mães Homossexuais, Travestis e Transexuais
2007	Salomé, Geraldo Magela Et al	O significado de família para casais homossexuais

Segundo estes autores são de grande importância, não só que se reconheça esta relação, mas que se amplie e aprofundem os novos estudos, afim de apoiar os casais envolvidos em uma relação homoafetiva, seja de namoro ou de casamento.

Para Zambrano (2006), a iniciativa do casal de se reconhecer em uma conjugalidade imprime uma decisão importante, que deve ser de comum acordo, com uma construção positiva da identidade do casal, porém não necessariamente fácil de ser enfrentada.

A autora salienta que ficam mais presentes as questões culturais, como o pré-conceito e a discriminação que circundam a vivência da homossexualidade para a pessoa e para o casal a partir da união. Faz parte desse cenário, que a maior dificuldade encontrada é o que os novos casais recebem “em troca” do meio social quando escolhem se revelar.

Apesar dessas dificuldades, Passos (2005) escreve que tem havido uma maior visibilidade social e rede de apoio, mesmo que tímida, no que tange à homossexualidade, mas ainda é muito difícil o enfrentamento daqueles que decidem morar juntos, assumindo sua orientação homossexual e construindo uma nova família, pois quando o casal constitui a nova família, enfrenta um dilema psíquico, de como fazer essa construção e que consequências poderão vir junto com elas.

O autor ressalta que, para o casal homoafetivo, antes de tomar qualquer decisão, deve planejar como serão distribuídos os papéis dentro desse novo contexto familiar. Esse processo de subjetivação da existência não poderá deixar de existir por parte do casal.

Complementa Passos (2005), observando que essa é uma nova realidade que nos traz a reflexão e que devemos olhar para essa família de forma flexível, para que não tenhamos futuras famílias infelizes, possibilitando a expressão dos sujeitos em sua singularidade sócio-afetiva.

Mello (2006) registra que algumas modificações já são notadas no que diz respeito às novas formas de famílias. Há uma reflexão no que pode ser o papel da conjugalidade e formação dos novos grupos domésticos.

Para Salomé (2007), existem diferentes formas de família consideradas como “... a morada do ser humano, o porto seguro, pessoas que vivem juntas...”. “A família também é vista como o primeiro espaço promotor das satisfações, desenvolvedor da construção da personalidade” e socialização, tornando-a, a sociedade mais antiga.

Em outras palavras, a família é o ambiente, onde a pessoa desenvolve a primeira percepção ou interpretação de como é seu “mundo” e apreende as formas de “lidar” com ele, iniciando pelos exemplos observados em seu ambiente ou “lar”.

Mello (2006) refere-se à família, não como apenas sinônimo de casamento, ainda submetida às regras de caráter heterocêntrico, mas também como

reivindicadora dos direitos civis, para que seja reconhecida essa união na sociedade, que regula a liberdade entre os seres humanos.

No âmbito jurídico, os casais homoafetivos ainda não são socialmente conhecidos na forma conjugal, o que tira a possibilidade do casal de reconhecimento de sua própria existência civil e seus vínculos afetivo-sexuais, relação antes vista como doença. (Mello, 2006)

Norgren (2004) afirma que, sem dúvida, não somente a conjugalidade, mas a subjetividade são conceitos que implicam ter as próprias necessidades nos desejos satisfeitos e correspondê-los, seja em maior ou em menor proporção, mas definindo um dar e receber espontâneo e recíproco, envolvendo bem estar, companheirismo, segurança, afeição, sensações e sentimento.

Completa Norgren (2004) que a conjugalidade, assim como o trabalho na fase adulta, é aspecto central da vida e sua qualidade tem grande participação na saúde física e mental de cada envolvido, aliviando o estresse externo, transformando-o em um refúgio, tanto para homens quanto para mulheres.

Por esses motivos, torna-se muito importante que satisfaça cada participante desse círculo, gerando uma relação saudável, pois nem sempre um casal que está há longo período junto, representa uma relação para ambos.

Uziel et al.(2006) chama a nossa atenção para o fato de que a homossexualidade ainda é considerada pelo estado e pela religião, hegemonicamente, como um distúrbio de ordem física ou mental, indo contra os padrões concebidos como naturais. Ou seja, a natureza fez dois sexos: o feminino e o masculino, que deveriam cumprir as funções de reprodução sexual e social. Assim, qualquer outra forma de manifestação de sexualidade é vista como uma aberração em relação à natureza.

Em contrapartida, Salomé (2007) cita que um dos temas mais polêmicos abordados na atualidade é a união civil entre pessoas do mesmo sexo, alcançando cada vez mais força na mídia nacional e internacional, visto que se trata de tema para o qual já se tem aprovação mundial, e sua aceitação é uma realidade em diversos países, inclusive no Brasil.

A importância desse reconhecimento se faz necessária principalmente nos direitos que lhes são negados, para que sejam vistos como novas formações familiares e, assim, serem tratados como tal.

Nossa leitura, neste ponto, interpreta que diante dessas observações, não só o reconhecimento legitimado é importante, mas o fato da significância que têm as vidas de quem vivencia essas relações.

Diversos diálogos foram lidos nas pesquisas aqui utilizadas, mostrando exemplos de casais que passavam por extrema dificuldade, chegando até a não se entender, ou não se apresentar como um casal, especificamente pelo não reconhecimento social de sua relação.

Ressalta Salomé (2007) que, por parte da enfermagem, pode ser notado que ainda há pouco zelo e atenção para com famílias formadas por pessoas do mesmo sexo. Assim, é necessária a sua inclusão nos planos de assistência, contemplando a vivência dos próprios profissionais de enfermagem para o acolhimento sem preconceito, visto que para a enfermagem, humanizar tem um forte significado de reconhecer o SER existente em cada um, seja qual for sua orientação.

Pelos motivos expostos, há, na atualidade, uma importância em entender essas relações, o que nos faz prosseguir, apresentando como os indivíduos que vivem em relação homoafetiva se percebem em cada um dos contextos citados e, de acordo com o que foi localizado nas Teses e Dissertações citadas na tabela abaixo, veremos cada uma destas situações por tópicos.

Autor	Título	Ano de Publicação	Tipo de Trabalho	Área
Marcio Stefanini Sant'Anna	A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo masculino	2002	MESTRADO PUC	PSICOLOGIA CLÍNICA
Elcio Nogueira dos Santos	"Conto ou não conto?": os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo	2004	MESTRADO PUC SP	GERONTOLOGIA
Murilo dos Santos Moscheta	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	2004	MESTRADO USP RIBEIRÃO PRETO	PSICOLOGIA
Fernanda Pasqualucci Ronca	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina	2006	MESTRADO PUC SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Lésbicas, família de origem e família escolhida. Um estudo de caso.	2007	MESTRADO PUC SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Eduardo Lomando	CONJUGALIDADE GAY E LÉSBICA E REDE DE APOIO SOCIAL	2008	MESTRADO PUC RS	PSICOLOGIA
Carlos Alexandre Costa Correia	Homossexualidade e Velhice: A dupla Estigmatização	2009	MESTRADO PUC SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Roberta da Costa Borges	Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas	2009	MESTRADO USP SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Edson Luis Defendi	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso.	2010	MESTRADO PUC SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Marcio Stefanini Sant'Anna	Nem tudo são flores: um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina	2011	DOUTORADO PUC SP	PSICOLOGIA CLÍNICA
Brunella Carla Rodrigues	A Representação Parental de Casais Homossexuais Masculinos	2012	MESTRADO USP SP	PSICOLOGIA CLÍNICA

Partiremos a partir deste ponto para os tópicos, que possibilitarão o olhar para cada etapa da relação, como: a visão de cada um a respeito dela, a maneira como dividem as tarefas, o ciúme, a fidelidade, o relacionamento com a família, os amigos e o meio social.

7.1. A construção da vida conjugal

Mesmo sendo a construção da vida conjugal do casal, um dos principais focos deste trabalho, tivemos imensa dificuldade em localizar pesquisas nas quais o tema era abordado. Ora por não ser perguntado pelo pesquisador, ora pelo fato de em perguntas abertas, os entrevistados não citarem o assunto. No entanto, mesmo com essa dificuldade, conseguimos encontrar o que transcrever aqui.

Em pesquisa realizada por Correia (2009), são citados alguns trechos a respeito da percepção dos indivíduos quanto à nova formação familiar. Em geral, os entrevistados consideram a construção da homoconjugalidade, como exemplo a ser seguido.

A respeito do primeiro entrevistado, identificado como Hermes, Correia (2009, p.127) relata que ele pensava não só em se casar, mas em adotar um filho, e foi o que fez. Para Poseidon também é clara a nomeação, já que se tratavam como família ou, em suas palavras, “todo mundo socorria todo mundo”. Apolo também afirma que a relação era de família, inclusive diz que assim foi desde o começo (p.128).

Defendi (2010), em sua dissertação de mestrado, utilizando-se de pesquisa qualitativa num estudo de caso com dois casais com orientação homossexual masculina, relatou como se iniciou essa construção.

O primeiro casal citado se conheceu pela Internet, se encontraram, passaram a noite juntos e a partir daí iniciaram a relação. Após Caio se perceber apaixonado por Régis, efetivaram o namoro e, sucessivamente, o casamento. Caio ainda comenta:

“... Estar casado tem vários significados, para um, uma convivência amorosa de ajuda e companheirismo, de experiência muito gratificante, e para outro, vivência como se fosse uma relação heterossexual, ou seja, como se fosse natural e comum...” (p. 91).

Defendi (2010, p.93) comunica, em um dos trechos de suas entrevistas, que o casal cogita uma proposta de casamento em formato de união estável, ou parceria

civil, registrada em cartório, para que ambos possam obter “ganhos”, como plano de saúde, seguro de vida e decisões em caso de coma.

É interessante também mencionar que Régis estava em processo de separação, residia na casa dos pais e mantinha um bom relacionamento com a ex-mulher; Caio, no entanto, estava em uma “meia relação”, mas havia muitos conflitos devido ao companheiro ter dificuldade em se relacionar. Após Régis se declarar apaixonado por Caio, os dois iniciaram o relacionamento. (p.87)

Defendi (2010 p. 89) ainda comenta que Régis tinha receio de assumir a relação com Caio devido ao medo da reação da ex-esposa e dos filhos, pois temia uma rejeição. Realmente, acabou ocorrendo o afastamento após vir à tona a informação desse rompimento, Régis resolveu morar definitivamente com Caio.

O autor reflete que as narrativas apresentadas pelos entrevistados demonstram a importância positiva para o casal, quando à inclusão de ambos em suas respectivas redes sociais, ou de apoio.

Para Régis, estar casado significa construir um espaço de convivência amorosa, de ajuda e companheirismo, de forma muito gratificante. Ele faz o comparativo desses tópicos entre Caio e o seu relacionamento conjugal heterossexual - "Para Caio, residir junto, compartilhar e dividir o mesmo espaço tem um sentido importante do "estar-casado", representa uma legitimação e confere maior segurança a sua relação com Régis.". Defendi (2010, p.91).

O que podemos notar neste trecho, é que a preocupação também está presente em relação aos benefícios ligados à saúde e aos seguros sociais, além do direito de tomada de decisão quanto à vida do outro, o que também acontece nos relacionamentos heterossexuais, ou seja, as preocupações corriqueiras a respeito da vida de cada indivíduo.

Sant'Anna (2002) realizou uma pesquisa com três casais, com o objetivo de investigar como as relações homoafetivas se configuraram. E relata três pontos de vista totalmente diferentes em relação à construção conjugal.

Conforme seguem as entrevistas, o primeiro casal conta que se conheceram em uma danceteria gay e o que chamou a atenção de Anselmo para Bruno foi o cavalheirismo, a educação, o cheiro, o corpo e talvez o carro. Bruno queria sair da

casa da mãe e, então resolveram morar juntos. Hoje, vivem numa casa própria. (Sant' Anna, 2002, p.68-69).

Sant'Anna (2002, p.76-77) continua em sua segunda entrevista e relata como o casal travou conhecimento. Caio conheceu Dante em uma danceteria gay - o que chamou sua atenção foi o modo de ser do Dante, que lhe deu atenção e carinho, o que veio ao encontro de sua carência. Depois veio a paixão, o querer ficar perto o tempo todo, e Caio chamou Dante para morarem juntos.

Em sua terceira entrevista, Sant'Anna (2002, p.103) descreve que o casal também se conheceu em uma danceteria, porém não moram juntos porque Edson não quer, pois, em razão de ter morado em uma república, agora quer ter seu próprio espaço. Felipe disse que se apaixonou no primeiro dia. Considera que o sexo é importante, mas menos que o afeto.

Rodriguez (2012) realizou uma pesquisa com objetivo psíquico e não social, com a participação de 05 casais masculinos, juntos há mais de 2 anos, e também nos narra a vivência do início de suas relações. Dentre os cinco casais, 04 se conheceram pela internet e 01 (um) conheceu o companheiro num grupo terapêutico que frequentavam. Apenas o primeiro casal, Henrique e Thiago, relata que ambos eram heterossexuais antes de se conhecerem.

Apesar da similaridade entre a forma pela qual os casais citados se conheceram, notamos que a opinião é divergente no que se refere à construção da relação no momento de oficializá-la.

Enquanto o primeiro casal considera importante a união civil com direitos e deveres que podem vir a amparar o casal, para o segundo não passa de uma formalidade e, para eles, está direta e intrinsecamente ligada ao lado financeiro. Para o terceiro, não há interesse, por acreditarem que a união não precisa passar sequer pela ligação de bens.

Apesar das opiniões serem divergentes, o reconhecimento oficial ou não reconhecimento, não altera a convivência ou o relacionamento entre o casal, e sim como cada um vê o relacionamento.

7.2. O relacionamento na visão de cada um dos parceiros

É de extrema importância como cada um se percebe e se insere quando em uma relação, estando juntos em moradia, há muito ou pouco tempo. Por esse motivo, vamos descrever abaixo o que localizamos nas pesquisas realizadas sobre o assunto.

Santos (2004), em sua pesquisa, apresenta alguns trechos de entrevistas com cinco adolescentes de 16 a 20, que expressam seu ponto de vista e sua percepção em relação à sua orientação.

Para um dos entrevistados, Marcelo, no início, suas relações tinham apenas significados ligados a desejos sexuais, mas essa visão mudou quando ele se apaixonou por um dos homens com quem se envolveu.

Durante essa transição, ele acredita ter “deixado de lado” conceitos sobre a relação, que ele mesmo nomeia como “doença” ou “perversão”, passando a enxergar a relação como “... uma possibilidade afetiva...”

“... É um rapaz que ele conhece fora de São Paulo, que se torna seu primeiro namorado, que constrói novos sentidos da homossexualidade para Marcelo “... a gente foi mantendo um relacionamento, foi descobrindo muitas coisas, tal, sobre sentimentos, eu digo assim, eu posso dizer que foi uma paixão, né, eu me apaixonei por ele...” (p. 95).

Santos (2004) comenta que, após a mudança dessa “leitura” de Marcelo em relação à sua vida amorosa, ele toma, inclusive, a decisão de se “assumir” publicamente, para colegas de escola e para sua mãe. Além disso, o próprio entrevistado ressalta que assumir quando não se tem uma pessoa ao lado, se torna muito difícil, pois não tem com quem dividir tal dificuldade.

O que nos mostra também a importância do apoio da família para seu familiar que passa por essa situação,

Santos (2004, p.111), em sua segunda entrevista, traz a percepção de um rapaz chamado Paulo, que em rápido comparativo com o que identificamos nas demais pesquisas, podemos dizer que vê a relação com “outros olhos”. Afinal, notamos que, para ele, a sexualidade não é o mais importante. Ou, como cita o autor:

“... É interessante observar que Paulo faz uma distinção entre sexualidade e amar. Tal colocação nos remete a uma idealização de amor. Para ele amar significa não ter relações sexuais, já que estas significam "compra e venda", distanciadas do sentimento...” (p. 111).

Sant’Anna (2004) faz um comentário interessante, que surgiu na entrevista com Paulo, após ele ter dito que sexo não é o ponto mais importante da relação, “... esse discurso confirma, e é confirmado, pelo imaginário popular que as relações homossexuais são apenas sexo, desprovidas de sentimentos...” (p. 112).

Cansissu (2007), em sua pesquisa a respeito de relacionamentos entre mulheres, visando ao entendimento da construção dessas relações, cita um trecho significativo que compara as relações entre mulheres com a relação entre homens, também homoafetivas, ““ O homossexualismo masculino é, nesse sentido, bem diferente do homossexualismo feminino” Sendo assim, as mulheres apenas se relacionam quando estão realmente interessadas” (p. 69).

O que a autora quer dizer com essas palavras é que notou, em sua pesquisa, que as mulheres não são tão ligadas ao fator sexo quando o assunto é relacionamento, ou seja, que para elas esse não é um dos principais critérios, ou até mesmo, o inicial. O que podemos confirmar também na fala de sua entrevistada abaixo:

“... eu ouço muitas mulheres que hoje estão com outras mulheres, e que falam: "eu não me apaixonei por outra mulher pelo sexo, eu me apaixonei pela pessoa", e acho que tem esse lado. Então é uma coisa um pouco diferente: o homem tem essa coisa mais sexual. “... eu só fico com alguém, não quando eu estou apaixonada, mas quando eu estou muito interessada. Se eu tenho a sensação de um sentimento meio morno, eu não fico, não dá...” (p. 69).

Cansissu (2007) entende que fica nítido que, para sua entrevistada, a relação é mantida em razão do conteúdo e não de algum interesse específico. E complementa em comparação com o heterossexual, que, segundo ela, geralmente, demonstra pressões ou interesse por “lucros secundários”.

Por outro lado, Lomando (2008), em pesquisa realizada com 111 casais, nos traz três pontos de vista diferentes dos casais quanto à relação, "Quando questionados sobre como definem seu relacionamento, 37,8% responderam namoro, 31,5% casamento e 27,9% união estável." (p.67).

Moscheta (2004) realizou uma pesquisa com seis casais de homens homoafetivos, com o objetivo de aprofundar seu conhecimento quanto a essas relações e entender a necessidade específica dessa população.

O que o autor identifica em relação a esse item estudado, é que foi unânime a resposta dos casais quando se referiam à forma de ver suas relações, com frases como:

"... é um relacionamento bastante estável..." (Eduardo e Fábio); "Ah, é uma relação entre um casal normal." (Ivan e Jorge); "... é um casamento (...) tem a parte que é normal, que em todo casamento acontece..." (Carlos e Daniel) e "Primeiro, estável" (Gustavo e Heitor). (p. 71).

Como podemos observar, ao contrário do que foi citado até o momento, em relação aos casais masculinos, fortemente ligados ao lado sexual, não é exatamente dessa forma, ou seja, não há uma "regra" ou um "modelo padrão". Segundo relatado pelos entrevistados e complementado por Moscheta (2004, p.73), as relações entre homens também têm sua "parcela" de parceria, companheirismo e outros aspectos "assim como os heterossexuais", como confirmamos abaixo, em um momento de comparação dos próprios entrevistados:

"..." Jorge: Geralmente no casal hétero um manda no outro. (...) Eu acho que no casal, o casal homossexual não, acho que é mais... Ivan: mais equilibrado"...(Jorge e Ivan)..; ".. Eu tenho várias amigas mulheres que hoje são ex-casadas e veem na nossa relação um exemplo de relação amorosa. Várias vezes elas citam a nossa relação. (Gilberto e Heitor)." (p. 73).

O "equilíbrio" referenciado acima está ligado, nessa pesquisa, ao emocional. Inclusive, em continuidade as entrevistas, os casais relatam que passaram a ver a vida com outros "olhos" e, o que os fez mudar, foi a possibilidade de serem felizes como são.

Lomando (2008) nos traz um ponto de vista, em sua pesquisa, a respeito da leitura dos casais quanto à relação:

"Podemos pensar que a elevada satisfação conjugal se explique pelo tempo de convivência (média=5,8; dp=5,6) e coabitação (47,7% dos entrevistados vivem com a/o companheira/o). Esses achados corroboram os registros encontrados na literatura de que gays e lésbicas na atualidade têm vivenciado relações que valorizam o afeto e a flexibilidade conjugal, experienciando bons níveis de vinculação amorosa, desejo à parentalidade e a divisão de uma vida em conjunto" (p.70).

Rodriguez (2012) nos traz relatos acerca da percepção dos casais, masculinos quanto a sua relação. Ele cita como eles se percebem e falam de seus projetos de “futuro” para o casamento.

Para Henrique e Thiago, por exemplo, juntos há 02 anos e 06 meses, a união foi firmada após 06 meses. Eles usam aliança para simbolizar um casamento, mas também pretendem oficializar, casando-se no cartório. Moram em um apartamento alugado e têm planos de comprar uma casa própria. Rodriguez (2012)

Já para Alex e Roberto, ambos já tinham passado por relacionamentos homossexuais anteriores e contam que, quando se conheceram, buscavam um relacionamento estável, e logo após, já foram morar juntos. Eles já oficializaram a união em um cartório e fazem planos: Rodriguez (2012)

"as ideias bateram muito de relacionamento estável, a ideia de adotar criança, de pegar um animalzinho de estimação, quer dizer tudo! de paparicar, ele gosta de se paparicado... ele também adora paparicar, de fazer carinho sempre" (p. 45 e 46).

Danilo e João moram em um “puxadinho” nos fundos da casa da família de origem de um deles. Pretendem casar-se oficialmente, mas, por enquanto, não tencionam ter filhos. Rodriguez (2012)

O ultimo casal, Leandro e Gabriel, está junto há 04 anos e, segundo o autor, tomam cuidado para não cair na rotina. Casaram-se na igreja Adventista, e, referem-se ao casamento como algo muito significativo, dizendo, inclusive, que várias pessoas se emocionaram ao vê-los na igreja. Leandro descreveu a importância da visibilidade da cerimônia ao torná-la pública. Depois de um ano, oficializaram sua união também em cartório. Rodriguez (2012)

É claro para mim que a construção dessas relações ocorreu de forma mais do que comum e cronológica. Como podemos notar, os 05 casais passaram por diversas etapas que abrangem o casamento, inclusive, para oficializar a união. Sabe-se, com certeza, como aqui demonstrado, que a decisão por essa construção não é facilitada, porém o que vimos nesses relatos foi a força e a objetividade dos casais ao tomarem essa decisão.

Rodriguez (2012) ainda traz uma citação de Alex que expressa bem o que foi dito acima:

"eu acho que tem que batalhar pra ficar junto e enfrentar os problemas com a maturidade. Eu acho que os problemas existem pra amadurecer, e não pra criar problema na sua vida eternamente. Roberto acrescenta que" acho que vai ter o lado bom também, eu gosto muito de crianças, eu gosto de lidar com o universo infantil, acho que vai ser prazeroso, sair para passear, de ensinar as coisas" (p. 46).

Ronca (2006, p.10) faz um estudo interessante a respeito de agentes estressores e o nível de estresse encontrado em mulheres homossexuais e heterossexuais, visando a identificar diferenças e semelhanças entre os dois grupos.

Como o foco do trabalho não foi especificar como é cada relação, tomando como referência nosso item, pudemos coletar poucos dados sobre como os casais se percebem. No entanto, dados e comparativos importantíssimos em outros aspectos foram localizados e serão citados ao longo deste trabalho.

O que nos chama atenção, conforme destaca Ronca (2006), é que a conjugalidade para as mulheres que vivenciam a homoafetividade, não é igual para todas, pois, enquanto parte das mulheres prefere não se expor, outras não só se apresentam como casal, mas levam sua convivência com extrema naturalidade.

É interessante ressaltar neste ponto que, conforme verificamos em duas pesquisas distintas, uma delas voltada aos casais masculinos e outra aos femininos, é que ambos buscam características semelhantes na construção da relação, porém também entendem que pode haver diferenças ligadas a aspectos de masculinidade ou feminilidade.

Dentro dessas relações, diversos são os desafios diários encontrados entre os participantes. Vejamos a seguir, como são tratadas as convergências ou divergências quando o assunto é a divisão das tarefas.

7.3. Divisão de tarefas

Nesse item, verificaremos de que forma é feita a divisão das tarefas entre os casais em homoconjugalidade, buscando esclarecimentos sobre as questões que abarcam essas relações, tais como: "quem é o homem e quem é a mulher em casa?"; quando dois homens vivenciam essa relação, a pergunta que se faz é "quem cuida das tarefas domésticas?" e quando são duas mulheres "quem é o chefe da casa?". Perguntas essas relacionadas aos papéis atribuídos ao gênero.

Conforme a pesquisa de Sant'Anna (2002), que versa sobre casais masculinos, a divisão é, na maior parte das vezes, feita de acordo com a prática e gosto de cada um para realizar as tarefas conforme necessário, ao contrário do que “normalmente” identificamos nos relacionamentos heteronormativos, em que o “padrão” é o homem ser o responsável pela sustentabilidade da casa, enquanto a mulher cuida da família e do lar.

Estas diferenças podem ser identificadas nos relatos de Sant'Anna (2002) a respeito de seus entrevistados e, conforme vamos observar abaixo, segundo o que eles mesmos relatam.

O primeiro casal, Anselmo e Bruno, são exemplos dessa situação e, conforme o autor “... o casal Anselmo e Bruno se organiza de acordo com o que cada um gosta na divisão de tarefas”. O segundo, formado por Caio e Dante, já é mais “tradicional”, ou seja, um cuida da administração da casa, mas, mesmo assim “... cuidar da casa, lavar e passar roupa, fazer comida os dois fazem...” E para o terceiro casal, que não mora junto, mesmo quando estão sob o mesmo teto dividem as tarefas, segundo Sant'Anna, (p.139,127 e103-104).

Como dissemos acima, dentre os três, o que predomina é realmente a divisão de tarefas conforme um acordo, porém não podemos apenas nos embasar nessas situações. Vejamos, então, o que as demais pesquisas apresentam sobre o mesmo assunto.

Cansissu (2007) pesquisou casais femininos e, curiosamente, identificamos que a situação quase se repete. Conforme relatado pela entrevistada, pode também depender do perfil da pessoa com quem se está junto. Vejamos o depoimento abaixo:

“... com a Mirtes era assim: eu trabalhava em casa, a casa era minha, então eu bancava os gastos do apartamento e ela ficava com o supermercado, comida, essas coisas. A Mirtes era meio mãezona... mas com a outra namorada, eu era meio mãezona...” (p. 70).

Nesse trecho, podemos afirmar que a semelhança identificada foi a possibilidade de divisão de tarefas de acordo com o perfil ou a adaptação de cada um, dentro da relação homoconjugal. Conforme citado pela própria entrevistada, “acho que depende do casal”. (p.70)

Defendi (2010) também cita, em seu artigo, a questão da igualdade na divisão das tarefas e complementa observando que:

“... antes de serem gays, e serem definidos por sua orientação sexual, homens gays são homens, e foram socializados sob a lógica masculina, ou seja, espera-se que sejam fortes, controlem suas emoções, sejam competitivos e poderosos, mais ligados a sexo e menos intimidades, ou seja, dois homens vivendo juntos podem acirrar essas características e promover crises em suas relações conjugais.” (p. 52).

Essa citação veio a interar o fato de que o casal homoafetivo não tem diferenças de comportamento por estar em uma relação homossexual, mas sim, por eles terem sido “configurados” com papéis específicos pelo meio social. Somente após vivenciarem essa relação, percebem que algumas adaptações precisam ser feitas.

Defendi (2010) complementa ainda, relatando o impacto que essa união pode trazer na divisão de tarefas no que se refere ao gênero e a suas cobranças:

“Um dos problemas mais comuns ligados a essa questão está no mito que homens gays são desengajados em seus relacionamentos afetivos e conjugais e que lésbicas tendem a ser fusionada em suas relações, isso devido à socialização de gênero em nossa cultura que ensina que o homem deve ser mais interessado em sexo e controlar suas emoções e que a mulher deve ser mais afetuosa, carinhosa e passiva nas relações afetivas. Porém sabe-se que essas “diferenças” que afetam os homossexuais estão diretamente ligadas ao fato de serem homens e mulheres e não por sua orientação sexual.” (p. 53).

Sant’Anna (2011) realizou nova pesquisa com cinco casais masculinos, entre 23 e 52 anos, com o objetivo de identificar a dinâmica de conflitos nessas relações homoconjugais, porém no que se refere à divisão de tarefas, encontramos os seguintes cenários.

Para o primeiro casal, Carlos e Daniel, um cuida da cozinha e o outro da arrumação, as demais tarefas são realizadas por ambos. Apesar do “acordo”, nem sempre tudo são flores, como relata a autor:

“... Daniel diz que è mais organizado que Carlos: *“Eu sou diferente, vou fazendo as coisas, lavando e guardando, quando termina, só tem a louça do almoço”.* Ele não, e às vezes a gente discute também por causa disso”. Já Carlos relata que seu maior problema é com a arrumação: *“Não sou uma pessoa de passar roupa, e ele briga comigo direto. “A gente não tem ninguém que ajuda porque nós conseguimos dar conta das coisas.”* (p. 123).

Sant’Anna (2011), em entrevista com o segundo casal, nos traz outra situação bem parecida, mas com a inclusão de uma faxineira que os auxilia durante a

semana, "... Felipe cozinha no fim de semana, e Emílio lava roupa e pendura. A cachorra é cuidada pelos dois..." (p. 124).

Assim como o segundo, o terceiro casal, formado por Gilberto e Henrique, também tem uma diarista que ajuda com a faxina, mas eles também dividem tarefas, "A cozinha é responsabilidade do Gilberto". Ele afirma: "Eu amo cozinhar". "Henrique se diz perfeccionista na limpeza" (p. 124)

O quarto casal entrevistado por Sant'Anna (2011) tem as mesmas características, apenas com uma observação de que eles têm uma empregada que comparece três vezes por semana, e é orientada por José, mas, nos fins de semana, as tarefas também são divididas, "José é quem cuida dos afazeres da empregada, isto é, é ele quem distribui as tarefas dela. Igor diz que não tem tempo para os afazeres da casa, mas ajuda nos fins de semana." (p. 124-125).

Em pesquisa realizada por Rodriguez (2012), podemos verificar que, mesmo com a divisão, um dos participantes faz o comparativo de gênero, homem e mulher, e revela que se identifica com essa relação, mesmo dividindo as tarefas.

Gabriel se recusava a participar de atividades como lavar a louça, até que resolveram amigavelmente após conversarem a respeito: cada um ficou responsável por aquilo que mais gosta de fazer. Leandro lava a louça e cozinha, enquanto Leandro varre a casa e passa pano no chão. Mas Gabriel deixa claro que não gosta de serviços domésticos. Faz uma analogia com um casamento entre homem e mulher. Quando o homem trabalha, e a mulher fica em casa, ela cuida da casa.

Como pôde ser observado nos casos acima, continuamos a constatar a existência de uma divisão de tarefas de acordo com a preferência de cada um, além dos trabalhos realizados juntos.

Mesmo assim, tivemos dificuldade para averiguar esse assunto, pois foram poucas entre tantas pesquisas, as que os casais, tanto de homens quanto de mulheres, falam sobre a divisão de tarefas. Entendemos que isso pode ocorrer por alguns motivos específicos, como por exemplo, não serem situações geradoras de grande discórdia, além de não haver necessidade de acompanhamento profissional, não ser assunto de atual foco ou de interesse dos participantes ou pesquisadores .

Mesmo assim, de acordo com o material lido, finalizamos esse tópico com o entendimento de que, apesar da dificuldade em relação à personalidade dos

gêneros e das divisões de tarefas, a convivência pode ser possível com grande índice de “qualidade conjugal”.

7.4. Ciúme e fidelidade

Ciúme e fidelidade são assuntos costumeiramente polêmicos em nossa sociedade. Pretendemos aqui entender de que forma ocorre o ciúme, a que patamar chega, se existe ou não. Além disso, tencionamos saber a visão dos casais em relação à fidelidade.

Em entrevista realizada por Sant’Anna (2002), com dois casais masculinos, pudemos identificar diferentes pontos de vista dos participantes. Por exemplo, enquanto que para o casal, formado por Anselmo e Bruno, existe a aceitação de um terceiro na relação, mas sem envolvimento sentimental, para o segundo casal, formado por Caio e Dante, essa possibilidade não existe.

Para Anselmo e Bruno, que ficaram sete anos casados e depois se separaram por seis meses, continuaram morando na mesma casa. A reação de Anselmo ao presenciar as “saídas” de Bruno nesse período, foram aceitas. Por outro lado, o casal Caio e Dante, diz lidar bem com o assédio, mas que “confiança e respeito” são de extrema importância e claramente pontuados pelo casal. (Sant’Anna 2002, p.81,82, 89)

Sant’Anna (2002, p.105) ainda entrevistou um terceiro casal, também com opinião distinta do segundo. De acordo com o autor, tanto para Edson como para Felipe, no relacionamento, cabe uma terceira pessoa, eventualmente, para apimentar sexualmente a relação, na maioria das vezes um amigo. Essa pessoa se faz presente em decorrência da vontade de Edson, e Felipe concorda.

Rodriguez (2012) também fez um estudo com casais masculinos e nos traz situações parecidas com as citadas por Sant’Anna, pois, enquanto para Henrique e Thiago, juntos há 02 (dois) anos a relação é dita como fechada, para Breno e Carlos juntos há 16 (dezesesseis), a relação é aberta, por não acreditarem na possibilidade da monogamia, mas mesmo assim, prezam a lealdade em prol da fidelidade.

Nas pesquisas estudadas, não encontramos grupos de mulheres com relatos sobre esse tema.

Como citei anteriormente, tive dificuldade com esse item, tendo em vista a falta de informações; quero ressaltar que existe a necessidade de novas pesquisas para explorar esse tema a fim de entendermos melhor cada uma das situações.

7.5. O relacionamento entre o casal e suas famílias de origem

Até o momento, foram verificados importantes assuntos na construção da conjugalidade homoafetiva, porém, nesse item, tentarei entender como é a relação desses casais com a família de origem de cada um.

Se pararmos para refletir onde se iniciam as discordâncias entre os indivíduos e suas famílias, lembrar-nos-emos da expressão popular “sair do armário”, que significa o ato do indivíduo assumir para seus familiares, amigos e sociedade sua orientação homossexual.

Essa decisão é, por vezes, muito dolorosa para todos os envolvidos. A próxima etapa também é considerada como delicada, a ocasião em que cada um leva seu par para o encontro com seus familiares ou quando o apresenta de alguma maneira a estranhos. Por essa razão, vamos aqui avaliar como os casais sentem esses momentos em que assumem a relação com seus pares.

Santos (2004) nos traz uma situação que, muito comumente, chega ao nosso conhecimento, quando um de seus entrevistados, Paulo, leva para casa o namorado para apresentar a mãe, "... “foi aí que começou a guerra dentro de casa...” Em seguida, ele foi expulso de sua casa e associa isso ao fato de ter levado seu namorado para lá.” (p. 114).

Borges (2009) realizou uma pesquisa com mães de homossexuais e, numa das etapas, nos traz a visão de uma delas a respeito do momento em que seu filho trouxe o namorado para casa, “... ah mãe é bravo... porque lá em casa... o quê que eu falo pra ele...” não é por ser menino... porque se fosse menina... é a mesma coisa”... quando ele (um namorado) vem...você tem que me avisar...” (p. 103).

Cansissu (2007) nos apresenta um relato de um casal feminino, mas, segundo a própria entrevistada, a reação se deu desta forma devido a costumes e características da menina que lhes foi apresentada:

“... a primeira companheira apresentada aos pais, ela ainda não era aceita como homossexual na família, mas a companheira não foi bem aceita pelo fato de não ser boa pessoa, mexia com drogas e etc. Já após a aceitação da família, ela apresentou sua nova namorada e os pais aceitaram e amaram a companheira, frequentava as festas de família normalmente.” (p. 71).

Sant'Anna (2002) relata também alguns trechos a respeito da família dos casais entrevistados. Abaixo, podemos observar diferentes recepções e formas de agir de cada um, tanto dos familiares como do casal.

“Para Anselmo e Bruno, nenhuma das famílias sabe explicitamente sobre a orientação sexual de cada um, e nem da relação em si; porém, quando acontecem festas em família e um dos dois não aparece, os familiares perguntam sobre pelo outro.” (p.71 e 72).

O segundo casal entrevistado por Sant'Anna (2002, p.87 e 88), Caio e Dante, também preferiu não deixar “claro” para as respectivas famílias, ou falar sobre o assunto. Caio relata que a convivência de Dante com sua mãe é próxima e têm uma relação de amizade, enquanto Dante diz que a família não questiona a sua orientação sexual, e ele nunca falou diretamente para os pais, somente para os irmãos, que o aceitam, “... seus pais e seus irmãos gostam muito de Caio e seu pai diz: “somos todos irmãos” e menciona que sua família não tem preconceito.” P. 96.

Sant'Anna (2002, p.107 e 108) também aborda o assunto com Edson e Felipe. E o que pôde verificar é que Edson tem bom relacionamento com seus familiares e afinidade com sua irmã. Ele não revelou para os pais e para um irmão, no entanto sua irmã sabe, e contou que já comentou com o outro irmão, que disse que o sentimento pelo Edson não vai mudar. Seus pais ainda dizem que querem vê-lo casado para terem mais netos.

Já na família de Felipe, a mãe e a irmã sabem e lidam bem com a questão, enquanto o pai e o irmão, embora tenham conhecimento, não comentam nada, conhecem e gostam muito de Edson.

Ronca (2006) apresenta etapas onde os casais afirmam, em sua maioria, não ter passado por dificuldades ao apresentar o parceiro (a) para a família, como podemos ver a seguir no relato de um dos casos a respeito da reação da avó, que naquele momento, era a mais temida, “... Ai tinha a minha avó que eu morria de medo (...). Um dia ela me chama e fala: "Fia, eu tô pensando em falar pro seu pai vem morar aqui comigo e deixar vocês duas morando lá no apartamento...” (p. 55 – 56).

Ronca (2006) conclui que o apoio da família é fundamental para transpor as barreiras do sentimento e do ambiente externo nas relações, pois contando com esse apoio, torna-se mais leve o fato de morar juntos e de assumir uma relação.

Sant'Anna (2011) aborda algumas passagens de suas entrevistas em que surgem novos relatos a respeito da aceitação da família e que nos chamaram a atenção.

Para André e Bruno o "problema" não foi extremo, pois, apesar dos pais de Bruno não aceitarem sua orientação e o terem expulsado de casa, os pais de André tratam-no como se fosse da família, o que segundo Sant'Anna supriu, em parte, a necessidade de aproximação com sua família de origem. Hoje, eles até viajam juntos, André, Bruno e a família de André.

Entre Carlos e Daniel, o "impacto" ocorreu com o pai de Carlos, no entanto de forma diferenciada e surpreendente, pois ele conheceu Daniel numa festa e, apesar de "ser árabe" não só gostou dele, como o trata como filho. Com isso, Carlos acabou descobrindo que sua mãe é quem era intolerante. Na família de Daniel, apesar de sua mãe dizer aceitar sua orientação, ela continua lançando indiretas, "às vezes, ela ainda dá umas cutucadas. Como essa pergunta que ela fez pra mim quando voltei dos EUA, se eu havia conhecido alguma americana. Falei pra ela que não, só se fosse pra ser faxineira." Sant'Anna (2011, p. 84).

Sant'Anna (2001) nos traz em sua terceira entrevista, a história de Emílio e Felipe. Emílio acredita que seu pai só o aceitou por achar que poderia perder o filho e ressalta: "Meu pai è assim: se ele já foi heterossexual um dia vai voltar a ser." (p. 84). Para a mãe de Emílio a reação foi outra. Quando Felipe começou a frequentar a casa, ela o recebia muito bem, mas Felipe relata:

“ Quando eu comecei a frequentar a casa da família foi tranquilo; a mãe dele é do tipo “quem beija o meu filho adoça a minha boca” e me tratava bem. O pai dele sempre achou que a opção dele seria temporária por ele já ter tido um outro relacionamento heterossexual.” (p. 88).

Já para a família de Felipe, que ficou sabendo da relação somente depois de eles estarem aproximadamente há um ano juntos, ambos relatam ter sido tranquilo, já que a maior preocupação apresentada foi em relação a ele estar com alguém não conhecido, o que acabou mudando com o tempo, "... mas a gente foi conversando, e os pais dele são muito tranquilos, principalmente o pai dele, e não foi nenhum

problema. Como foi muito gradativo, deu para as pessoas irem elaborando..." (p. 88).

Sant'Anna (2011 p. 89) continua seus relatos passando agora por Henrique e Gilberto. Nesse caso, a relação anterior de Henrique envolvia também seus filhos e conforme descreve o autor, eles fingiam não saber. Para Gilberto foi muito difícil, pois sua família não "queria entender" como ele podia sair de sua "estabilidade" para ir morar num apartamento, que era um "ovo" e ainda dividi-lo com outra pessoa.

Após contar para eles o motivo, a família de Gilberto levou dez anos para começar a entender e se acostumar com a relação, já que foram compreendendo que ou aceitavam ou "perdiam" o filho.

Aos poucos a situação foi se "invertendo" e, segundo Sant'Anna (2011, p.89), os pais foram entendendo que ter um filho gay era "bacana". Hoje, os familiares frequentam sua casa e, inclusive, viajam juntos uma vez por mês, "Meu pai tinha uma dificuldade enorme de ter um filho gay, hoje vem, abraça, beija." (p. 89).

Sant'Anna (2011,84) destaca uma entrevista em que, até o momento, a situação continua "delicada". Seu entrevistado, José, relata que sua família "finge" aceitar sua relação, porém, conforme suas palavras: "não aceitava coisa nenhuma". Em razão disso, ele resolveu adotar uma medida mais "firme", de acordo com o que atesta: "Hoje eu não me preocupo se meu pai, minha mãe e meus irmãos aceitam ou não. Hoje eu vou, eu ligo. Não falo nada a respeito do Igor, e quando fazem alguma pergunta, falo: "por que esse interesse"?". (p.84).

Lomando (2008) reforça, em sua pesquisa, a extrema importância desse apoio familiar, inclusive, podendo influenciar a saúde dos sujeitos envolvidos, como cita em sua pesquisa, a respeito dos resultados identificados:

"... bons níveis de apoio familiar são construtores de identidades mais saudáveis nos sujeitos, fazendo com que estes padrões de saúde possam ser levados a sua relação conjugal, sendo, inclusive preditores da qualidade vivenciada nas relações amorosas," (p.71).

Rodriguez (2012) nos traz informações abrangentes em sua pesquisa, realizada com 05 (cinco) casais masculinos, juntos há mais de 02 (dois) anos, pois, em seus relatos, fala tanto sobre casos de aceitação imediata quanto de famílias que, mesmo após anos de relação, ainda mantêm o assunto em suspenso. As

diferenciais se destacam na forma como cada um contou para sua família de origem e como ela reagiu.

Rodriguez (2012) relata que, para o casal Henrique e Thiago, por exemplo, houve dificuldade por parte de ambas as famílias, pois tanto para Henrique como para Tiago revelar a orientação homossexual e o fato de morarem juntos foi muito difícil. Curiosamente, ambos escreveram uma carta para a mãe. Uma aceitou a situação, dizendo que amava o filho, mas pediu-lhe que não falasse para os familiares e amigos. Após anos de relação, os dois frequentam as casas dos pais, mas esse assunto ainda fica em "suspense", é velado.

Rodriguez (2012) complementa, citando que o caso não foi tão diferente para Alex e Roberto. Roberto veio de família nordestina e diz ter sido bem difícil, mas atualmente frequentam a casa da mãe, no entanto, Alex, apesar de sua família de origem não ter deixado explícita a não aceitação, ela mantém o assunto em suspense.

Curiosamente, no caso de Danilo e João, foi bem diferente, tanto que o casal mora nos fundos da casa da família de João. Mesmo assim, para Danilo, de família evangélica, há dificuldade ainda. Sua mãe chegou a lhe dizer que ele estava doente e que queria curá-lo, mas hoje aceita a relação. Para João, mesmo vindo de tradicional família italiana e alemã, a aceitação foi tranquila e, inclusive, o autor informa que João teve maior dificuldade em se aceitar do que sua a família. (Rodriguez 2012).

Entre Leandro e Gabriel, também houve situações diferentes. Para Leandro, a conscientização ocorreu de forma aceitável, ou seja, não foi falado diretamente, mas foi percebido e aceito por seus familiares de origem sem maiores conflitos, já que desde cedo, ele já demonstrava sua orientação e, inclusive, participava de militâncias. Para Gabriel a reação foi diferente, pois, apesar de sua mãe aceitar, os demais o negam até hoje. O autor ainda cita que sua tia, por exemplo, foi visitá-lo pela primeira vez, no dia em que realizou a pesquisa. (Rodriguez 2012)

O que pude identificar nos relatos acima é que, em geral, ainda existe "preconceito" e, às vezes, até uma "negação" entre as famílias e as novas formações adotadas por seus integrantes. Apesar de também notarmos que grande parte das famílias acaba "cedendo" quando passa a "entender melhor" a relação.

Nessa pesquisa, pudemos identificar que, por mais que alguns dos casais tenham preferido se manter “resguardados”, parece-nos claro que, tanto os pais como os familiares, muitas vezes, sabem da relação do casal, mas optam por não comentar ou tocar no assunto.

O que vi também é que a situação não agrada aos casais e, por vezes, lhes faz até mal, pois eles mesmos ressaltam sentir falta desse contato por julgá-lo importante. Tanto que, para os que não têm esse tipo de rejeição, diversas são as passagens nos textos de pesquisa, onde citam grande diferença para a sua relação em si.

7.6. O Olhar do casal sobre sua nova formação familiar

Nesta etapa de nosso estudo, faremos uma reflexão sobre o olhar do casal como núcleo familiar, porque aqui se esclarece um dos principais fundamentos deste trabalho.

O olhar do casal para si e para o outro, como uma nova composição, é uma das maiores dificuldades vivenciadas por eles, conforme atestam artigos e literaturas até o momento, tendo em vista, principalmente, as dificuldades do próprio casal em se perceber nessa nova formação.

E, quando se percebem, também encontram dificuldades, como por exemplo, por onde começar uma família? Para as mulheres sem filhos, ainda cabe a opção da adoção, fertilização ou, se for de sua escolha, o método tradicional com alguém que aceite ajudá-la na concepção de seu filho. Para o homem é mais complicado, pois, a ele só restam as opções da adoção ou a chamada “barriga de aluguel”.

Apesar de ser um assunto interessante, também foi pouco abordado nas pesquisas utilizadas para este trabalho. Apenas dois autores versaram especificamente sobre o assunto. Vejamos, a seguir, o que foi relatado por eles e seus entrevistados.

Sant’Anna (2011) nos traz aspectos interessantes ditos por cada entrevistado. Enquanto uns estão incluindo a ampliação da família em seus planos, outros preferem não ter essa opção.

Um dos casais afirma estar “pensando no assunto”, especificamente, na adoção, mas o impasse está na idade de André, conforme ele mesmo diz, “Eu já falei pra ele que eu cheguei a um ponto que eu vou ser avô da criança. E a gente já discutiu lá atrás que eu achava que ele tinha o direito de ter um filho dele se ele quisesse, por barriga de aluguel.” Sant’Anna (2011, p.126).

Para o segundo casal, a resposta já é outra, pois eles afirmam que nunca pensaram em adotar. Além disso, reforçam que: “... os animais que eles têm em casa já são os seus filhos”. Sant’Anna (2011, p.127).

Já o terceiro casal relata que a adoção não foi pensada, mas não pelo fato de não quererem, mas por Henrique já ter 03 filhos do casamento anterior e ter quase 50 anos. Ainda reforça que, “Não estou disposto a começar tudo de novo... e ele nunca sentiu necessidade de ser pai”, referindo-se a seu companheiro. (p.128)

Sant’Anna nos traz uma situação diferente de todas as demais, a do quarto casal, em que um deles, José, relata sua experiência ao tentar adotar uma criança, “... tanto a psicóloga como a assistente social queria a todo o momento que eu falasse que eu era gay... ela levava a conversa para me induzir a dizer que eu era gay. E aquilo foi me irritando...” (p.129).

Neste momento, ele relata a influência que ambas tentavam exercer para convencê-lo a “assumir” que era gay. Não sabemos ao certo qual era o objetivo delas, mas podemos “arriscar” o subentender que era para negar o pedido de José.

Apesar dessa dificuldade, eles não desistiram, como complementa o casal, “Eu saí de lá arrasado... tanto que ele vai sozinho tentar” acrescenta Igor, dizendo: “nós estamos querendo até uma barriga de aluguel. Ele quer um bebezinho; eu já, não; quero uma criança de uns 3, 4 anos.” (p.129).

Rodriguez (2012) aborda o assunto com os casais masculinos entrevistados por ele e nos traz a opinião de cada participante acerca do assunto de formação de família.

Para o primeiro casal entrevistado, Enrique e Tiago, seu entendimento é de que não existe família ideal e que o conceito de família é muito particular. Para eles, a vontade de ficar junto, ter amor, carinho, planos para o futuro é o que importa.

Rodriguez (2012) ainda relata que Breno e Caio, juntos há 16 anos, não querem ter filhos, mas dizem viver bem e com respeito. Eles têm uma casa bem confortável e adoram receber pessoas da família.

Em sua quarta entrevista, Rodriguez (2012) consegue respostas mais abrangentes quando fala sobre o assunto, pois o retorno que tem de Danilo é muito interessante. Ele relata que o participante diz que já escolheu a sua família e que não existe um modelo ideal para todas. Danilo ainda demonstra grande satisfação nessa que esta vivenciando e diz que precisa agora apenas de aprovação (cartório). Mesmo assim, para ambos, já estão casados e têm até uma cachorrinha. João ainda complementa que, em sua família de origem, se sente uma pessoa de outro mundo e que, com Danilo, busca ser feliz, continuar a construir um relacionamento cada dia melhor e conquistar maior estabilidade material, para comprar uma casa, casar e ter seus direitos assegurados.

Finaliza Rodriguez (2012) com o relato de Leandro e Gabriel. Leandro pensa que não existe família ideal e sim real, com seus problemas e dificuldades. Quando a pergunta vai para Gabriel, ele diz que, primeiro quer ser feliz e acrescenta: querem fazer algumas reformas na casa e depois pensam em adotar uma criança maior, de 8 a 10 anos, pois entendem que é a que mais precisa de um lar. Ainda ressaltam que a maior preocupação é com o cotidiano, por estarem bastante atarefados, e que o futuro vai acontecendo. Como prioridade, querem continuar investindo no relacionamento.

Os trechos citados chamam nossa atenção em diversos aspectos. O primeiro deles é que, apesar da vontade de ser pai, o casal leva em consideração a idade e a situação em que se encontra a relacionamento.

Além disso, mesmo para os que não querem aumentar a família, percebemos que existe um modelo dessa composição, como no caso dos cachorros terem sido colocados no lugar de “filhos” do casal.

Mas o que mais nos chamou a atenção foi o do segundo casal entrevistado por Sant’Anna, pois, mesmo tendo superado todos os obstáculos e querendo ampliar a família, encontraram imensa dificuldade para tal. Ou seja, pessoas que detêm o poder de decidir o destino de outras acabam por interferir no ideal de família do casal.

Dessa forma, também se faz necessário, pensarmos como é a relação do casal com seu meio social, que envolve o trabalho, os amigos e a própria sociedade em geral.

7.7. Os parceiros em sua relação de trabalho

Pudemos perceber o quanto é delicado, para os casais formados por pares do mesmo sexo, o fato de se assumirem, de se entenderem como casal e de dividirem a relação com seus familiares. Agora, veremos como essa situação é vivenciada no ambiente de trabalho.

Ronca (2006), que realizou pesquisa com 20 mulheres com orientação homossexual, nos traz alguns aspectos quanto à relação delas com o trabalho. Alguns trechos são parecidos, outros têm pouca diferença, mas, em sua maioria, elas preferem não assumir. Vejamos alguns motivos:

“Eu nunca entrei na minha intimidade, coloco uma barreira em relação a minha pessoa. Então nunca entramos nesses assuntos. Não dou espaço. Mas eu me questiono: e se um dia alguém perguntar? Não sei... eu ainda não sei o que eu faria. Não sei se eu conseguiria assumir. (S1)” (p.53).

A participante 02 complementa:

“(...) no trabalho também! As pessoas não contam! E aí te incute um temor que vc não tinha: vc está bem com a sua escolha, mas vc fica na retaguarda... porque não tem espaço! Oprime!” (S2) (p.53).

A sexta entrevistada não “adota” a mesma posição, porém por justificativas que lhe parecem plausíveis, “No trabalho, os mais próximos sabem. Mas não é pra todo mundo não... é legal que nesse meio da publicidade ser gay não é um problema. (S6)” (p.54).

Para uma nona entrevistada, o que lhe é desfavorável é, a princípio, a falta de abordagem quanto ao assunto, “(...) no ambiente de trabalho (...) eu não falo, porque as pessoas só falam de heterossexualidade (...) (S9)” (p.54).

Fica claro, conforme vimos anteriormente, seja qual for o motivo citado, que o fator de destaque para levar as participantes a não falar, pode ser o “medo” da “reação das pessoas”, algo totalmente compreensível.

Sant’Anna (2002), em sua dissertação de mestrado, descreve o quanto é delicada a questão comentada pelos seus entrevistados, quando esses se referem

às relações com seu ambiente de trabalho. São evidenciados casos de medo de perder o emprego e, em alguns casais, os indivíduos chegam a levar um companheiro (a) do sexo oposto para encontro ou reuniões da empresa apenas para conservar sua imagem.

Caio e Dante, entrevistados por Sant'Anna (2002), por exemplo, não contam por acreditarem que vão “agredir os princípios das pessoas da empresa”. Inclusive, em seus eventos, Caio leva sempre uma amiga, não se referindo a ela como “namorada”. Bruno e Anselmo dizem apenas não se sentirem “à vontade” para falar. (p.87)

Ao contrário dos dois casais, Sant'Anna (2002) relata que, para Edson, nem todos em seu trabalho sabem de sua orientação homossexual e, apesar de acreditar não ter problema tomarem conhecimento, ainda tem receio que chegue até os pacientes, pois nem todos aceitariam.

Sant'Anna (2011) descreve o quanto é delicada a questão comentada pelos seus entrevistados, quando se referem às relações com seu ambiente de trabalho. São evidenciados casos de medo de perder o emprego e, em alguns casais, os indivíduos chegam a levar um companheiro (a) do sexo oposto para encontro ou reuniões da empresa apenas para conservar sua imagem, como vimos acima.

Entendemos até o momento que realmente existe uma grande preocupação dos casais em relação ao ambiente de trabalho onde estão inseridos, por ainda sofrerem preconceito que pode ser implícito ou não.

7.8. O casal, os amigos e o meio social.

A relação com amigos é alterada durante todo o percurso de nossas vidas. Conhecemos pessoas novas diariamente, porém, dependendo da afinidade, o passo, em direção ao início de uma amizade, faz parte de nossas escolhas de vida, como gosto musical, interesse por esportes, por lugares ou até mesmo compatibilidades como: estudar juntos, fazer aulas com interesses específicos, cursar faculdade ou especializações, entre outros.

Santos (2004) relata, em sua pesquisa, o que cada indivíduo “enfrentou” a respeito de sua relação com os amigos e as pessoas que o cercam, num contexto geral.

Felipe, por exemplo, afirma não ter sofrido nenhum tipo de preconceito por parte dos amigos, mas ele enfatiza ser o motivo, o fato de ter agido como homem, ou seja, de não ser afeminado, por essa razão seus amigos o consideram diferente dos outros homossexuais". (Santos 2004).

Ele chega a dizer até que, para ele, ser gay não era uma situação de exclusão social e sim de inclusão, pois é sua sexualidade que o torna sujeito de inveja dos meninos e companheiro das meninas; é também pela sexualidade que ele é procurado por outros meninos para ajudá-los em suas tarefas escolares, além de ser valorizado por ter dinheiro para pagar seus parceiros sexuais, etc.

Por outro lado, para Marcelo, já foi o contrário, pois ele diz já ser rejeitado desde a escola por ser afeminado, mas alega que era dessa forma por não se identificar com as características do gênero masculino.

Santos (2004) ainda relata que, assim como Marcelo, Paulo também passou por algumas “humilhações” no colégio, “... era chamado de bichinha, veadinho... sentava na frente da professora para não baterem nele... mesmo assim relata ter sido um período importante na sua vida o que passou na escola” (p.88).

Eduardo, também entrevistado por Santos (2004), cita seu isolamento na adolescência. Ele diz que não vai a festas, não tem amigos e sente-se culpado por qualquer problema que possa surgir na sua casa. Ele fala de sua solidão: "Era difícil, não queria sair de casa, não ia a festas, não conversava com ninguém, não saía"... Ele afirma que queria "defender" as pessoas de sua homossexualidade ou de seu "defeito". (p.99).

Diferentes situações se apresentam para cada um dos casos abordados acima, mas podemos afirmar, antecipadamente, que Felipe fez um depoimento que realmente se aproxima da realidade: os homens mais afeminados ou que deixam “escapar” algum tipo de trejeito, realmente são mais discriminados.

Claro que essa situação não dá a ninguém o direito de “ferir” o outro, porém aceitamos como verdade que, como estão mais expostos, são também mais passíveis de serem “atacados”.

Sant’Anna (2002) confirma, ao relatar trechos do casal Anselmo e Bruno, que para se proteger da exposição, eles não demonstram afeto em público, o que também é feito pelo casal Caio e Dante, que preferem que esses momentos de afeto sejam mais íntimos.

Sant’Anna (2002), narra a percepção dos casais quanto aos amigos. Ele afirma que Anselmo e Bruno têm poucos amigos e os que têm são gays, até mesmo porque têm receio de expor sua orientação homossexual por temerem ser motivo de brincadeiras desagradáveis.

Caio e Dante têm uma amizade mais “mista”, ou seja, relacionam-se com círculos de amigos gays e heterossexuais na mesma medida, mesmo assim, dizem não sofrer nenhum tipo de preconceito. O autor, no entanto, comenta que, por outro lado, eles não assumem sua orientação.

Edson é um caso à parte, pois Sant’Anna (2002) ressalta que com os amigos, ele não tem problemas, nunca se sentiu discriminação e sempre que pode leva Felipe aos encontros com os amigos.

Cansissu (2007), em sua pesquisa, escreve que, para Isabela, a aproximação com as amigas ficou ainda mais forte que o apoio familiar (p. 73). A entrevistada Isabela relata que suas aproximações com as amigas se deu pelo fato de não ter apoio familiar, assim foi buscar o apoio de pessoas que já entendessem do assunto.

Lomando (2008) também cita, em sua pesquisa de mestrado, que versou sobre a qualidade conjugal e a rede de apoio, realizada com 111 participantes, entre 19 e 61 anos, em relacionamentos de pelo menos 6 meses, com 77 homens e 34 mulheres, revelando que:

“... as funções de apoio medidas e exercidas pela família e pelos amigos favorecem o desenvolvimento da construção da subjetividade humana, assim como abrem caminho para o desenvolvimento da qualidade conjugal.” (p.65).

Rodriguez (2012) também abordou o assunto com seus 05 casais entrevistados, formados por homens, mas somente dois expressaram sua opinião diretamente.

Segundo a autora, o primeiro casal contou aos amigos quando resolveu morar junto e relatou não ter passado por nenhum problema. O segundo falou sobre o preconceito de maneira geral, passando pela sociedade e religião, porém também não relatou represálias por parte dos amigos. Os outros 3 (três) casais não se manifestaram sobre o assunto.

Mesmo assim, na pesquisa realizada por Rodriguez (2012), passando por todos os aspectos aqui relacionados, percebi que houve momentos de conflito de aceitação, mas esses foram, em geral, na relação entre eles e seus familiares e não no meio social ou entre os amigos.

Nos relatos acima, encontrei importantíssimas reflexões a respeito do preconceito sofrido por esses casais, pois nos deixam claro que ocorre, muito mais entre seus familiares do que no meio social ou entre amigos, ou seja, justo de onde se espera maior apoio, é onde menos o encontram e, conforme aqui relatado, é onde os casais mais sentem falta dele.

7.9. Uma leitura relacional entre estudos realizados

Veremos agora como foi o desenvolvimento, construção e os resultados de cada uma das 11 pesquisa estudada na visão dos autores e como elas se relacionam:

Marcio Stefanini Sant'Anna (2002), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de "*A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo masculino*", investigou como se constrói a conjugalidade homoafetiva entre homens, buscando esclarecer a visão de gênero e estereótipos socialmente construídos, ou seja, se a construção desta conjugalidade é possível ou não.

O autor utilizou o método quantitativo, através de entrevistas semi-dirigidas realizadas com 03 casais masculinos, tendo as seguintes características: estarem em um relacionamento há 03 anos ou mais, morarem juntos ou não, em São Paulo, pertencerem a um nível sócio econômico e cultural correspondente a classe média e terem entre 30 e 50 anos.

Os resultados apontaram ser possível a construção do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo (masculino) desde que: ambos estejam satisfeitos e seguros, mesmo que apresentando dificuldades de definir e assumir a identidade

para a família de origem e para a sociedade, até mesmo porque, enfrentar e contradizer as expectativas da família e do meio social é uma tarefa árdua e complexa que envolve o sentimento de pertencimento.

A escolha por este trabalho ocorreu porque ele trazia ricas informações quanto a construção do relacionamento, porém, por ter como foco o olhar para gênero, pudemos utilizar apenas trechos de interpretação das entrevistas.

Murilo dos Santos Moscheta (2004), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de *“Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais”*, que foi realizada com 6 casais masculinos de 25 a 52 anos, investigou como se dá a construção do relacionamento conjugal, tendo como objetivo compreender os sentidos que os casais atribuem á experiência conjugal em casais de homens. O método utilizado foi o qualitativo com 1 ou 2 entrevistas com roteiro aberto e não diretivo partindo de uma pergunta norteadora ao casal “como é a relação de vocês?”.

As entrevistas tiveram a participação do pesquisador acompanhando o aprofundamento da questão temática. A análise de dados partiu do eixo temático identificado pelo autor para organizar os conteúdos. São eles: O modelo heterossexual x o modelo homossexual, as diferenças e as mudanças, o tempo e sociedade, a relação da psicologia e da homossexualidade, e das perspectivas futuras de intervenção com casais homossexuais.

O autor conclui que estes casais ora buscam uma relação baseadas no modelo heterossexual, ora um novo modelo transformador de conjugalidade que amplia a cumplicidade e o entendimento, buscando o dialogo, o respeito, e o compartilhamento. Mesmo assim, o autor relata que estes casais ainda esbarram na instancia social do preconceito e discriminação, o que acaba por isolar o casal do meio social.

No que tange a diálogos com a ciência psicológica, é ressaltado que esta pode contribuir com a criação de espaços onde os casais possam encontrar apoio e auxilio na construção destes relacionamentos, ou seja, através deste apoio, podem-se ter melhorias nestas relações e nos impasses que as rodeiam.

Elcio Nogueira dos Santos (2004), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de: *“Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São*

Paulo”, abordou, através de sua pesquisa de campo realizada com 5 adolescentes masculinos entre 16 a 20 anos, assuntos ligados a homossexualidade na adolescência, com o objetivo de analisar o significado e o sentido de tornar pública a orientação homossexual através de pesquisa qualitativa, norteadas pela Psicologia Sócio-Histórica embasada em Vigotski.

Este autor realiza suas conclusões de forma individual, ou seja, seu trabalho não apresenta uma conclusão generalizada ou resumida das entrevistas, mas sim, uma conclusão por entrevista.

Mesmo assim, fazendo uma junção, o que ele ressalta em suas conclusões é a importância do significado do processo de assumir a sexualidade, citando, inclusive, que este processo passa por etapas como: primeiro o indivíduo se assume para si, após, para a família e então para a sociedade. Mas, mesmo sendo gradativo, não quer dizer que seja fácil, principalmente na transição do processo de assumir para a família.

O autor faz ainda uma interessante observação quando se refere a revelação a família, pois, segundo ele, um dos fatores que mais incentiva o indivíduo no momento do revelar é o apoio do parceiro afetivo-sexual.

Mesmo diante disso, também descreve ter percebido preconceito entre os indivíduos, ou seja, com eles mesmos. E finaliza dizendo que, apesar de doloroso, o processo de se assumir é importante, já que se trata não só de um assumir a sexualidade, mas uma nova possibilidade de vida, já que a vida dos entrevistados teve consideráveis mudanças após terem se aceitado.

Como o foco do autor foi entender especificamente como é esta transição, suas conclusões não nos trouxeram mais informações sobre o relacionamento em si, por isso, utilizamos para esta pesquisa a leitura dos discursos dos participantes a respeito da relação com os pares que já fizeram, ou fazem parte de suas vidas.

A minha escolha por esta pesquisa se deu em função de como a homossexualidade é percebida por quem a vivencia, com ele mesmo e com o mundo que o circunda.

Fernanda Pasqualucci Ronca (2006), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de “*Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina*”, realizou uma pesquisa com 20 mulheres homossexuais pertencentes a um grupo de ativistas “Umas e Outras” e 20 heterossexuais, alunas de graduação e

pós-graduação da PUC SP, e apresenta um estudo sobre os níveis de stress e os agentes estressores da homossexualidade feminina.

O referencial teórico-metodológico utilizado foi a Fenomenologia. Os instrumentos utilizados pela pesquisadora foram: Lista de Sintomas de Stress – LSSS/VAS e, após, novas entrevistas com as 10 mulheres que apresentaram maior nível geral de stress na primeira pesquisa, sendo estas, do grupo das homossexuais.

O resultado apresentado no primeiro momento, onde se aplicou a LSS/VAS, mostrou que o nível geral de stress nos dois grupos foi praticamente o mesmo não apresentando diferenças significativas. Daí em diante, a autora segue para as entrevistas. Na análise das entrevistas foram observados 10 categorias: “Alteração de auto conceito; A mãe Lésbica; A vivencia da Afetividade em público; A vivencia do preconceito; Conflitos em relação à orientação sexual; O assumir-se para amigos/colegas; O assumir-se para os familiares e a relação com eles; O estigma; O processo em se assumir como tal; Sintomas físicos e psicológicos decorrentes de conflitos em relação a orientação sexual”.

Em segundo momento, no resultado da pesquisa, foi percebido pela autora, a dimensão do sentido para estas mulheres do quanto é difícil, angustiante e limitador Ser Homossexual e atribui a esta leitura a verificação do stress.

Fazendo uma leitura na análise das categorias, foi possível identificar que houve alteração no autoconceito, ou seja, na autopercepção como homossexual e que, quando se percebem homossexuais tardiamente, podem inclusive viver uma “crise de identidade”.

Além disso, a autora mostra que, para estas mulheres, assumir-se como homossexual é um processo que envolve circunstâncias, pois afeta o lado pessoal, emocional, social, religioso e o familiar, tornando-se estressante por ter que lidar com novas formas de se posicionar, se relacionar e viver com cada uma destas situações.

Segundo os resultados apresentados, criam-se conflitos relacionados ao surgimento de sintomas físicos e psicológicos. Em 70% das entrevistadas, por exemplo, as participantes afirmaram ser a orientação homossexual o motivo para ficarem vulneráveis a somatizações. Em 60% dos casos, fizeram ou fazem terapia, e afirmaram que tem muita importância no processo de convivência com sua

orientação, em todos os ambientes, pessoal, social, emocional, profissional entre outros.

Quando a autora fala sobre a afetividade em público, traz como retorno que elas se sentem oprimidas no contexto social, pois, segundo citado, como a heterossexualidade “reina”, a vivência da afetividade homossexual é reprimida em público e, em 70% das entrevistas, relatam já terem sofrido preconceito.

O interessante nesta pesquisa foi a leitura que consegui, através do olhar da autora e dos relatos, a respeito de como lidam com a aceitação, porém, mais uma vez, consegui identificar poucas observações quanto a relação como casal, restringindo-me então apenas a aproveitar a visão da percepção individual das participantes, dentro deste contexto.

Cynthia Regina Pemberton Cancissu (2007), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de “*Lésbicas, família de origem e família escolhida: Um estudo de caso*”, realizada com uma mulher homossexual de 46 anos”, busca compreender se a rede de relacionamentos lésbicos de fato comporta a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relações.

Em sua conclusão, a autora cita que a aceitação quanto homossexual é um processo doloroso, que pode levar alguns anos. Além disso, ela identifica que a rede de apoio é de extrema importância. Ela cita também a construção da família escolhida, que é composta pelas ex-parceiras e amigos.

A autora ainda ressalta que, mesmo considerando o Brasil como um país com cultura feminista e católica, comparando com os Estados Unidos e Canadá, ainda sim, aqui, é difícil identificar total rompimento nas relações entre a família de origem, ou seja, ela afirma que aqui é muito mais comum que não ocorra esta separação definitiva.

Ela conclui dizendo que, a construção desta nova família, com apoio, referência e cuidado, contribui para a desconstrução do conceito de família ditado pela heteronormatividade.

Apesar de conter importantes informações a respeito da rede de relacionamentos, a autora realiza sua pesquisa apenas com uma (01) participante, o que significa que, quanto ao que foi verificado, não foi possível fazer um comparativo.

Eduardo Lomando (2008), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de “Conjugalidade Gay e Lésbica e Rede de Apoio Social”, realizada com 111 participantes, 77 homens e 34 mulheres, que estavam em uma relação com alguém do mesmo sexo há pelo menos seis meses, com idades que variaram de 19 a 61 anos, abordou a qualidade do relacionamento conjugal e a rede de apoio social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo.

O autor apresenta o estudo no formato de três artigos. No primeiro artigo, é feito uma crítica histórico-social, visando revisar e problematizar os termos e conceitos empregados para denominar a relação homossexual, onde foi constatado que as mudanças de termos para a denominação desta relação, funcionam como táticas argumentativas e que propiciam o entendimento dessa relação a partir de outros olhares. Deste artigo, não pude extrair informações para os tópicos que utilizei em meu trabalho.

No segundo artigo, é abordado o tema Rede de Apoio Social, que descreve de forma quantitativa a percepção do apoio social em sete dimensões: Companhia Social, Apoio Emocional, Guia Cognitivo, Controle Social, Ajuda Material, Acesso a Novos Contatos e Aceitação de Orientação Afetivo Sexual; a partir de três mapas: família, amigos e relações de trabalho/escola.

O terceiro artigo foi o que mais me interessou por contribuir de forma mais completa com meu trabalho, pois foram entrevistadas 111 pessoas e houve uma correlação positiva significativa entre qualidades conjugais e suas variáveis, apoio social da família e apoio social dos amigos, mostrando, através dos resultados obtidos, que o apoio da família e o social, assim como o dos amigos, melhora significativamente o desenvolvimento da qualidade conjugal.

Carlos Alexandre Costa Correia (2009), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de: “*Homossexualidade e Velhice: A dupla Estigmatização*”, aborda a homossexualidade de homens, com 60 anos ou mais, e como eles estão vivenciando a homossexualidade nesta fase da vida. O autor busca compreender o preconceito e o estigma de gênero e idade do grupo analisado e as representações sobre, velhice, família e a orientação sexual. A pesquisa teve enfoque qualitativo e contou com seis participantes.

O autor cita a dificuldade em achar os participantes e, só consegue ir a diante porque, um dos que aceitou, indicou os demais. Isso ocorreu, segundo a percepção

do autor e relato dos participantes, devido ao medo e da falta de confiança dos homossexuais em se expor, em decorrência do pré-conceito e a violência das pessoas que não os aceitam pela orientação homossexual.

O instrumento utilizado foi a entrevista individual em forma de “bate papo”, sem roteiro pré-estabelecido, iniciando com a pergunta: quem é você?. Mediante a esta pesquisa de campo, o autor chegou a algumas conclusões, separadas por categorias sendo elas: “orientação sexual”, “velho e velhice”, “homossexualidade e velhice”, “percepção corporal”, “sociabilidade”, “sexualidade”, “solidão” e o “futuro”.

O que pude extrair desta pesquisa foram os trechos que falavam sobre a revelação enquanto homossexual, a relação conjugal e a percepção do indivíduo. Foi constatado também que, quando a família de origem não aceita a homossexualidade, o vínculo familiar acaba sendo transferido para os amigos. Mas, mesmo assim, os participantes continuam tranquilamente planejando o futuro, pois acreditam ser fundamental e motivador.

Pude extrair desta pesquisa importantes observações e relatos do autor a respeito da convivência dos participantes com os amigos, família e sociedade, porém, pouco se falou da relação em si, mas, o que foi dito, foi aqui aproveitado.

Roberta da Costa Borges (2009), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de *“Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas”* aborda a vivência de pais e mães com a questão da sexualidade de seus filhos e como foi a transição, do descobrir ao conviver, com este fato.

A autora utiliza o método quantitativo fenomenológico, através de entrevistas, realizadas com 5 pais e 5 mães que tinham filhos homossexuais, a partir da adolescência, e pertencentes a classes sociais A, B e C. A partir da questão norteadora da pesquisa, surgiram as seguintes categorias: 1 Vivência anterior à revelação da homossexualidade do(a) filho(o); 2 Revelação a Família e convivência com a homossexualidade do(a) Filho(a); 3 Relacionamentos familiares; 4 Horizonte de silêncio ; 5 Expectativas maternas(paternas) em relação ao projeto de vida do filho(a).

O objetivo do trabalho foi verificar os significados atribuídos pelos pais e mães, heterossexuais, à homossexualidade de seus filhos(as), para construir sentidos e abrangê-los a comunidade em geral, aos demais pais e mães de homossexuais e aos profissionais de saúde e educação, ou seja, verificar a

percepção deles e dividir esta experiência com outros pais em mesma condição e profissionais da saúde.

Na análise dos relatos dos pais e mães, houve convergência quanto a questão da dificuldade de aceitar e lidar com a homossexualidade dos filho(a). Essa dor se diferencia pelo sentido e em que tempo estes pais e mães assimilam a homossexualidade de seus filhos. Porém tentaram acolher o (a) filho(a) mesmo não compreendendo.

Sentiram-se culpados, angustiados, revoltados, dificuldade de aceitação, desentendimentos, preocupação com relação a violência, mas tentando compreender o filho(a) e conviver bem apesar das dúvidas e curiosidade em conhecer melhor a orientação sexual do(a) filho(a), por isso a dificuldade em compreender esta vivência.

A pesquisa possibilitou compreender que pais e mães heterossexuais lidam com a revelação do(a) filho(a) e que estas relações abarcam uma multiplicidade de fatores tais como abrir novas possibilidades de compreensão e resignificação da revelação permitindo fazer a desconstrução de pré-conceitos, estimas, tabus e mitos.

Não pude utilizar grande quantidade de informações do estudo, já que o foco era os pais, porém, em alguns relatos de diálogos e leituras do autor, pude averiguar a leitura da aceitação, e utilizá-la em um dos itens do meu trabalho. Quanto aos demais assuntos, não obtive o mesmo sucesso.

Edson Luis Defendi (2010), em sua Dissertação de Mestrado, intitulada de *“Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso”*, que foi realizada com 1 casal homoafetivo masculino, buscou compreender como o processo de revelação da conjugalidade homossexual masculina reflete na construção da rede social do casal e na dinâmica de seus relacionamentos.

O autor realiza entrevista semi-estruturada, mapa da rede social e linha do tempo com o casal e, após, avalia os resultados, separando-os por assunto abordado, através de subdivisões, em sua conclusão. O que conseguimos coletar de dados foram, principalmente, comentários e trechos de entrevistas, além de comentário do autor em suas considerações finais.

Ele relata que, para o casal, o maior desafio é o da revelação, partindo de sua rede de micro-relações, como família, amigos, trabalho, rede social e comunitária.

Ressaltando ainda que o processo desta revelação pode inclusive construir a identidade homossexual e sua personalidade.

Quanto a participação e apoio da família, é citado que, não só é extremamente importante para a formação do casal, mas pode também influenciar na construção e continuação desta relação, dependendo do tipo de “acolhimento” adotado pela família em relação ao próprio entrevistado e a seu par.

Como o autor realizou a pesquisa apenas com 1 (um) casal, não foi possível realizar comparativos.

Marcio Stefanini Sant’Anna (2011), em sua Tese de Doutorado, intitulada de “*Nem tudo são flores: um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina*”, realizada com 5 casais homossexuais masculinos com idades variando de 23 a 52 anos, residentes no município de São Paulo, morando juntos e mantendo um relacionamento há 3 anos ou mais, buscou compreender a dinâmica do relacionamento do casal homossexual masculino no que diz respeito aos conflitos conjugais. Esta análise é feita através de pesquisa quanti-qualitativa.

O autor passa por etapas interessantes na pesquisa, que pude usar em diferentes momentos em meu trabalho, incluindo a etapa de antes do casamento, de onde os primeiros, e maiores motivos de conflito, nesta ordem são: a família de origem, os amigos e o ciúme. Após o casamento, os motivos passam a ser: o próprio ajustamento do casal, a relação sexual, as tarefas da casa, a vida financeira, a comunicação, o estilo de conduzir de cada um, o temperamento de cada um e a imaturidade psicológica.

O autor cita assuntos como: coesão do casal, duração da relação ou divisão de tarefas, por exemplo, porém, todos de forma ambígua, ou seja, sem conclusão. Afirma apenas que pode “dar certo” ou “não”, dependendo do casal e de como age cada um, reafirmando ainda que é “como qualquer outra relação”. Ele ressalta que, para melhor compreensão de cada tema, é preciso realizar novos estudos.

Afirma ainda que, os casais que passam por mais situações estressantes são os que têm menos rede de apoio, ou seja, menos apoio entre amigos, familiares e sociedade a seu redor. Além disso, identifica também que, em momentos de conflito, o mais comum entre os casais é justamente evitá-lo, e fazem isso com a ausência do diálogo.

Quanto a diferença sócio-econômica e cultural, os indivíduos de nível mais alto apresentam menos perturbações, ou seja, apresentam maior satisfação, e provavelmente menos dificuldade nas situações que geram mais conflito, como divisão de tarefas e de contas.

Como citado, pudemos tirar deste trabalho ricas informações relacionadas a convivência do casal.

Brunella Carla Rodrigues (2012), em sua pesquisa para Dissertação de Mestrado, intitulada de: “*A Representação Parental de Casais Homossexuais Masculinos*”, realizada com 5 casais homoafetivos masculinos morando juntos no mínimo por dois anos, buscou investigar a representação parental de casais homossexuais masculinos.

Assim como citado pela autora, notei nos casais entrevistados dois fatores importantes que devem ser considerados neste estudo: o namoro e a coabitação “precoce” dos casais homossexuais masculinos. O que quer dizer que os casais revelaram em suas histórias conjugais o início de um namoro após breve período de se conhecerem (em média menor de seis meses) e a coabitação também depois de curto tempo de namoro (em média menos de 1 ano de namoro). Em alguns casos a coabitação ocorreu quase que simultaneamente ao se conhecer.

Segundo a leitura da autora, de forma geral, os casais apresentaram um tipo de funcionamento complementar, onde, geralmente, um exerce papel mais ativo e outro mais passivo (o que pode ser percebido pela forma de posicionar-se durante a entrevista, assim como pelas histórias contadas do casal e a forma como dividem atividades da casa).

O modelo heteronormativo parece prevalecer como referência para eles, que relataram que, na falta de um parâmetro mais próximo de suas realidades, buscam construir um novo relacionamento com base no já conhecido, o modelo heterossexual.

Pude extrair da pesquisa de Rodrigues (2012), relatos específicos sobre a convivência dos casais. Esta foi uma das pesquisas que mais agregou o meu trabalho.

Todas as onze pesquisas agregaram informações importantes a meu estudo, de acordo com o que cada autor buscava, complementando-o a cada leitura que eu fazia. O que mais pude notar neles foi o preconceito e a não aceitação de todo o meio social para com os participantes iniciando pela família de origem, independente se os relatos eram de forma individual ou como casal.

Partindo da reflexão sobre o preconceito e a aceitação da homossexualidade e de todos os demais itens deste capítulo aqui abordados, farei agora uma leitura relacional entre eles e, para compreender como se dá a construção da vida conjugal do casal. Para isso, farei um levantamento de condições de vida sem generalizações, atendo-me somente às possibilidades vivenciais nas experiências dos casais homoafetivos.

Todavia abro um parêntese para um fato curioso, dos estudos selecionados, quatro versavam sobre homoconjugalidade realizados com 15 casais homossexuais masculinos e um estudo realizado com 76 gays e 34 lésbicas abordando também a homoconjugalidade. Os demais estudos versavam sobre assuntos voltados a outros temas, porém com importantes informações que foram utilizadas em meu trabalho extraídas através das entrevistas.

Início a análise, comentando a respeito da autodescoberta como pessoa homoafetiva, pois diversas situações foram identificadas nas pesquisas realizadas, como, por exemplo:

- a) Já se “sentiam” assim desde pequenos;
- b) Afirmaram ser heterossexuais, até se apaixonar por alguém do mesmo sexo;
- c) Acreditavam que era um contato apenas sexual, porém evoluiu para um relacionamento mais duradouro, que envolvia sentimentos;
- d) Gostavam de coisas ou brincadeiras, que “pertenciam” ao sexo oposto e, por esse motivo, chegaram à conclusão que “faziam parte” do sexo oposto;
- e) Tiveram, em iniciação sexual, relações com o mesmo sexo;
- f) Justificaram ter “trocado” de parceiros por uma decepção amorosa com o sexo oposto;
- g) Apenas em 01 (um) dos casos, o entrevistado afirmou achar que foi “influenciado” por outra pessoa;

- h) Também em 01 (um) caso, foi afirmado que, após um encontro, foi construída uma relação de 09 (nove) anos;
- i) Em uma das entrevistas, também foi citado que, após o “assumir” para si, a entrevistada afirma se sentir melhor consigo mesma, pois diz ter se “encontrado”.

Foram relatados, acima, alguns dos fatos mais abordados por autores ou entrevistados.

O que se pode perceber é: não existe um “padrão”, um “motivo” ou resultado de pesquisa científica que identifique a causalidade para as pessoas terem esta ou aquela orientação sexual. O que deve ser pontuado é que as pessoas podem ter relacionamentos afetivos com pessoas de sexo oposto ou do mesmo sexo.

Pude também identificar, nas pesquisas, que esses indivíduos trazem em suas histórias de vida, a opinião de um entrevistado que acredita que um fato marcante acontecido com ele, ter sido o motivo de se tornar homossexual, ou seja, ele mesmo indica esse fato como a origem de sua preferência sexual, como se a homossexualidade fosse causada e não natural.

Em momentos como esses, ocorrem as crises de identidade, pois muitas delas decorrem da falta de conhecimento sobre a própria forma de existir, somada à falta de conhecimento de sua família sobre a homossexualidade, o que pode suscitar, nos envolvidos, sentimentos diversos como: revolta, medo, vergonha ou rejeição.

Todavia, quando “descobrem” e aceitam seu modo de ser, passam a reconhecer novas formas de relacionamentos afetivos possíveis, que podem ser iniciados de forma comum, como nos exemplos: “nos conhecemos, saímos, e estamos juntos até hoje”, “me apaixonei pelo (a) meu (minha) melhor amiga(o)” e outras situações mais.

Passada a fase da descoberta, iniciam-se as relações e a construção da vida conjugal. A partir daí, começa-se a perceber não só mudanças de “status” da relação, mas, às vezes, até mudanças de “conceitos” a respeito desse novo cenário para os envolvidos.

Observamos, num trecho de entrevista, que um participante acreditara, por longo tempo de sua infância e adolescência, que deveria ser afeminado porque, segundo os padrões da sociedade, quem gostava de homem era mulher, logo ele

tinha que ser mulher. Quando ele passou a entender que essa não era uma “condição” obrigatória, mudou seu conceito de si mesmo.

Um fato interessante a ser citado aqui foi o que se relaciona às “amarras sociais” e à obrigatoriedade da relação. Vimos que, quando um casal homossexual resolve efetivamente ficar junto, essa decisão não envolve nenhum tipo de “obrigação” social, ou seja, esses pares são formados por vontade de ambos e não por motivos conhecidos como: gravidez ou casamentos arranjados por pressão familiar.

Os autores consideram esse fato como favorável, pois entendem que, quando duas pessoas se unem e permanecem juntas sem sofrer nenhum tipo de “pressão” ou “obrigatoriedades”, têm muito mais chance de serem efetivamente felizes.

Mesmo assim, foi relatado pelos casais que não se sentem socialmente amparados quando assumem essa relação homoconjugal, principalmente pela “falta de direitos” que enfrentam, porém sabemos que hoje essa união já é legalizada no Brasil, enquanto em outros países ainda “tramitam” essa questão.

A falta do “direito”, porém, não interferiu no objetivo do casal, que se incluía sim em um contexto de familiaridade, mesmo sem os devidos “papéis” e, inclusive, se tratavam e divulgavam, em sua maioria, como oficialmente casados.

Ao contrário do que ouvimos na sociedade, que relacionamentos formados por pares de homens têm ligação apenas com o lado sexual, encontrei, nas falas dos entrevistados, palavras que expressaram “outro foco” nessas relações, tais como: amor, cumplicidade, parceria, cuidado e afeto. Em uma das passagens, inclusive, um dos participantes chega a citar que, para uma amiga, sua relação é tida como exemplo.

Ainda a respeito da homoconjugalidade e suas características, outro ponto interessante observado foi a respeito da divisão de tarefas. Os autores citam que, principalmente devido à compatibilidade identificada na relação, tendem esses casais a dividir suas tarefas de forma mais “equilibrada”.

Tanto nos pares formados por duas mulheres, quanto nos formados por homens, identificou-se que não houve uma divisão “comum”, como vemos em geral, em que o homem assume o papel de “sustentar” o lar, e a mulher o de “cuidar” da casa e da família, constatando-se haver uma divisão mais igualitária e colaborativa.

Em grande parte dos casos, foi dito que as tarefas são divididas de acordo com o que cada um gosta mais ou se adapta melhor para fazer, mas mesmo se mudam de parceiro (a), também se adaptam ao novo, podendo, inclusive, alternar suas “tarefas”, o que também demonstra ampla flexibilidade.

Vale também refletir aqui que, em geral, quando homens ou mulheres em relação homoafetiva, efetivam suas relações, preferem se afastar do seu “meio” de costume, por ser esse desfavorável à relação ou por se tratar de lugar voltado a novas paqueras. O que, por outro lado, acaba os afastando também de parte do seu meio social.

Afastados ou não do seu meio, de qualquer forma, cada um tem sua maneira de sentir ciúme e, apesar de nenhum caso de infidelidade ter sido citado, em alguns casos, esse ciúme pode ou não se estender a outras pessoas.

Verificamos relatos em que os casais masculinos aceitam um “terceiro”, mas apenas para satisfação de desejos, porém, em outros casos, a mesma situação era inaceitável. Já em relações entre duas mulheres, não foi narrada qualquer outra “participação”.

É claro que não pude me apegar aqui, somente aos aspectos da relação e aos pensamentos dos casais a respeito de si mesmos, sem citar o que é, para eles, o olhar de sua família de origem quanto a essa nova formação. Na maioria das pesquisas, conforme relatado, o impacto é costumeiramente maior quando o casal passa pela experiência pela primeira vez, chegando a entrar em “choque” com as respectivas famílias, porém, depois dessa conturbação, o “par” acaba se tornando parte dela.

Por considerarem seus amigos parte da família, os casais demonstraram quase as mesmas inquietações ao revelar-lhes sua orientação sexual ou apresentá-lhes seu parceiro (a).

Totalmente contrário a esse aspecto, a preocupação apresentada pelos homoafetivos no ambiente do trabalho foi, não só medo de represálias, mas, literalmente, o temor de exclusão do “mundo corporativo”.

Entendeu-se, entre linhas dos pesquisadores e respostas de seus participantes, que além de não serem bem aceitos, são excluídos das empresas ou até mesmos impedidos de entrar ou concorrer a uma vaga de igual forma.

O que se pode concluir até o momento, é que essas relações têm tantas dificuldades ou desafios como qualquer outra, com agravante da existência de preconceitos externos e internos, ou seja, tanto do meio social quanto do próprio indivíduo.

Por outro lado, notei também carência de algumas informações quanto à configuração desses casais e da rede de apoio para tal. Podemos até dizer que “um puxa o outro”, ou seja, quanto menos informações, menor o saber e mais escassa ainda a possibilidade de julgamento ou capacidade de ajuda.

Já entendemos que a relação é possível. Agora, precisamos partir para a ampliação do saber para estarmos preparados para nosso “cotidiano”. Vimos aqui que é de extrema importância a forma como olhamos para essas relações, logo faz-se ainda mais necessária a ampliação do conhecimento.

Buscando convergências (que concordam) e as divergências (que discordam) nas relações formadas por pares de homens e pares de mulheres. Faz-se necessária essa “separação” por sexo, pois cada um tem suas características, ou seja, homens e mulheres também têm suas convergências e divergências, portanto não poderíamos olhar para os dois pares da mesma maneira.

Vejamos, então, o que foi identificado em cada tópico de forma sintetizada para um melhor entendimento e visualização nas tabelas a seguir:

Tópico	Homens		Mulheres	
	Convergências	Divergências	Convergências	Divergências
A Construção da vida conjugal	Normalmente os casais se conhecem pela internet ou lugares frequentados pelo público GLBTS (Gays, lésbicas, Bissexuais, Transsexuais e Simpatizantes), como na danceteria por exemplo.	Em meio a construção, apenas um dos casais entrevistados menciona que não entende como importante o fato de estarem juntos, sob mesmo "feto". Para este caso, um deles preferiu morar sozinho. Outro casal citado, diz preferir não formalizar a união por achar que trata-se de "mera formalidade".	Não foram encontrados dados.	Não foram encontrados dados.
O relacionamento na visão de cada um dos parceiros	Estar casado significa, não só o espaço de convivência, mas a legitimação, que lhes confere maior segurança. Como citado, para eles, só o fato de estar namorando, já lhes passa mais confiança, principalmente em relação a ter alguém para lhe ouvir. Eles mesmos falam que tem sim, uma forte ligação sexual, porém, que não é este o principal motivo por estarem juntos. A maioria dos casais vê a relação com extrema estabilidade.	Em apenas um dos casos, foi relatado que o início da relação tinha um laço muito forte voltado ao sexo, mas o significado foi se modificando com o tempo de convivência.	Em geral, as mulheres se relacionam apenas quando estão realmente interessadas e, para elas, não existe uma ligação desta relação com o sexo, e sim com a pessoa. Chega a ser citado, em uma das entrevistas, uma fala que descreve bem esta situação. participante ressalta: não me apaixonei por outra mulher, pelo sexo, eu me apaixonei pela pessoa". Cansissu (2007) P.69	Não foram encontrados dados.
Divisão de tarefas	Afirmam serem mais flexíveis e menos "mandões". Em uma das entrevistas citam que ouvem de suas amigas que são um exemplo de relação, pois nesta, não fica um querendo "mandar" no outro. Quando dividem as tarefas, estas vão de acordo com o que cada um gosta mais de fazer, ou se identifica melhor. Na maioria dos casos, a divisão é igualitária e, mista.	Em apenas um dos casos a preferência de um dos casais era de que, um ficasse com a "administração" do lar e o outro com a arrumação, mas, aos finais de semana, tudo era dividido.	Conforme verificado, a divisão também ocorre de acordo com o que cada uma gosta de fazer, porém, a cada relação elas se dispõe ainda a se readaptar, ou seja, em uma das relações alguma gostar de cozinhar e, em caso de troca de parceira, a nova também gostar, então as tarefas se redistribuem.	Não foram descritas divergências a respeito deste aspecto.
Ciúme e fidelidade	Para os casais, existe o ciúmes, mas de forma respeitosa, aliás, respeito e confiança são, para eles, a base destas relações. Na maioria dos casais não cabe infidelidade ao casamento.	As divergências encontradas se referem, neste caso, e apenas para alguns casais, a aceitação de um "terceiro" na relação. Mesmo assim, esta aceitação se dá apenas para satisfação de desejo sexual e não é aceito nenhum tipo de envolvimento emocional.	Não foram encontrados dados.	Não foram encontrados dados.

Tópico	Homens		Mulheres	
	Convergências	Divergências	Convergências	Divergências
O relacionamento entre o casal e suas famílias de origem	Na maioria dos casos citados, os familiares dos casais compostos por homens, receberam a informação, passaram pelo impacto mas não falam sobre o assunto, fingem não saber para não perderem o contato com os filhos. Os casais, por sua vez, também preferem não se expor, criando, inclusive, certo afastamento da família de origem.	Em 1 relato houve a aceitação da família de origem por parte de um deles, inclusive pelo pai, que era o mais temido, e trata seu "genro" como parte da família.	O que pode ser observado é que a relação das mulheres é mais facilmente aceita pela família de origem.	Uma das entrevistadas relata que, a primeira namorada não foi aceita apenas pelo motivo de ser envolvida com bebidas e drogas.
O olhar do casal sobre sua nova formação familiar	Pensam em casar e formar família. Afirmam que a relação de casamento tem vários significados, como: uma convivência amorosa de companheirismo, uma experiência muito gratificante, como se fosse natural e comum, além de cumplicidade, amor e o se "preocupar com o outro".	Só aparecem divergências quando abordado o assunto de filhos. Alguns casais são a favor e outros não querem ou não comentam esta possibilidade.	Não foram encontrados dados.	Não foram encontrados dados.
Os parceiros na relação de trabalho	Os casais relatam que preferem não divulgar por medo das represálias que podem ser sofridas em seu ambiente de trabalho. Chegam até a citar que, se comentassem, poderiam perder o emprego e até "agredir" os princípios das pessoas da empresa.	Apenas para um dos entrevistados seria possível falar sobre sua orientação no trabalho, porém, ainda sim prefere não arriscar. Em um dos casos, um dos participantes revela levar a festas e eventos da empresa uma amiga para não dar espaços para comentários.	As mulheres que falaram sobre o assunto afirmaram que preferem não se revelar no trabalho, e umas dizem não ser somente por motivos de represálias mas, por não saberem nem como começar a falar sobre, já que dizem que o assunto não é comentado.	Não foram identificadas divergências.
O casal, os amigos e o meio social	É de influência positiva, para o casal, a inclusão de ambos em sua rede social, ou de apoio. Em geral são bem recebidos pelos amigos, mas preferem não se expor no ambiente social, inclusive, deixam claro que não demonstram nenhum tipo de afeto em público e, se for necessário, adotam outra postura, para se protegerem das pessoas e da violência.	Não foram encontradas divergências nas pesquisas utilizadas, pois, todos relatam adotar esta postura.	Quando citada a questão dos amigos, para as mulheres, elas não só contam que tem orientação homossexual, como contam com esta rede de apoio mais do que com a família, em momentos que se fazem necessários. Mas não revelam no meio social que convivem.	Algumas não só assumem para o meio social, como tratam com extrema naturalidade.

Nota-se, então que, a principal convergência em relação aos casais masculinos e as mulheres que estão em um relacionamento de casamento homossexual ocorrem, principalmente por terem semelhanças de características e escolhas, refletindo a parceria formada pelos casais. Fica claro também que, um dos principais motivadores dessa harmonia é a forma como se dividem em seus lares para vivenciar a relação.

Nos casais formados por homens relatados pelos autores Sant'Anna (2002), Moscheta (2004), Defendi (2010), Sant'Anna (2011) e os autores Santos (2004), Ronca (2006), Cancissu (2007), Lomando (2008), Correia (2009) e Rodrigues (2012) que entrevistaram homens e mulheres que estão em um relacionamento de casamento, afirmam que eles apresentaram maior tendência à parceria na divisão de tarefas por acreditarem que o coabitar traz essa responsabilidade, ou seja, na visão deles a divisão acontece de forma harmoniosa.

Essa informação também está confirmada, por Zauli (2011) em artigo publicado, que no momento da divisão de tarefas, não ocorrem conflitos, incluindo as tarefas domésticas, as do trabalho e sustento do lar. Acrescenta ainda que, para as que tiveram casamentos anteriores heterossexuais, podem afirmar que se comparam com o atual, em termos de compartilhamento.

Focando especificamente nas convergências e divergências masculinas, nos estudos, encontramos, nas convergências, semelhanças como: locais que frequentam e se conhecem, o que buscam em seus pares, suas opiniões sobre a formalização da relação, flexibilidade, ciúme, fidelidade, relação com a família, relação com os amigos e sua exposição no meio de trabalho.

Por outro lado, embora menores as divergências, mesmo assim foram pontuadas em aspectos como: percepção de cada um sobre si mesmo, aceitação da família, do meio social e no trabalho.

Nos pares formados por mulheres, menores ainda são as diferenças, pois, nessas relações, prevalecem as convergências. Conforme visto mesmo em menor quantidade de pesquisas, poucas são as menções sobre divergências. Mesmo assim, elas ocorrem, mas apenas nos aspectos envolvendo o revelar para a família e seu meio social.

Concluimos, então, mediante a análise apresentada, que a diferença de opiniões é compreensível, pois não existe um “padrão” de pensamento, ou seja, cada ser responde por si e tem uma visão própria a respeito da forma como se percebe, como percebe o mundo e como se sente, fazendo parte dele.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo este estudo, retomando o objetivo central deste trabalho. Conforme mencionado, procurei verificar, nas pesquisas realizadas por Mestres e Doutores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e na Universidade de São Paulo – USP, como pessoas do mesmo sexo, masculino e feminino, vivenciam papéis e emoções em uma relação familiar de casamento.

Ressalto a minha dificuldade para localizar tais pesquisas, tanto que, dentro do nosso contexto, foram escolhidos onze estudos. Mais adiante, já em estudo, entendi que, o que pode ter influenciado tal número, foi a dificuldade dos pesquisadores de localizar participantes dispostos a colaborar.

A escolha da metodologia foi de extrema importância para o alcance do objetivo, pois tive a oportunidade, não de entrevistar diretamente os casais, como seria se a escolha fosse a pesquisa de campo, mas, mais do que isso, de avaliar diversas entrevistas em locais e contextos totalmente diferentes, através da visão de cada pesquisador a respeito do tema.

Não encontrei, no momento da escolha, melhor forma de realizar este trabalho, pois, quanto mais lia, mais entendia a relação dos casais. Essa visão foi complementada com a interpretação dos autores, através de diversos olhares, que não eram somente o meu.

A leitura foi feita pelo método Fenomenológico, ou seja, precisei me distanciar do foco, para melhor enxergá-lo em conformidade com Forghieri (1993).

Quanto à verificação dos casais, o empenho de entender separadamente cada um, homem ou mulher, na relação conjugal homoafetiva, faz-se necessário, como já citado e confirmado em pesquisas que refletem as suas diferenças em relação às escolhas amorosas como a de Féres-Carneiro (1997) (vide: anexo 2).

Mesmo assim, apesar das dificuldades mencionadas, a construção dessa nova formação familiar, a conjugalidade homoafetiva, não só é possível, mas é comum, natural e pautada no amor, carinho, cumplicidade, respeito e filiação entre iguais, não tendo como motivação principal o perpetuar das gerações.

Por isso, desejo para esses casais, não só que sejam respeitados pela seriedade de suas relações, mas também admirados por tamanha coragem, força e amor para mantê-la, mesmo com o enfrentamento diário de tantas barreiras, típicas de tudo que foge ao cotidiano social.

Nos estudos aqui mencionados, algumas questões foram pouco discutidas, como: ciúme e fidelidade, visão de cada um a respeito do casamento e a maneira de vivenciar essa nova configuração de família. Mesmo abordadas em menor teor, são tão importantes quanto as que foram amplamente apresentadas. Portanto, ainda há um vasto campo de estudo para novas pesquisas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, M. C. L. A., & BRAGA, M. G. R. (2006). **Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 177-191.

BORGES, R. C. **Pais e Mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas.** 2009. 253p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

CANCISSU, C.R.P. - **Lésbicas, família de origem e família escolha: Um estudo de caso.** Tese de Mestrado em Psicologia Clínica - PUC - São Paulo - PP 90; 2007.

CORREIA, Carlos Alexandre Costa. **HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO.** 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DEFENDI, Edson Luiz. **Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais, um estudo de caso.** 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

DIAS, Maria Berenice. **Famílias Homoafetivas.** Disponível em: <http://www.blogdofg.com.br>. 17 setembro. 2007.

_____. **Família Homoafetiva.** *Direito Civil: Direito de Família*. 7v. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

DORSCH, F., Hacker, H. & STAPF, K-H. (Orgs.). (2001). **Dicionário de Psicologia DORSCH.** Petrópolis: Vozes.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1997). **Escolha amorosa e interação conjugal na hetero e na homossexualidade.** *Psicologia: reflexão e crítica*, 10, 2, p. 351-368.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1998). **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** *Psicologia: reflexão e crítica*, 11,2, p. 379-394.

FORGHIERI, Y.C. (org) **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo. Cortez, 1984 a.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1993 b.

FRAZÃO, P. & ROSÁRIO, R. **O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares**. Aná. Psicológica [online]. 2008, vol.26 n.1, pp. 25-45. ISSN 0870-8231

FRIZZO GB, KREUTZ CM, SCHMIDT C, Piccinini CA, Bosa C. **O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica**. Rev Bras Cresc. Desen. Hum. 2005; 15(3): 84-94.

FRY, PETER; MACRAE, EDWARD. **O QUE É HOMOSSEXUALIDADE**. SÃO PAULO: EDITORA BRASILIENSE, 1983 (COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS).

GIL, Antonio Carlos - **Métodos e Técnicas de pesquisa social** – 6ª. ed. - São Paulo, Atlas, 2008.

GIORGIS. José Carlos Teixeira. **A natureza Jurídica da Relação Homoerótica. Família e Cidadania – o novo CCB e a vacatio legis**. Anais do III Congresso Brasileiro de Direito de Família. Belo Horizonte: IBDFAM/Del Rey, 2002.

GOMES, I. C., & PAIVA, M. L. S. C. (2003). **Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding?** Psicologia em Estudo, 8 (número especial), 3-9.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Vida a Dois: Conjugalidade Igualitária e Identidade Sexual”** In: Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais - vol. 2. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 1992, p. 143-156.

LEITE, J. L., **A Conjugalidade Homossexual no Brasil**, Ed. GZ EDITORA, 2011, 203p.

LOMANDO, E. **Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social**. Porto Alegre. 89f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

LOPES, Moisés - **Homens como outros quaisquer. Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina** - Doutorado em Antropologia Social (PPGAS) - Universidade de Brasília – Brasília – DF - 2010. 338p.

MEDEIROS, C.P. (2006). **Uma família de mulheres: ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo**. Estudos Feministas, 14, 02, 535-547.

MELLO, L. - **Femilismo (Anti) Homossexual e regulação da cidadania no Brasil**. – Universidade Federal de Goiás – Revista do Estudo Feminista de Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006

MESQUITA, RAUL & DUARTE, Fernanda - **Dicionário de Psicologia** - Plátano, Ed. S. A.- 1ª Ed. - 1996, E-2379-96.

MOSCHETA, M. S. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais**. 2004. 145f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2004.

MOSMAN, C. P. ET AL, **Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais**. - Barbarói. Santa Cruz do Sul, n.33, ago./dez.2010.

NEDER, Mathilde – **O Psicólogo e a pesquisa psicológica na instituição hospitalar** – Revista de Psicologia Hospitalar – FMUSP – Ano 3 N° 2, Julho/Dezembro 1993.

NORGREN, M. ET. AL – **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível**. –Rev. Estudos de Psicologia 2004, 9(3), 575-584.

PASSOS, M.C. **Homoparentalidade: Uma entre outras formas de ser família** – Rev. Psicologia Clínica do rio de Janeiro, vol.17, n 2, p 31-40. (2005)

PORTINARI, Denise. **O Discurso da Homossexualidade Feminina**. São Paulo, Brasiliense. 1989///Portinari, D. (1989). Casal Igualitário: Princípios e impasses. Revista Bras. de Ciências Sociais, 9, 3.

RAMOS, D. G., **A Psique do Corpo: A dimensão simbólica da doença**, Ed. summus editorial, 2006, 238p.

RODRIGUEZ, B. C., **A representação parental de casais homossexuais masculinos** - 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - USP-SP, São Paulo.

RONCA, F.P. **Agentes estressores e níveis de stress da homossexualidade feminina** - 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUC-SP, São Paulo.

SALOMÉ, G. ET AL – **O significado de família para casais homossexuais** – Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília 2007 – set a out; 60(5): 559-63.

SANT'ANNA, M.S. **A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino** - 2002. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUC-SP, São Paulo.

SANT'ANNA, Márcio Stefanini. **Nem tudo são flores: Um estudo da dinâmica dos conflitos da homoconjugalidade masculina**. 2011. 165 págs. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2011.

SANTOS, C. (2004) **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas**. Tese de Doutorado, FFCLPRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

SCORSOLINI-COMIN, FABIO E SANTOS, MANOEL ANTÔNIO DOS. **SATISFAÇÃO CONJUGAL: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL**. PSIC.: TEOR. E PESQ. [ONLINE]. 2010, VOL.26, N.3, PP. 525-532. ISSN 0102-3772. [HTTP://DX.DOI.ORG/10.1590/S0102-37722010000300015](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015).

SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

TRIVINUS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

UZIEL, Ana P. & et al. **Parentalidade e Conjugalidade: Aparições no Movimento Homossexual**. – Revista Horizontes Antropológicos – Porto Alegre, ano 12, p.203-227, jul./dez. 2006.

VASCONCELLOS, E. G., **Psiconeuroendocrinoimunologia**, Cap. 7, in TEDESCO, J. J. A.; CURY. A. F., Ginecologia Psicossomática, Ed. Atheneu, 2008 pg 39 a 50.

ZAMBRANO, E & ET AL. - **O Direito a Homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais** – Porto Alegre - Instituto de Acesso a Justiça - 2006.

ZAMBRANO, E & ET AL. **Parentalidades “Impensáveis”: Pais/Mães Homossexuais, Travestis e Transexuais** - Rev. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n.26, p 123-147, jul/dez. 2006.

ZAULI, Eduardo Meira. **Justiça eleitoral e judicialização das eleições no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, n 102: 255-289, 2011.

10. ANEXOS

10.1. Textos utilizados e trechos e relatos de entrevistas

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais

Murilo dos Santos Moscheta

Manoel Antônio dos Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Area: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO TRADICIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DEDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Moscheta, Murilo dos Santos

Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais
de homens homossexuais. Ribeirão Preto, 2004

145 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de
Psicologia e Educação.

Orientador: Santos, Manoel Antônio dos

1. Conjugalidade, 2. Homossexualidade, 3. Teoria *queer*

FERNANDA PASQUALUCCI RONCA

AGENTES ESTRESSORES E NÍVEIS DE STRESS DA
HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE PSICOSSOMÁTICA E PSICOLOGIA HOSPITALAR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como Exigência Parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica – Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, sob a orientação do Prof.Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos.

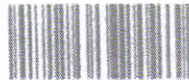
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2006

Biblioteca
Nadir Gouvêa Kfour
PUC/SP

Biblioteca MA - PUC/SP



100165633

1ª) Alteração no auto-conceito

"Hoje eu estou aprendendo a me ver como pessoa normal! Igual e normal como qualquer outra pessoa." (S1)

"(...) quem eu era agora? Quem eu ia ser para a sociedade? Porque aí pega na auto-estima; a sociedade te vê de um jeito e vc tem que ser como o modelo que eles te impõe, senão vc vai ser diferente, desviante. Então, vc não pode ser vc." (S1)

"(...) eu acho que eu me senti mais mulher... Então eu me senti mais livre, mais dona de mim, me respeitando mais" (S2)

"(...) ter me encontrado!...Ter me conhecido...Ser feliz! De andar na rua de cabeça erguida...porque eu me sinto completa! Independente da minha orientação sexual, é a felicidade! Eu me olho no espelho e falo: Essa sou eu!" (S3)

"Eu tenho orgulho de gostar de mulheres, de ser lésbica. Eu nunca consegui gostar de outras coisa, eu nunca tive confusão na minha cabeça. Isso nunca foi confuso para mim, então na verdade é um estado natural! É minha natureza..." (S4)

"(...) então tem muita lésbica machona, que reproduz o padrão patriarcal e reproduz o modelo heterossexual nos relacionamentos gays...e eu não queria esse comportamento lésbico! (...) então foi um processo interno de ir montando a lésbica que eu ia ser, com os meus padrões..." (S5)

"(...) as piadas que sempre rolam, os comentários maldosos; incomoda muito! Vc se sente um bicho, meio anormal... E eu sofro(...) eu sou super sensível, então dói." (S6)

"Me sentia diferente das outras mulheres, tinha culpa, mta culpa. Cheguei a quase me odiar por um tempo... queria tentar mudar, ser "normal". Ai veio a terapia, que me ajudou muito. Depois, hoje, como sei que essa é a minha natureza, tento sempre "ser minha amiga", como diz minha psicóloga. Sou assim, né?" (S6)

"(...) mas não posso mais me envergonhar, né? Não é crime, não faço mal a ninguém (...) É como se achasse que não posso ter mais nenhuma "falta"; tenho que me superar em tudo... ainda não é tranqüilo como eu gostaria que fosse" (S6)

"(...) eu achei que então eu era lésbica mesmo e aí comecei a me vestir assim mais masculinizada; e eu ficava super triste porque achava que a partir daquele momento eu não ia mais poder ser feminina, usar meus vestidos..." (S7)

"(...) eu não consigo me achar feminina, sabe? (...) fica uma coisa de me sentir mais bruta, pouco delicada, pouco feminina. E é ruim porque eu adoro essa coisa do feminino, eu acho isso lindo. Mas não consigo me sentir assim." (S7)

carregar todo um peso, toda uma montanha, em relação a minha sexualidade... Imagina, eu tenho 52 anos, a liberdade era outra...então, a minha filha sendo lésbica também, na minha cabeça eu tinha que carregar esse peso também! Imagina o meu pai, imagina minha irmã, imagina o vizinho, sabendo que eu sou, vão dizer que eu a influenciei... vão dizer que!!! Aliás, quase todas as lésbicas tem medo desse: "vão dizer que!!!" Sabe, se eu fosse hetero, ia querer que meus filhos fossem heteros também e aí ia estar tudo bem... como eu sou lésbica, eu também não quero uma prisão pra minha filha, que ela seja lésbica porque eu sou lésbica, sabe? Ela tem que ser o que ela quiser!" (S5)

"(...) minha filha tinha um grupo de amigas lésbicas que se vestiam como homens e reproduziam comportamentos tipicamente de machos, como por exemplo, batiam nas namoradas... e foi aí que eu falei para a minha filha: "olha gostar de mulher é tão gostoso... vc pode ser qualquer tipo de mulher que goste de mulher... não vai reproduzir qualquer tipo de homem que goste de mulher..." eu não acho que quer ser, eu acho que é mais uma reprodução dentro da questão do padrão social perverso... eu brigava muito com ela sobre isso. As vezes as meninas começam a fazer isso e se perdem..." (S5)

"(...) E descobri que uma das coisas que me incomodavam era ver ela parecendo macho! Sabe, vc ter uma filha parecendo macho! Eu moro num condomínio! E, qdo eu fui viajar soube que as bichas todas ficavam na minha porta como se fosse boate!! Qdo eu cheguei o condomínio estava em polvorosa... eles se enfiaram todos lá dentro e aí eu tive que colocar um limite: olha aqui, a minha porta não é boate não! Então eu pirei porque achava que eu tinha que responder em relação à sexualidade dela! Agora eu descobri até onde eu posso: A sexualidade dela é dela, e eu tenho que responder a questão da minha pertinência do poder mater, né? Então eu andei mto rápido, nesses um ano e quatro meses, senão eu iria estourar. E essa era a minha maior fonte de estresse..." (S5)

3ª) A vivência da afetividade em público

"(...) Eu nunca fiz em público, e é desgastante não poder fazer, ter que ficar se podendo de fazer algo que é tão natural e que todo mundo faz, mas vc não pode pois seu parceiro é igual, do mesmo sexo..." (S1)

"Eu nunca tive problema com andar de mão dada, beijar... mas eu nunca senti do outro lado a mesma coisa! Tem sempre uma dissimulação... um desconforto; o espaço que é legal ou não pra se fazer isso... por mais que as pessoas neguem, essa é uma preocupação! A grande maioria se esconde muito! Porque é mto difícil dar a cara pra bater! Tu passa cinco anos casada, todo mundo te conhece na faculdade e aí de repente vc chega com uma guria... não é fácil" (S2)

"(...) o problema é que só eu me sinto à vontade (risos). Não ela (risos). Até mesmo ir na passeata gay, de mão dada comigo já a deixava estressada... mesmo eu falando que era o nosso dia, o nosso meio, ela não relaxava!" (S3)

"Depende do lugar... se for um lugar "adequado"(...) lugares GLS, aí eu me sinto sim, muito a vontade. Agora em público...fico receosa; rola uma opressão (...) a geração

de hoje já consegue...Você vê meninas até no metro se beijando!! Não recrimino mas eu não teria essa coragem ainda... (...) eu no máximo dou um beijinho no cinema... mas me sento mais afastada, me sento mais pra trás, vejo se não tem família, tal(...)" (S4)

"(...) eu comecei a sentir necessidade de demonstrações sim,(...) com a S.(...) a maior vontade de dar um beijo e aí a gente tinha que entrar num bar, e ir no banheiro se beijar, sabe? O amor não é hosta!! Eu fiquei com trauma de banheiro!! Eu não vou mais entrar em banheiro pra beijar ninguém (...) Então a gente se tocava mto, mas beijo não. Tinha aquela coisa de pé no pé, mto legal..." (S5)

"(...) na Inglaterra (...) foi fundamental para que eu pudesse bancar a coisa mesmo, sair do armário com mais tranquilidade. Aliás, lá foi o único lugar em que eu banquei mesmo sair do armário (...) Não tive que encarar o olhar da minha mãe, ou dos amigos... me sentia absolutamente livre pra fazer o que bem entendesse e o que bem quisesse, sem ter que dar satisfações..." (S6)

"(...) dá vontade de sair na rua e beijar na boca, normalmente sabe? E aí tem que ficar se contendo, reprimindo (...) como se fosse algo proibido, vergonhoso... aí vem conflito" (S6)

"(...) Mas por enquanto é difícil. Só em lugar GLS mesmo, né? Aí vc se sente em casa (...) no cinema agora aprendi que tenho que sentar na última fileira... então, vc vai pegando umas manhas, né? (...) O que as vezes eu não agüento é dar uns beijos no rosto; Dou mesmo... daqueles bem fortes (risos); ou então perna debaixo da mesa...no máximo." (S6)

"(...) não me sentia à vontade, não. Tem até a famosa tática do banheirão... Acho péssimo; lugar de amor não é no banheiro! A primeira vez que eu fiz algo na frente de outras pessoas, foi com uma menina do teatro, numa festa... que aí tranquilo, porque era esse meio que eu te contei. Então lá não destoa, não choca, é natural...Agora sentar com uma menina em algum bar da Vila Mada e ficar lá trocando altos beijos, não, nem fodendo! Mas abraçar, pegar a mão, beijos no rosto... aí tranquilo, amigas fazem isso! Então nós temos essa liberdade... Ou então nos guetos, em que tudo é permitido..." (S7)

"Eu me sinto a vontade sim, principalmente qdo a gente tá lá (na cidade da namorada), porque eu não conheço ninguém, né? Só a família dela. Mas ela tem receio, não fica a vontade, porque ela é professora, então constantemente a gente tá na rua e escuta: "Oi professora!"Então, se a gente tá de mão dada, o que nunca acontece lá... mas, se nós estamos mais próximas, é muito difícil pra ela; então eu respeito isso tbém e não forço a barra! Aqui em São Paulo, normal, em qualquer lugar, na boa..." (S8)

"(...) eu gosto de sair na rua com a minha namorada de mão dada, de beijá-la; porque tudo isso ajuda as pessoas a verem isso por um outro lado... a verem que existe afeto, sentimento; que elas possam ver por um outro ângulo..." (S10)

4) A vivência do preconceito

"(...) as mulheres já tem uma posição oprimida em nossa sociedade, já sofre mto preconceito e violência por ser o "sexo frágil" (S1)

"Então eu ainda não vivi diretamente essa coisa do preconceito, por não ser assumida, mas acho que ainda vou sofrer isso." (S1)

"o bissexual, que eu faço uma distinção do homo, pois ele na verdade é indecisão; ele é ou ele não é? Então, ele tbém sofre um preconceito, até por parte dos homossexuais. É horrível, mas agente mesmo acaba colocando esses preconceitos, e acabam se tornando situações desconfortáveis." (S1)

"(...)sei de gente que perdeu o emprego... tem tbém a coisa do fetiche, de homem que quer transar com duas mulheres; Então eles mtas vezes abordam mesmo, sabe? E não respeitam que ali tem um casal!" (S2)

"(...) eu sofri preconceito qdo eu era simpatizante! E sempre no tom de piadinhas... nos congressos, nos encontros... tipo: "Ah! Vc não é sapa??!" e aí um dia uma amiga me salvou e deu uma resposta tipo: "Ela é hetero mas ela é limpinha..." (S2)

"dentro do movimento (lésbico) (...) tem um certo desconforto entre as mulheres com as outras mulheres que não se definiram... porque tem um pouco essa cara: "ai, se vc pensa em sair com mulheres e com homens...ai não dá, hem?" (...) Tem quase um imperativo que é:ou vc é e só curte mulher ou vai ser no mínimo, mal vista! (...) me sinto oprimida por elas... pra mim isso é um tipo de violência, inclusive!" (S2)

"Não, nunca sofri preconceito. Ao menos não me lembro de ter passado por isso... até mesmo por ser reservada." (S4)

"Não...não sofri preconceito por conta da minha questão de armário, né?" (S5)

"(...) ser mandada embora de um bar, como foi a minha filha, porque tavu beijando a namorada lá dentro, e tinha heteros se beijando... Eu quis entrar na justiça mas só não pude pois os pais da namorada da minha filha não sabem dela e ela tem 17 anos" (S5)

"(...) sessão das 16:00, cinema vazio(...) qdo acenderam as luzes, a gente ficou lá, dando um tempinho, e aí passou um casal mais velho, e o sr (...) começou a falar que era um absurdo aquilo, que se agente gostava de fazer sacanagem que fosse fazer isso em casa! Ai eu fiquei puta: quem vc pensa que é, não te devo satisfação, vai pra puta que te pariu, porque eu xingo mesmo (risos)... só lembro que a L. apertava o meu braço e me pedia pra parar, que isso ainda ia dar confusão (...) tem outras situações difíceis, tipo as piadas que sempre rolam, os comentários maldosos; incomoda muito!" (S6)

"no colegial, como eu e a J. andávamos muito juntas, os meninos tinham uma idéia, uma fantasia do que acontecia, então tinham aquelas brincadeirinhas: "olha as sapatas..."

"No meu segundo namoro hetero, uma das crises foi eu ter pensado que eu estava grávida. E na época, eu tava confusa com essa questão da orientação, então eu lembro que tinha um lado meu torcendo mesmo pra estar grávida, porque aí eu ia ser mãe, ficar com ele; aí a questão estaria resolvida! Hoje, ainda bem que não, mas isso rolou." (S7)

"Eu tive conflito, dos 16 aos 17. Eu namorei um cara seis meses contados. Mas não deu certo, eu não gostava... assim, eu gostava dele, de conversar, mas sexualmente...nenhuma atração! Foi difícil! Foi minha última tentativa, depois dele nunca mais. Ai acabou o conflito, eu vi que não adiantava lutar, ir contra, era isso mesmo..." (S8)

"(...)mas aí vem a dúvida; será que eu não deveria me casar com um homem, porque acho que eu me sentiria mais... apoiada... porque tem homens legais também, né? (...)mas eu teria medo de estar com um homem e me apaixonar por uma mulher de novo... estou tentando resolver tudo isso, esse conflito, na terapia; porque antes eu ficava assim: "não, agora eu vou tentar me manter heterossexual... mas aí aparecia a homossexualidade de novo e aí eu falava, bom, então agora eu vou ficar só com isso, viver a homossexualidade... e isso é conflitante, sabe?" (S9)

"Então, no começo foi mto difícil, mto mesmo! Fiquei dois anos em conflito comigo mesma... Principalmente pela minha educação e por toda uma questão de religião; minha família, minha mãe, são muito religiosos; eu praticamente cresci dentro de uma igreja evangélica... e eles são extremamente fechados quanto a este assunto (...) foi um conflito enorme dentro de mim...mas aí eu cai na real que não adiantava fugir: era aquilo mesmo!" (S10)

6*) O assumir-se para amigos/colegas heterossexuais

"Porque eu imponho uma posição um pouco rígida, uma certa postura no trabalho; eu me dou mto bem com todo mundo, mas coloco uma certa distancia. Eu nunca entrei na minha intimidade, coloco uma barreira em relação a minha pessoa. Então nunca entramos nesses assuntos. Não dou espaço. Mas eu me questiono: e se um dia alguém perguntar? Não sei... eu ainda não sei o que eu faria. Não sei se eu conseguiria assumir." (S1)

"(...) Tu passa cinco anos casada, todo mundo te conhece na faculdade e aí de repente vc chega com uma guria... não é fácil! E se a guria tbém é conhecida no meio, como é que faz? E tem toda essa problemática... no trabalho também! As pessoas não contam! E aí te incute um temor que vc não tinha: vc está bem com a sua escolha, mas vc fica na retaguarda... porque não tem espaço! Oprime!" (S2)

"(...)ele (ex-marido) falou: não conte pra todo mundo, porque tem certas pessoas que podem não olhar mais na sua cara... mas eu não dei mta importância não! Porque eu acho que quem sabe é quem tem que saber! As pessoas também ligam pontinhos... então, se me perguntarem eu respondo..." (S2)

"(...)Eu não tive esse azar de alguém dos meus amigos virar a cara pra mim; mas tbém se um dia tiver, é o seguinte: ai, bicho, vai cuidar da sua vida!! Dá um tempo!! Até

hoje eu não tive problemas... tbém, isso é mto novo pra mim! Ainda estou me acostumando ... acho que é uma questão de tempo, mesmo... Mas sei de gente que perdeu o emprego..." (S2)

"(...) devagar, bem devagar, eu comecei a contar (...) a reação foi bem diversa: tem gente que até hoje me pergunta da A. e tem gente que falou: "D. vc é minha amiga, mas eu não quero saber da sua vida particular porque aqui dentro vc é minha colega de trabalho!" E teve gente que entrou por um ouvido saiu por outro, não comentou absolutamente nada, mas continuou me tratando da mesma forma..." (S3)

"No trabalho, eu não levo não! Prefiro não misturar minha vida pessoal com a profissional... a não ser qdo eu me torno mto amiga de alguém e aí, um dia, fora de lá, se a gente entra no assunto e eu me sinto segura pra falar, aí tudo bem... mas só aconteceu com duas pessoas. E não me dei mal, são pessoas que me respeitam até hoje." (S4)

"assumir a minha sexualidade e o fato de eu gostar de mulher, sim, isso estava assumido! Assumir socialmente, já era complicado... a questão do armário! De assumir para fora...tinha esses padrões nos quais eu não queria e não quero me enquadrar..." (S5)

"No trabalho, os mais próximos sabem. Mas não é pra todo mundo não... é legal que nesse meio da publicidade (...) ser gay não é um problema (...) Os amigos, uns sabem, outros não. Acho que a maior parte dos meus amigos da época da escola, colegial, nem sonham... alguns da faculdade sim; até porque só fui descobrir mesmo na época da faculdade, um pouco antes de entrar, né?" (S6)

"(...)em relação as minhas amigas, eu morria de medo de contar porque achava que elas iam perder a naturalidade comigo, iam ficar achando que se eu abraçasse elas, eu iria estar afim, sabe? Então eu ficava encanada, como acho que fico até hoje." (S7)

"Já no meu emprego tem poucas pessoas que sabem, só quem é bem próximo mesmo... a minha chefe nem sonha. Eu só conto mesmo quando eu confio; tenho que confiar, se não nem pensar!" (S8)

"(...) no ambiente de trabalho (...) eu não falo, porque as pessoas só falam de heterossexualidade (...) Na verdade é muito difícil fora do gueto, do Umas&Outras ou de alguma danceteria ou barzinho, eu conversar sobre isso com alguém. Na verdade é quase impossível" (S9)

7) O assumir-se para os familiares e a relação com eles

"Falando de assumir, dentro da minha família eu me assumi para meu irmão mais velho (...) Então foi legal, porque ele aceitou... e ele era mto importante para mim, meu irmão mais velho... Mas foi só com ele, porque eu sabia que se eu falasse isso em casa eu provavelmente magoaria, decepcionaria meus pais; eles não iriam entender isso." (S1)

"Então agora tem a coisa de contar ou não para a minha mãe, porque o meu pai já morreu... eu ainda não consegui! Na verdade não sei se devo... como estou fazendo terapia, estou tendo este tempo para pensar, amadurecer a idéia (...) como sempre fui mto independente, eu nunca levei problemas pra dentro de casa... antes de morrer meu pai falou que confiava muito em mim e sabia que eu nunca faria nada de errado. Então... isso é mto complicado para mim (se emociona)... ele morreu sem saber." (S1)

"(...) sempre existiu esse conflito, então até que ponto eu podia deitar e falar, olha mãe, eu...eu não podia! Mas não era só isso; ela me cobrava casamento, netos; eu sou a única mulher, né? Agora, de todo mundo o mais difícil para mim é contar para o meu irmão mais novo... temos quase 15 anos de diferença, eu praticamente o criei; é como filho, sabe? Me preocupa muito a aceitação dele; é mais difícil abrir isso para ele do que para a minha mãe...na verdade, não me preocupa a aceitação dela..." (S1)

" bom, pra minha filha eu não contei explicitamente "esta é a minha namorada"... qdo as duas tavam em casa a gente dormia na mesma cama...mais eu não contei explicitamente..." (S2)

"Com os meus pais eu não abri nada, não falei porque o meu pai é uma pessoa super complicada, e a nossa relação sempre foi mto complicada desde os meus 10 anos; (...) e com o meu ex-marido, foi este o verdadeiro motivo da nossa separação! Eu não menti pra ele não! Contei a real! Eu sou assim, sabe? Muito sincera... foi uma barra, grande mesmo! Ce imagina? Passei como um trator por cima, acho eu..." (S2)

"(...) Eu sei que meu pai, por exemplo, ia rodar a baiana! Mas ele roda a baiana por tudo! Então eu me preservo..." (S2)

"(...) Colocar o cara (o marido) sentadinho na minha frente no sofá, e falar: "Olha, acabou... não dá mais... por causa disso... e disso!" Falei toda a real, toda mesmo! Mas eu acho que eu fiz isso, porque era insustentável para mim não fazer! Foi um ato egoísta nesse sentido: era insustentável para mim! (...) E tem uma outra coisa que me levou a dizer a verdade: como eu que sou militante, que sempre tive um discurso contra a vida dupla, não no sentido de estimular as pessoas a saírem do armário, mas no sentido de questionar a vida dupla delas e luto para que elas possam ter cada vez mais relações completas, trabalhando a auto-aceitação e que elas lutem pelos seus direitos de serem reconhecidas como iguais, como eu poderia não dizer a verdade para ele? Eu iria contra tudo o que faço, o que sou! Então eu tinha que bancar aquilo que sempre achei ser o certo! F. outra coisa que tbém ajudou foi saber que de certa forma ele agüentaria, pois ele era um cara legal, cabeça aberta. Então sabia que podia chegar e dizer: olha, o motivo real foi esse!" (S2)

"(...) meus primeiros passos foram dentro da minha família, eu contei pro meu irmão... (...) eu também não agüentava mais mentir...Ai depois, a minha irmã (...) Então foi assim, com cada pessoa da minha família, qdo eu sentia que tinha abertura, eu fui contando... foi assim com todo mundo! A única pessoa para quem eu não consegui contar foi meu pai (embarga a voz.) (...) até que meu pai conseguiu ver, conseguiu observar a troca de carinho, ele acompanhou tudo isso, e aceitou, acolheu a A. como sendo filha!

Então eu não consegui verbalizar, mas a gente conseguiu sentir tudo isso...então foi maravilhoso! Ai tinha a minha avó que eu morria de medo (...) Um dia ela me chama e fala: "Fia, eu to pensando em falar pro seu pai vim morar aqui comigo e deixar vcs duas morando lá no apartamento..." Então ela, pra quem eu tinha mais medo de contar, também se colocou e aceitou..." (S3)

"com a minha família eu nunca me assumi, mas eles sempre souberam. Implicitamente... Quando eu vou pra Belém, eu tenho uma relação ótima com as minhas irmãs e elas tratam as minhas namoradas super bem, melhor do que eu... mesmo apresentando como amiga. Mas não preciso falar: elas sabem... e a minha mãe já é falecida, mas tbém nunca precisei falar, ela sabia." (S4)

"O pai da minha ex-namorada é pastor de uma Igreja Batista e a família dela, quando descobriu que nós estávamos juntas, (...) fez simplesmente da minha vida e da vida dela um inferno... E acabou desgastando o relacionamento e a gente se separou ainda se gostando muito (...) eles ameaçaram tirar tudo dela, inclusive eles próprios, a família... e aí ela (...) acabou optando por ficar com a família (...) É foda pensar que em pleno século XXI eu tive esse problema (...) da mãe fazer terrorismo, mandar email terríveis... do pai ameaçar que ia tirá-la da empresa, expulsá-la de casa...mandou ela esquecer que tinha família.(...) Ela é, de formação, musicista, né? E disse que não ia conseguir viver só da música. (...) Então ela não foi... corajosa o suficiente para... ela sentiria mais a perda da família. Foi quando eles apelaram para isso, que eu falei...nossa, agora o jogo foi sujo...foi uma violência amorosa que eu sofri..." (S4)

"Na minha família é complicado. Meus irmãos sabem. (...) com meus pais não rola. Não dá pra contar.(...) eu não me sinto bem o suficiente para isso.(...) Meu pai tem uma cabeça legal, é um cara culto, mais aberto. Pra minha mãe é que ia ser foda; ela é absolutamente religiosa, católica de carteirinha mesmo sabe? De ir na Igreja quase todo dia, (...) ela morre... acho que pra ela ia ser um puta choque, decepção. E ia causar conflito (..) ela é uma puta mãezona, sabe?(...) Ela pira, não aguenta não... Então, pode até ser que ela desconfie, mas prefere tapar o sol. Tenho que respeitar; não quero impor... não pra ela. O meu pai tenho quase certeza que sabe; qdo ela me questiona de casar, filhos e tal, ele sempre me salva... diz pra ela parar de falar essas coisas, porque se isso tiver que acontecer, vai acontecer, não adianta pressionar. E aí ele logo muda de assunto..." (S6)

"(...) há uns 4 anos atrás eu conversei com a minha mãe, contei, abri, e bom, ela é o máximo, tem uma cabeça incrível, aberta e até me ajudou com essa coisa da roupa, dizendo que não era por conta disso que eu não poderia ser feminina... e, ela falou que tudo bem, entendia mas que sinceramente achava que a minha não era essa; que seria só uma fase, que não era bem isso. Mas a nossa relação é muito legal; eu conto muita coisa pra ela, qdo estou afim de alguém ela super torce; se eu vou sair com uma menina que ela sabe que eu to afim, me fala: "boa sorte", "aproveita a noite"... então é assim, com ela é mto tranquilo." (S7)

"Minha família sabe mas pra eles é um tabu, não comentam, não se toca no assunto. Mas já foi uma grande cobrança! Porque eu nunca contei, né? Eles descobriram... porque naquela época, mesmo antes de rolar, minha mãe falava: "ta acontecendo alguma coisa entre vc e ela... vc está gostando dela?" E eu falava que não, que ela tava vendo coisa onde não tinha e tal. E daí de tanto ela falar, acabou (risos) me fazendo notar, mesmo... E aí chegou uma época em que ela falou: "agora eu tenho certeza que vcs estão juntas!" E aí queria me mudar de escola, falava que não queria mais que a gente andasse juntas. Aí eu tomei coragem e falei que era isso mesmo! Que a gente namorava mesmo e era isso aí! Aí ela parou de falar e sossegou, não tocou mais no assunto, fingia que não existia, sabe? Depois de um tempo veio a cobrança de namorado, dos 15 aos 18! Queria que eu arranjasse um namorado a qualquer custo, mas eu nunca levei alguém lá. Já meu pai e minha irmã são bem na deles, não se metem. A minha irmã eu não sei se sabe, eu nunca falei pra ela; só pro meu cunhado! (risos) Ele sabe e ela não... mas ele é bem cabeça aberta, então eu me senti a vontade pra contar." (S8)

"(...) minha mãe sabe e minhas duas irmãs. Mas meu pai e meu irmão mais novo não sabem. No começo eu tinha mto medo, a minha mãe desconfiava e aí um dia ela foi mexer nas minhas coisas – isso faz tempo, uns 12 anos – pra tentar descobrir se eu era, se eu não era, até que ela jogou verde pra colher maduro. E foi difícil, nossa... porque no começo ela não aceitava de jeito nenhum; mas aí ela foi aceitando e hoje ela aceita. Então, na minha família é isso." (S9)

"(...)minha família, minha mãe, são muito religiosos; eu praticamente cresci dentro de uma igreja evangélica... e eles são extremamente fechados quanto a este assunto, né? Então pra eu conseguir me assumir, nossa... foi um conflito enorme dentro de mim...foi muito difícil...eles não aceitavam de jeito nenhum..." (S10)

"Porque foi assim: eu tinha um relacionamento muito legal com os meus pais, era tudo bem tranquilo mesmo. Depois que eu contei, nossa...tudo mudou. Não ficou mais legal a relação, o clima mudou... minha família não aceita... até hoje! (...) sabem de tudo o que acontece, (...) eu não escondo. Mas eu não levo em casa, porque ela não gosta..." (S10)

8ª) O estigma

"(...) Nós pagamos contas, dividimos a casa e as tarefas (...) tiramos férias, fazemos sonhos... tudo é igual, pois antes de tudo somos iguais! (...) Eles não te vêem nas tuas outras esferas; só te vêem enquanto sexo, sexual, eles não vêem o ser humano que está dentro de vc! (...) E é sempre ligado com o sexo, vc é visto como objeto sexual, como duas mulheres que se roçam, e tal... e é tão normal... se as pessoas pudessem acreditar seria tão mais fácil..." (S1)

"O maior é a aceitação mesmo; aceitarem que somos pessoa normais que trabalhamos, pagamos impostos, amamos, choramos e sentimos dor e que não só o lado sexual importa... eles não vêem o outro lado, que tudo é igual ao de todo mundo... qdo vc vê um casal HT se beijando, isso é a coisa mal natural do mundo, mas com a gente, não... a coisa não é vista de um jeito legal; é sem vergonhice, descaramento e por aí vai..." (S4)

"Porque todas as coisas que fogem das regras da sociedade são tratadas como crime, como anormalidade... o meu beijo é anormal o beijo do outro não é, a minha postura de conduta é amoral; e às vezes a namorada ta sentada no colo do cara, o pintinho pode até ta pra fora em um bar e aí tudo bem... mas se eu pego na mão da namorada sou mandada embora, mas atentado ao pudor é eles quem fizeram... não nós! Isso cansa..." (S5)

"Essa coisa do estigma (...) sempre associarem a idéia de lésbica a uma mulher masculinizada(...) Essa coisa de sempre te sexualizarem... como se não existisse a possibilidade de sentimentos verdadeiros, puros... como se vc fosse somente uma boceta que gosta de outra boceta... Te reduzem a tua orientação! Vc vira "a lésbica"! Não a A., que é publicitária, que adora comida japonesa, que curte MPB, que é simplesmente uma mortal como outra qualquer, e que como todo mundo, só quer ser feliz!" (S6)

"(...) O que me dá mais medo, mais ansiedade, mais angústia de contar é imaginar que as pessoas, assim que vc fala, que vc conta, associam a uma imagem...sabe? Sexualizam...Então, isso me oprime, me faz me sentir só sexual... é esse estigma que dói, reduz." (S7)

"Sabe já ouvi muito comentário de baixo escalão, olhares que te fuzilam, de indignação... às vezes me sinto um bicho (...)As pessoas não encaram como uma coisa normal; parece que é uma aberração, uma doença! (...) é difícil não perder seu referencial!" (S10)

9ª) O processo em se assumir como tal

"A terapia vem sendo fundamental (...) estou renascendo, descobrindo quem verdadeiramente eu sou (...) Está vendo esta aliança (no dedo esquerdo), é uma aliança de compromisso comigo mesma (...) Estou comprometida a me descobrir! Então, neste momento (...) estou me sentindo mais forte em relação a assumir, porque eu sou assim, não tem como eu não ser, não tem como eu fazer uma terapia pra deixar de ser, é como um DNA, é meu! Sou eu! Não é uma doença que vc pega e aí fica lésbica de repente!" (S1)

"(...) causa conflito interno, causa estresse, mexe com o seu mais íntimo... porque te remete a sua própria aceitação, a sua auto-aceitação, e em geral isso é um processo para os homossexuais! Vc não se aceita de cara, é um processo..." (S1)

"Então, assim a questão assumir foi assim suave...gostosa, que me fez mto bem! Sem nenhum trauma... E acho que justamente por ter sido tão bem aceita pela minha família, sabe? Porque se eles aceitaram, o resto não me importava muito não..." (S3)

"Assumir-se... Não é fácil, não foi fácil e não é, né? Porque tá pegando na minha estória pessoal... e aí eu vou tocando essa minha vida dupla...porque é uma vida dupla." (S5)

CYNTHIA REGINA PEMBERTON CANCISSU

***LÉSBICAS, FAMÍLIA DE ORIGEM E FAMÍLIA ESCOLHIDA:
UM ESTUDO DE CASO***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

São Paulo – 2007

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:

Local e data:

cycancissu@hotmail.com

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

CONJUGALIDADE GAY E LÉSBICA E REDE DE APOIO SOCIAL

EDUARDO LOMANDO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Wagner

Porto Alegre, dezembro de 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Valéria Melki Busin

Homossexualidade, religião e gênero:
a influência do catolicismo na construção
da auto-imagem de gays e lésbicas

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora como exigência parcial
para obtenção do título de MESTRE em
Ciências da Religião pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
sob a orientação da Profa. Doutora
Maria José Fontelas Rosado-Nunes

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: A DUPLA ESTIGMATIZAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. *Vera Lucia Valsecchi de Almeida*.

CARLOS ALEXANDRE COSTA CORREIA

São Paulo

2009

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processo fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura _____

Local _____ Data _____

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Edson Luiz Defendi

**Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais:
um estudo de caso**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação da Professora Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo.

São Paulo

2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

DEFENDI, Edson Luiz.

Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso.
141 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) São Paulo. 2010. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“Gay male couple, disclosure and social network: a case study”

Palavras-chave: conjugalidade homossexual, processo de revelação, redes sociais.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Márcio Stefanini Sant' Anna

**Nem tudo são flores: Um estudo da
dinâmica dos conflitos na
homoconjugalidade masculina.**

Tese de Doutorado apresentado à
Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
como exigência parcial para a
obtenção do título de DOUTOR em
Psicologia Clínica, sob orientação da
Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini
Macedo.

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

SANT'ANNA, Márcio Stefanini

Nem tudo são flores: Um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina. 165 págs.

Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) São Paulo. 2011.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

“Not all flowers: A study of the dynamics of conflicts in gay male couple”

Palavras-chave: conjugalidade homossexual, conflitos, relacionamento, teoria sistêmica.

BRUNELLA CARLA RODRIGUEZ

**A REPRESENTAÇÃO PARENTAL
DE CASAIS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS**

(Versão revisada)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profª Titular Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Rodriguez, Brunella Carla.

A representação parental de casais homossexuais masculinos. / Brunella Carla Rodriguez; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2012.

107 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Família 2. Homossexualidade 3. Psicanálise 4. Estrutura familiar
I. Título.

HQ10

Resultados e Discussão

Relato da entrevista com o Casal 1 - Enrique e Tiago¹

Data da entrevista: outubro de 2010

Enrique (30 anos) e Tiago (31 anos) se conheceram em 2003 por intermédio da internet, Enrique escrevia contos eróticos em seu blog e Tiago se interessou pelo conteúdo e lhe deixou uma mensagem. Eles conversaram pela internet por aproximadamente três meses quando resolveram se conhecer pessoalmente. Em alguns meses o casal deu início a um relacionamento conjugal, o primeiro relacionamento homossexual de ambos. Eles estão juntos desde então e moram juntos há aproximadamente dois anos.

Os dois são formados em Propaganda e Marketing e trabalham na área em empresas diferentes. O casal vive junto desde 2008 em um apartamento alugado em conjunto, relatam viver um relacionamento *“fechado e de comprometimento, ... diferente do que a sociedade considera como a promiscuidade típica do universo homossexual masculino”*. Ambos tiveram relacionamentos heterossexuais anteriormente e se assumiram como homossexuais para as respectivas famílias e sociedade há pouco tempo (aproximadamente dois anos, o tempo em que estão vivendo juntos).

Tiago vem de uma família tradicional, na qual ele é o segundo de três filhos, seus pais vivem juntos e ele saiu da casa da família quatro anos atrás para ir viver com Enrique. Tiago conta que levou um longo tempo até conseguir aceitar sua homossexualidade e se assumir diante da sua família, cujo processo foi doloroso. Relata que sempre teve um relacionamento bastante próximo com a mãe e que sua saída de casa foi dificultada por essa estreita relação, explicitando que sua família era *“super protetora”*. A respeito dessa relação bastante próxima com a mãe, afirma que era o companheiro dela, assumindo o lugar do pai, que estava bastante ausente. Ele diz que percebeu o quão preso estava à sua família quando tentou sair e se viu em

¹ (Foram utilizados nomes fictícios para proteger a identidade dos colaboradores)

uma encruzilhada: "... eu fui o último dos filhos a sair de casa, entendeu?! Então, eu basicamente virei o grande parceiro da minha mãe, assumindo o lugar do meu pai e até eu conseguir sair, sabe assim, saber que não ia acontecer nada com ela, ela ia ficar bem, eu levei esse período de quatro meses pra poder sair de casa".

Ele relatou a pouca participação de seu pai na vida familiar, entretanto, na infância se recorda do pai bastante presente, brincando com ele e com os irmãos com frequência. Recorda que houve um momento de rompimento, por volta da pré-adolescência, quando seu pai começou a trabalhar mais e ele sentiu um afastamento e uma diminuição de sua participação na casa.

Tiago revelou ser homossexual por meio de uma carta deixada em suas coisas (em uma gaveta em seu quarto) para que a mãe encontrasse, pois segundo ele a mãe sempre fora muito intrusiva e com certeza a encontraria rapidamente, o que aconteceu. Ele relatou que a notícia não foi bem recebida e que os pais o trataram de maneira hostil e desrespeitosa, o que colaborou para seu desligamento de casa, indo viver no apartamento alugado do casal (o qual ele já dividia os gastos há mais de quatro meses). Nesse período de quatro meses ele relata que engordou mais de vinte quilos devido à ansiedade extrema que estava vivendo. Sua família hoje o aceita, entretanto, o casal não frequenta a casa da família de Tiago, pois segundo ele não seriam bem vindos.

Enrique também vem de uma família tradicional, sendo o terceiro de quatro filhos com diferença de idade considerável, sendo assim ele relata ter convivido pouco com a irmã, que por ser a mais velha, casou e saiu de casa quando ele ainda era adolescente. O segundo irmão, tem problemas psiquiátricos que consomem bastante tempo da família. Quanto ao irmão mais novo Enrique chegou a cuidar deste quando era pequeno, o que ele lembra como algo muito difícil e doloroso. Segundo ele, o irmão mais novo teve algumas complicações, como doenças digestivas e por isso demandava bastante atenção e cuidado.

Ele conta que tem uma relação afetiva e próxima apenas com a mãe e que, portanto, contou somente para ela de sua homossexualidade, a única pessoa a quem acha que deve satisfações. Com relação ao pai, Enrique falou pouco, referindo-se a ele como um pai muito ausente e desinteressado na família. Em seu discurso, Enrique traz a mãe como a grande matriarca e o pai como o provedor (trazia o dinheiro para casa). Há uma lacuna no que se refere ao pai e a relação com este, que segundo ele "*sempre foi difícil e complicada*". Enrique pouco falou deste, mesmo quando questionado pela entrevistadora.

Enrique saiu da casa dos pais em busca de emprego em uma metrópole e adentrou o mundo gay quando conheceu Tiago e deu início ao seu relacionamento. Sua assunção como homossexual (para a família) foi também através de uma carta que entregou para a mãe com um livro espírita (romance homossexual) pedindo que ela o lesse, relata que esta respondeu: *“Você é adulto, você sabe o que você faz, é você, é meu filho, eu vou continuar te amando da mesma maneira, não tenho problema em relação a isso. Eu só não quero que você se exponha, tanto na sociedade como na família”*.

Enrique diz entender a dificuldade da mãe em aceitar o fato e poder falar sobre assunto, acredita que ela tem muitas perguntas e dúvidas, mas não consegue ainda lidar com o fato, evitando situações como a de ir ao apartamento do casal. Enrique diz que apesar de ter contado efetivamente somente para sua mãe, sente que seu pai sabe, *“ele já deve ter percebido”*, apesar dele nunca falar a respeito. Conta que sua mãe evita tocar no assunto da homossexualidade e o companheiro, Tiago, afirma que entende que ela precise de tempo para digerir tal informação, pois ele mesmo levou 23 anos para aceitar-se como ele é e não acha que deva ser fácil o processo para sua mãe. O casal frequenta a casa de sua família e a mãe respeita sua homossexualidade e se relaciona bem com Tiago, entretanto não se refere a eles como casal. Enrique contou que sua mãe viaja às vezes com o casal e que tem uma boa relação com eles.

O casal faz uso de aliança, que segundo eles simboliza *“uma união, um casamento... é um pertencer do outro”*. Além disso, eles trazem o uso da aliança como uma forma de oficializar a relação diante dos outros, de mostrar que não estão disponíveis para outros relacionamentos, diferenciando-se assim de relações onde há *“puladas de cerca... No meio gay, a gente tá usando aliança, a gente tá falando assim, olha, meu relacionamento com o parceiro é sério, não é uma brincadeira”*.

O casal tem planos de comprar uma casa ou apartamento próprio e ter uma estrutura financeira, comprar um carro, além de oficializar sua união civil.

Sobre a família ideal, Tiago diz: *“... hoje em dia não dá pra falar o que é uma família ideal ... eu acho que até amigo você pode falar que é família dependendo do grau de intimidade, eu acho que contanto que, eu acho que a vontade de querer ficar junto, assim, ter amor, carinho, planos pro futuro, isso é o que a gente acaba vendo como família. Acho que não tem família ideal”*.

Mencionaram também, o medo da responsabilidade e o desejo de fornecer uma educação livre de preconceitos daqueles que por ventura pudessem cuidar. Por ora observa-se que ainda, permanece conflituosa ou apenas como projeto futuro a realidade vivencial da homoparentalidade para esse casal, principalmente por não haverem elaborado a separação dos pais (saída de casa somada a aceitação apenas parcial de sua homossexualidade) e, portanto, não poderem deixar seus “lugares de filhos” para se tornarem pais.

Relato da entrevista com o Casal 2 - Alex e Roberto

Data da entrevista: Novembro de 2010

Alex (45 anos) e Roberto (33 anos) se conheceram em 2008 pela internet. Relatam que tiveram um rápido envolvimento e que em algumas semanas depois já estavam se vendo quase todos os dias e em alguns meses morando juntos. Ambos viveram relacionamentos homossexuais anteriormente e contam que buscavam um relacionamento estável quando se conheceram. Alex é formado em Geografia e está concluindo a licenciatura, faz um estágio e pretende dar aulas em breve. Roberto é formado em Psicologia e trabalha como psicólogo no Fórum da região em que vive, onde lida com os pedidos de adoção, inclusive de homossexuais. Ele relata apreciar muito o seu trabalho e se satisfaz trabalhando com algo diretamente ligado à sua própria vida, pois como ele mesmo conta pretende adotar seus filhos.

O casal vive em um apartamento alugado por Roberto e um amigo (que mora junto com eles). Alex tem um apartamento, onde sua mãe vive, o casal afirma freqüentar o apartamento, por vezes dormindo lá, entretanto não pensam em residir neste. Alex conta que pretende comprar uma casa maior e fazer um “puxadinho” para levar sua mãe junto. Ele conta que sua mãe tem depressão e que já está bem “velhinha”, por isso não pensa em deixá-la sozinha.

Quando questionados sobre a relação com as famílias de origem, ambos parecem considerar a mãe como figura central da família, chegando a desconsiderar o pai (falando muito pouco deste), somado ao pouco convívio entre eles. Diante do pedido da entrevistadora para contarem sobre as famílias de origem de cada um, Roberto disse: “*Vamos alternar, você*

Alex conta que sua família é de origem européia, seus avós eram imigrantes que trabalhavam com agricultura, assim como seus pais. Ele tem uma irmã mais velha com quem não convive muito, mas com quem tem boa relação e aceita sua homossexualidade. Seus pais se separaram quando ele tinha 15 anos de idade e nessa época ele contou ter presenciado muitas brigas de seus pais, o que o faz acreditar que sua irmã tenha casado cedo para sair de casa e fugir daquela situação. Relata que sua família sabe de sua homossexualidade, entretanto ele não contou em momento algum e sim os pais “desconfiavam” desde o início e acabaram percebendo. Diz que aceitar-se como homossexual não foi um problema para ele, mas sim para os outros. Ele chegou a ter uma relação heterossexual, namorando sério com uma moça, mas foi a única vez que se encontrou apaixonado por uma mulher. Alex contou que teve vários namorados, de longo tempo e que após a morte de um deles caiu em depressão. Sua mãe foi perguntar-lhe o motivo pelo qual ele estava tão mal e foi então que se deu a primeira conversa sobre a homossexualidade dele, pois quando questionada pelo filho sobre quem seria o Hélio (namorado falecido), ela respondeu sem dúvidas “seu namorado”. Foi, também, durante esse namoro que teve uma conversa aberta com o pai, após passarem o ano novo juntos numa casa de praia; “depois que passamos o ano novo lá, meu pai falou ‘Ó, eu quero que vocês sejam muito felizes no relacionamento de vocês, não importa o que vocês façam’”. Alex conta que ficou muito emocionado com a atitude do pai.

Alex afirma que se lembra de seu pai com muito carinho, ele foi muito presente, entretanto, na sua adolescência seu pai se afastou, em função da separação do casal parental: “... ele foi um pai muito presente, ele pode ter começado a ‘galinhar’ e tudo, mas ele foi muito presente, se preocupava com a minha saúde, com a minha educação, ele me levava ao teatro, ao cinema, ele levava a gente sempre pra viajar, ele era um pai carinhoso, eu sentava no colo dele, ele me beijava. Eu me lembro quando era pequeno de ficar no muro olhando o momento que ele fosse chegar, eu corria pra ele e ele me beijava, me levava pra cortar cabelo, quando ele ia mexer no carro, ele me chamava pra que eu aprendesse também... eu não tinha muito interesse e acabei não assimilando muita coisa não... na minha adolescência que talvez ele tenha faltado um pouco, porque ele já estava se separando da minha mãe, e eu via muitas brigas e via minha mãe sofrendo...”.

Alex falou bastante do preconceito sofrido e de como a homossexualidade é vista como um “vício” e é recriminada pela religião. O casal tem planos de manter um relacionamento estável, de adotar crianças, de ter bicho de estimação e uma casa própria... Alex diz logo no início da entrevista: “as idéias bateram muito de relacionamento estável, a

idéia de adotar crianças, de pegar um animalzinho de estimação, quer dizer, tudo! de paparicar, ele gosta de ser paparicado... ele também adora paparicar, de fazer carinho sempre”.

Sobre o relacionamento conjugal atual, Alex afirma: *“eu acho que tem que batalhar pra ficar junto e enfrentar os problemas com maturidade. Eu acho que os problemas existem pra amadurecer, e não pra criar problema na sua vida eternamente, então quando tem um problema que surge e você rompe, você não resolveu, se você se afasta e acha que o problema é ele... você pensa, vou largar e arrumar outro... e pra mim não, eu acho que tem que tentar várias vezes e conversar pra resolver o problema, ah, resolveu então isso serviu pra crescer e aprender, vamos nos amar mais ainda, o amor cresce e amadurece... a gente procura não ir em nenhum lugar sozinho, né? Só o dia que não tiver possibilidade, viajar profissionalmente... aí talvez, se não tiver jeito, senão tem que fazer as coisas juntos”.*

O casal apresenta planos de adotar crianças e mostra como a aprovação dos pais é importante. Alex conta que quando comentou com sua mãe do desejo de ser pai, ela ficou relutante: *“... ela disse ‘imagina, é errado dois homens adotarem, duas mulheres adotarem, como vai ser o relacionamento na escola? com os amigos? todo mundo na escola vai falar ...’ e eu falei pra ela, ‘ela vai ter dois pais’, mas ela falou ‘e a figura da mãe, não é importante?’ eu respondi: ‘Nós vamos cumprir esse papel, do pai e da mãe, só que ela vai ter dois pais e nós vamos ensinar’, a batalha mesmo disso daí é passar pra criança todos os tipos de relacionamento, a diversidade, coisa que os heterossexuais não fazem com os seus filhos... que um pai ou uma mãe tem que criar um filho com a liberdade e a compreensão de que o que ele escolher pra vida dele vai fazer ele feliz, é isso que tem que, e não impor o que a sociedade quer que você faça que o seu filho seja”.*

E Roberto acrescenta: *“... eu acho que vai ter o lado bom também, eu gosto muito de criança, eu gosto de lidar com o universo infantil, acho que vai ser prazeroso, sair passear, de ensinar as coisas...”.*

Desenho-estória da família de Alex (Anexo V)

Título: “Um lar feliz”

Alex fez um desenho do casal juntamente com um casal de filhos, uma casa, árvores e animais (bichos de estimação e aves no céu). O casal encontra-se separado no desenho, sendo que um está dentro de casa e o outro fora da casa com as crianças (voltando da escola). Alex

sempre o apoiou e respeitou, dado que facilita o sentimento de pertencimento não só familiar como social.

Breno contou que sua família sempre foi muito unida e que sua relação com os pais era boa, afirma que a revolta inicial, quando começou a se dar conta de sua homossexualidade, nunca esteve relacionada à sua família, mas sim, a uma confusão de sentimentos diante do padrão estabelecido pela sociedade, ele disse que sabia que *“não deveria sentir atração por homens”*. Relata ainda que em sua pré-adolescência e adolescência viveu com um sentimento de culpa que não entendia muito bem e sabia que seu interesse por homens não deveria ser compartilhado com ninguém, até que, aos vinte anos de idade, diante da *“conturbação”* dele, sua irmã sugeriu que fizesse uma terapia. Ele contou que foi à terapia e rapidamente (em três meses aproximadamente) se esclareceu a situação e decidiu assumir-se como homossexual para a família; *“... me descobri, era homossexual, porque se fosse hetero seria outra pessoa, entendeu? então foi bom, tive que me aceitar exatamente do jeito que eu era, e aí pronto, meus problemas se encerraram, de aceitação, enfim... e aí beleza, e a partir daí eu falei pra minha família, e foi a melhor coisa que eu fiz, eu sempre estimulo jovens assim, o apoio da família é muito importante, e foi isso que aconteceu comigo, eu tenho muito apoio, total, se gerou estresse enfim, não chegou ao meu conhecimento, para mim foi colocado de uma forma muito de apoio, sempre, sempre.”*, *“Nunca ouvi uma crítica, nada, eu sou a primeira coisa na minha família, nesse aspecto, o apoio foi total, de todos, irmãos, pais, Eu devo muito à eles, depois dos vinte anos ter acabado essa coisa em mim, porque a aceitação deles foi fundamental pra mim.”*

Ele diz que não se sente alvo de preconceito e que tem muitos amigos, tanto homossexuais, como heterossexuais; *“... então eu nunca vivi preconceito, não é que não existe nem... mas assim minha vida de homossexual, meu sofrimento foi comigo mesmo, na minha vivência foi completamente comigo, minha adolescência foi muito ruim por causa disso, eu vivia conflituado, mas não, não por razões externas, é por razões internas”*.

Breno enfatizou a importância que sua família teve no processo de auto-aceitação, o apoio destes permitiu que seu conflito se resolvesse de forma mais simples e menos dolorosa. Em seu relacionamento anterior (com o terapeuta) vivia em uma comunidade, que ele compara a um kibutz, onde moravam: ele, o namorado, uma arquiteta e uma psicóloga, com a qual o terapeuta havia adotado duas crianças. Eles viviam *“como uma família”* e ele se considerava pai das crianças também (as crianças o chamavam de *“tio”*), entretanto, com o rompimento do casal ele perdeu o contato com os *“filhos”*, dizendo que o outro pai (terapeuta)

“fez a cabeça” deles para que não mais o procurassem e nem aceitassem sair com ele. De qualquer maneira, Breno conta que deixou um terreno para os filhos e que não se arrepende de nada. Afirma que realmente perdeu o contato com esses “filhos”, mas que por morarem na mesma cidade ainda os encontra de vez em quando, eles conversam e sabem da vida um do outro.

Já Carlos relatou que veio de uma família mais fechada e menos compreensiva com relação à sua homossexualidade. Ele é o caçula de cinco filhos e contou que se lembra de uma infância bastante atribulada, por conta de uma mudança de cidade (Goiânia para Brasília), problemas de saúde de seu pai e a separação de seus pais. Quando ele estava com dez anos seu pai saiu de casa, dando início a um novo relacionamento, o que ele lembra com pesar, dizendo que a figura do pai foi muito ausente em sua vida. Relata: *“Não foi muito gostoso e fácil ser gay no meio de tantas conquistas e descobrimentos para todos e tudo ao mesmo tempo”*.

Com relação à mãe, ele disse que não se lembra dela como mãe, pois foi cuidado na maior parte da infância pelas irmãs mais velhas (a mais velha com diferença de 13 anos dele). A mãe sempre esteve ocupada para dar conta do sustento da casa. Carlos se identifica bastante com a mãe, afirma: *“Acho que sou o que sou hoje, pela educação que tive – determinado, obstinado, batalhador – características de minha mãe – uma mulher forte. Muito da doçura veio de meu pai.”* Ele contou que seu pai sempre foi visto como uma pessoa fraca e emotiva e que muitas vezes os membros de sua família lhe diziam que ele (Carlos) se parecia muito com o pai, o que o deixava chateado.

Diz que sofreu bastante com a falta de aceitação destes, aliando à um desconforto muitas vezes sentido no âmbito social, sentindo-se excluído e desvalorizado por sua condição. *“... tem uma discriminação feroz, tem! talvez ele não tenha sentido, eu senti”*. Carlos enfatiza que para ele foi difícil assumir-se como homossexual, tanto em casa como socialmente falando. Relatou discussões com sua mãe que esteve por muitos anos inconformada com o fato, tentando convencê-lo de que ele não era “gay”.

Atualmente eles contam que se relacionam bem com as famílias de origem e que estas inclusive freqüentam a casa do casal.

O casal menciona não querer ter filhos, pois já estão em uma fase de suas vidas na qual querem curtir a conjugalidade e não tem mais energia para cuidar de crianças, além de que, não querem mais a responsabilidade de criar e educar filhos. Breno diz que já vivenciou

ser tanto de doar, eu sei que ganho muito mais com isso do que eu to dando, entendeu? ... a vontade de ser pai eu não tenho não, no momento, eu acho que nem agora, nem depois, né..."

Ao final do discurso, ele concluiu que também não quer ter filhos mesmo e portanto está de acordo com seu companheiro.

Relato da entrevista com o Casal 4 - Danilo e João

Data da entrevista: Dezembro de 2010

Danilo (22 anos) e João (31 anos) vivem em união estável há dois anos, se conheceram em 2008 pela internet. Relatam que tiveram um rápido envolvimento e que após alguns meses já estavam morando juntos (primeiramente dividindo casa com a tia de Danilo).

Danilo contou que tem mais quatro irmãos, dois irmãos mais velhos e outros dois com pouca diferença de idade, aproximadamente um ano de diferença. Relata que conviveu mais com os dois irmãos mais novos, pois os irmãos mais velhos se casaram cedo quando ele era ainda criança e, portanto, ele pouco se lembra desses irmãos. Seus pais sempre foram muito liberais no que diz respeito à educação, explicavam o que "*era certo e era errado e quais as consequências*", mas permitiam que os filhos tomassem suas decisões. Foi com a autorização dos pais que os três filhos mais novos abandonaram a escola por um determinado período, pois não queriam mais estudar (Danilo se afastou por um ano e depois voltou). Afirma que sua família é evangélica e que isso também atrapalhou na compreensão e aceitação de sua escolha, já que eles acreditavam ser a homossexualidade "*coisa do diabo*".

João relatou que vem de uma família tradicional, filho de mãe italiana e pai com ascendência alemã, que são bastante preconceituosos. Contou que tem boas recordações de sua infância e lembra que começou a trabalhar cedo para ajudar o pai no supermercado (da família). Ele também tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova, com os quais tem um bom relacionamento.

Danilo trabalha em uma escola de informática e João em um consultório como psicólogo, além de ajudar seu pai no supermercado da família.

Sobre o início do namoro do casal, João contou que logo no princípio do relacionamento chegaram a trabalhar juntos: *“nessa época eu trabalhava numa ONG, que tinha projetos sociais pra população GLBT e também pra prevenção DST, HIV..., eu me flexibilizava nos horários que a gente podia se ver, daí foi indo, ele acabou participando também da ONG em algumas coisas...”*. Para ambos esse foi o primeiro relacionamento homossexual. João teve um relacionamento heterossexual e sua assunção como homossexual deu-se juntamente com o início do namoro com Danilo. João contou que sua família já desconfiava desde sua adolescência, mas não falavam sobre o assunto da homossexualidade.

Danilo falou, também, que acabou assumindo sua homossexualidade com o atual namoro e que antes disso, sua família desconfiava e perguntava-lhe, mas ele sempre se esquivava do tema. Relata que seus pais reagiram muito mal quando descobriram sua homossexualidade e que inicialmente acreditavam que ele tinha algum tipo de doença que poderia ser curada e lhe ofereceram ajuda com o que precisasse. Atualmente, ele diz que seus pais o aceitam e compreendem sua homossexualidade, entretanto há uma tia, com quem morou um período de sua vida, que ainda tem muita dificuldade em aceitar.

João relatou sua sensação de que a família já sabia de sua homossexualidade mesmo antes de contar: *“... no início da minha adolescência os meus irmãos já desconfiavam, meu pai tem família alemã, minha mãe é italiana, então é uma cultura bem preconceituosa, e isso foi silenciosamente passado, e foi super difícil pra mim no início, então, eu sempre pensava assim, no início, que enquanto eu não achar que eu posso morar com outro homem eu não vou... eu pensava assim comigo então de repente não é bem assim, eu ficava inventando desculpa pra mim mesmo, que então eu não era, que eu tava separando amor de sexo... aí, eu não me imaginava do lado de..., dormindo e acordando... e quando isso passou a fazer parte da minha, dentro de mim... não hoje eu posso, foi bem assim mesmo, de trabalhar, de ter contato com as pessoas, de ver que isso não é um bicho de sete cabeças...”*.

Ele (João) contou como fez para mostrar para a família que estava namorando um homem; *“eu botei a foto minha e dele se beijando no celular e de propósito também, uma hora alguém vai pegar no meu celular e vai ligar, eu sempre acabo esquecendo pela casa, e daí meu irmão que viu e daí ele contou, mostrou pro meu pai, mostrou pra minha mãe, sem falar comigo antes, foi super delicado, risos... Aí, ah, daí minha mãe veio falar comigo, daí eu falei com ela, ela foi super light, só queria que eu contasse pra ela, como era, como é que foi, porque eu sempre fui muito, mega reservado com a minha família. E com meu pai, não, daí ele já faz aquela cena, de sentar, né? Daí pediu pra eu contar as coisas, fez um interrogatório*

militar completo, daí eu respondi tudo e ele queria, ah, deu umas viajadas do tipo “Onde é que eu errei?” João relata que atualmente sua família aceita o relacionamento deles e convive bem com o casal.

O casal afirma que usa aliança como símbolo da união deles e que pretendem casar-se. Relataram que tem como planos o casamento e a conquista de estabilidade financeira, por enquanto não desejam ter filhos e que já tem um “filhote” para cuidar, que é a cachorrinha deles. Sobre o desejo de serem pais, Danilo disse; *“Ah, eu até tenho, é na verdade eu até já pensei, mas não sei não é a hora ainda”* e João; *“pra mim, não é a hora. Por enquanto a resposta seria não. Mas isso pode ser revisto...”*. E João concordou.

Ambos contaram que as famílias são “tradicionalis” e “conservadoras”, mas que eles vêm se adaptando à nova realidade e o casal sente-se respeitado. João diz que Danilo faz parte da família e que seus pais apreciam a companhia e ajuda dele, *“... eles (pais de João) começaram a usar o computador recentemente, tem o computador aí que é deles, então o Danilo ajudou um monte, a explicar como é que é, ele mostra, corrige... e então é uma troca bem legal”*. O casal vive atualmente com a família de João e visitam a família de Danilo sempre que possível.

Diante da pergunta de como seria a família ideal, Danilo demonstra sua satisfação na relação: *“Família? Bom, eu já tenho família. Eu já tenho a cachorra, já tenho filhinha... e já tenho marido... e casado a gente já tá, né? Ainda precisa de aprovação, mas a gente já tá casado! já escolhi minha família, é isso acho. Eu acho simples assim, pra mim família é isso, é a minha família, não tem família ideal.”* E João responde que não acredita em família ideal, mesmo porque se sente um “ET” na sua e que o que busca na família é “ser feliz”: *“pra mim o que eu desejo é continuar com o Danilo e que a gente conquiste cada vez mais intimidade, que é o que a gente vem conseguindo, e que a gente tenha estabilidade material, que a gente ainda não tem, e que a gente compre a nossa casa, que a gente possa casar e ter os nossos direitos garantidos”*.

Desenho-estória da família de Danilo (Anexo VII)

Título: “A minha família”

Danilo desenhou seu companheiro e ele de mãos dadas, com a cachorrinha deles presa por uma coleira na mão dele, ambos estão sorridentes no desenho. No lado direito da folha ele desenhou uma casa. Desenhou um sol e três pássaros voando no céu. Ele não quis colorir o

Gabriel trabalha em uma empresa multinacional como analista de sistemas e passa o dia fora de casa. Leandro é coordenador de projetos sociais da ONG¹, além de trabalhar com traduções (inglês-português) em casa. Eles contaram que o trabalho de Gabriel ajudou a aproximá-lo da família de Leandro, pois há momentos em que precisam de ajuda no que refere à computação e recorrem ao Gabriel.

Leandro diz que logo no início (aproximadamente terceiro mês de namoro) do relacionamento apresentou Gabriel para toda a família, no casamento de um sobrinho seu. Contou que apresentou o companheiro pelo nome, mas como a família toda já era ciente de sua homossexualidade, diz que era implícito o relacionamento. Segundo Gabriel, a situação foi como um “*tratamento de choque*” ao introduzi-lo no contexto familiar do companheiro de forma tão abrupta.

O mesmo continua relatando que vem de uma família italiana e tem seis irmãos, disse que sua família é bastante próxima e que costumam reunir-se com frequência, por exemplo, para comerem juntos. Ele lembra que sempre teve muita liberdade em casa, e relatou que na adolescência não precisava pedir para sair, apenas avisava aonde ia e na companhia de quem estava saindo. Leandro falou da mãe como bastante afetuosa e cuidadora, comparando-a com a “*galinha que protege os pintinhos*”, enquanto com o pai sentia uma distância maior. Sua mãe cuidava da casa e dos filhos e era freqüentadora da igreja.

O pai era comerciante, fazia entregas de cereais, e segundo Leandro sempre tinha muitas histórias para contar, apesar de não estar tão presente como a mãe. Leandro hoje o admira e relata que sua filosofia de vida se liga à sabedoria que lhe foi transmitida pelo primeiro.

Diz ainda que quando estava ao redor dos 30 ele começou a se sentir muito mais próximo de seu pai, descobrindo-o uma grande pessoa, conhecedora da vida. Ele relatou isso como um processo de inversão bastante interessante, pois até seus 25 anos se considerou muito mais identificado com a sua mãe. Contou um episódio em que seu pai assistiu a um programa na televisão em que o filho era entrevistado em um movimento de militância gay e comentou com este que havia gostado das pontuações. Para Leandro esse foi um momento muito importante, pois se sentiu aceito como homossexual.

¹ Associação civil sem fins lucrativos fundada em 1995 cuja missão é a defesa dos direitos civis e humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

tarefas de casa". Gabriel deixou claro que não gosta de cuidar da casa e Leandro precisa estar com frequência cobrando para que ele faça a sua parte.

No tempo que eles têm livre costumam ficar em casa, sendo esta a preferência de Gabriel, e como Leandro gosta mais de sair às vezes eles vão ao cinema ou ao teatro. Preocupam-se em manter a relação sempre nova, dizem temer que a relação "*caia no automático*" e buscam sempre algo novo para animar o cotidiano do casal. Atualmente eles frequentam as casas de ambas as famílias de origem, embora com mais frequência a casa da família de Gabriel.

Eles são casados na igreja (adventista) e contaram que a cerimônia, "benção de união" foi coletiva, com mais quatro casais. Ambos referem-se ao casamento como algo muito significativo para eles, onde muitos se emocionaram. Leandro falou bastante da importância da visibilidade da cerimônia, da possibilidade de tornar pública a relação matrimonial. Aproximadamente um ano depois eles oficializaram a relação no cartório da região onde vivem juntos há cinco anos.

Atualmente eles contaram que estão em um momento de contenção de gastos, pois Leandro está desempregado, trabalhando apenas com a coordenação da ONG. Por essa razão estavam pensando em não viajar nas próximas férias, entretanto Leandro contou que acredita ser importante poder descansar e "*não deixar a relação cair na mesmice*" e assim decidiram fazer uma viagem mais econômica.

Com relação à família ideal, Leandro refere ao livro da autora Roudinesco e explicita a grande busca pelo casamento e constituição de família, mesmo pelos homossexuais, e concorda com suas idéias. Ele disse que não acredita em família ideal, mas sim em família "real" com seus problemas e dificuldades.

Quando questionados sobre os planos do casal, Gabriel diz que o primeiro é ser feliz e acrescenta que eles querem fazer algumas reformas na casa que ainda precisa de alguns ajustes. Eles disseram que quando terminarem a reforma pretendem viajar mais. Falaram também do desejo de adoção, inicialmente Gabriel teve a idéia, mas eles esperam se estabilizar e estar com a casa arrumada e preparada para receber uma criança. Eles dizem se preocupar em poder oferecer boas condições para a criança, entretanto vêem esse plano à longo prazo, para anos adiante. Leandro acha que ser pai é uma "experiência humana bacana, poder criar, inserir um ser humano dentro da sociedade, ensinar valores".

10.2. Tabela de atributos de Féres-Carneiro (1997)

ANEXO I

Homens Heterossexuais	Homens Homossexuais	Mulheres Heterossexuais	Mulheres Homossexuais
Atributos MAIS Valorizados			
Fiel	Companheiro	Companheiro	Carinhoso
Companheiro	Respeitador de Privacidade	Íntegro	Companheiro
Íntegro	Íntegro	Apaixonado	Apaixonado
Carinhoso	Carinhoso	Fiel	Íntegro
Apaixonado	Capacidade Erótica	Carinhoso	Fiel
Atributos MENOS Valorizados			
Mesma crença religiosa	Capacidade para ter filhos	Mesma crença religiosa	Capacidade para ter filhos
Capacidade econômica	Mesma crença religiosa	Jovem	Mesma crença religiosa
Ambicioso	Jovem	Não ciumento	Jovem
Jovem	Não ciumento	Capacidade para ter filhos	Não ciumento
Competência Profissional	Capacidade econômica	Fisicamente Atraente	Capacidade econômica

Feres – Carneiro (19xx) – Tabela hierárquica dos atributos valorizados por homens e mulheres heterossexuais e homossexuais. (Tabela 1).

10.3. Pesquisas encontradas na PUC-SP

A - COM A PALAVRA GAY

Ordem	Palavra-chave	Autor	Título	Ano
1	Gay	Mauro Lúcio Ribeiro de Souza	O réquiem divino: a morte de Deus em A gaia ciência de Nietzsche	2007
2	Gay	Edson Luiz Defendi	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	2010
3	Gay	Márcio Stefanini Sant'Anna	Nem tudo são flores: um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina	2011
4	Gay	Marcelo Hailer Sanchez	A construção da heteronormatividade em personagens gays na telenovela	2013
5	Gay	Anderson Schirmer	Saindo dos armários? - a análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise	2010
6	Gay	Valéria Melki Busin	Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas	2008
7	Gay	Ana Paula Leite de Camargo	A ação vocal nos leitores text-to-speech	2009
8	Gay	Carlos Alexandre Costa Correia	Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização	2009
9	Gay	Nelson Barros da Costa	A produção do discurso litero-musical brasileiro	2001
10	Gay	Marcos Valdir Silva	Transcendendo o ideário do arco-íris: da invisibilidade à efetivação de direitos	2009
11	Gay	Helena de Lima Corvini	Quem tem medo de Oscar Wilde? vida como obra-de-arte	2012
12	Gay	Carlos Magno Camargos Mendonça	E o verbo se fez homem: as iconofagias midiáticas e as estratégias de docilização da sociedade de controle	2007
13	Gay	Leniter Venância dos Anjos Sertório	Um estudo sobre a implantação da proteção social especial de média complexidade: contribuição à efetividade do SUAS: Campinas/SP - 2002/2010	2010

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
14	Gay	Fernanda Maria Munhoz Salgado	Os sentidos do sofrimento ético-político na população LGBT em situação de rua em um centro de acolhida da cidade de São Paulo	2011
15	Gay	Welton Danner Trindade	Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	2010
16	Gay	Sérgio José Alves de Almeida	Michê	1984
17	Gay	Camila Freitas Martín Bianco; Cinthia de Oliveira Santos	Preparação do ator teatral e construção vocal de personagens segundo preparadores vocais da cidade do Rio de Janeiro	2007
18	Gay	Cristina Canhetti Alves; Gabriella Silveira Antelmi	Terminologia de recursos vocais e termos descritivos sob o ponto de vista de fonoaudiólogos e preparadores vocais	2007
19	Gay	Camila Sauda Sentieiro; Gabriela Damilano	O uso de recursos vocais sob os olhares dos profissionais da voz: atores, cantores, dubladores, locutores e telejornalistas	2007
20	Gay	Nanci Capel Pílares	Treinamento de análise transacional em organização: um estudo exploratório	1980
21	Gay	Ariane Mieco Sugayama	Investigando práticas sociais de leitura de textos literários: a mediação de leitura como ação cultural e o pensar alto em grupo	2011
22	Gay	Nilton Tadeu de Queiroz Alonso	Do Arouché aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual	2005
23	Gay	Wilton Gayo Gama	Iniciação e individuação no candomblé de São Paulo	1998
24	Gay	Marcio Leopoldo Gomes Bandeira	Será que ele é? sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa	2006

B – COM A PALAVRA HOMOAFETIVIDADE

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homoafetividade	Vera Lúcia Moris	Preciso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos	2008
2	Homoafetividade	Carla Bertoncini	Pelo reconhecimento de uma entidade familiar: união homoafetiva	2011
3	Homoafetividade	Juliana Francisca Lettière	Unões homoafetivas: a redefinição do conceito de família no direito brasileiro	2010

C – COM A PALAVRA HOMOCONJUGALIDADE

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homoconjugalidade	Márcio Stefanini Sant'Anna	Nem tudo são flores: um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina	2011
2	Homoconjugalidade	Edson Luiz Defendi	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	2010

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
15	Homossexual	Márcio Stefanini Sant'Anna	Nem tudo são flores: um estudo da dinâmica dos conflitos na homoconjugalidade masculina	2011
16	Homossexual	Douglas Zacarias da Silva	Os sentidos do sigilo entre homossexuais recentemente infectados pelo HIV/aids	2010
17	Homossexual	Edson Luiz Defendi	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	2010
18	Homossexual	Elcio Nogueira dos Santos	Amores, vapores e dinheiro-masculinidades, homossexualidades nas saunas de michê em São Paulo	2012
19	Homossexual	Maria de Fátima Dias	Homossexualidade em Winnicott: uma visão da homossexualidade à luz da teoria do amadurecimento humano	1998
20	Homossexual	Carlos Alexandre Costa Correia	Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização	2009
21	Homossexual	Fabiana Schiavi Noda	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães.	2005
22	Homossexual	Welton Danner Trindade	Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	2010
23	Homossexual	Yury del Carmen Puello Orozco	Nem Teocracia - Nem exclusão: As intervenções da igreja católica no Brasil 1995-2005	2006
24	Homossexual	Marcio Leopoldo Gomes Bandeira	Será que ele é? sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa	2006

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
25	Homossexual	Mirian Akemi Maki	Reflexões sobre o processo de envelhecimento nos homossexuais masculinos	2005
26	Homossexual	Priscila Tatiane dos Santos	Gêneros e figurinos no cinema de Hitchcock	2010
27	Homossexual	Livia Cristina Rocha	Transexualismo e aspectos jurídicos	2010
28	Homossexual	Anderson Schirmer	Saindo dos armários? - a análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise	2010
29	Homossexual	Carla Bertoncini	Pelo reconhecimento de uma entidade familiar: união homoafetiva	2011
30	Homossexual	Daniela Bender Verrone	Mulheres velhas do candomblé de São Paulo	2005
31	Homossexual	Marina Ferreira da Rosa Ribeiro	De mãe em filha: a transmissão da feminilidade	2009
32	Homossexual	Carlos Augusto Teixeira Temperini	Adoção homoparental e infância: uma análise da mídia	2012
33	Homossexual	Walter Novaes de Oliveira Filho	Audiovisual e política: sujeitos processados pelo dispositivo	2011
34	Homossexual	Maria Luiza Ramos Vieira Santos	Adoção por casal homoafetivo	2011
35	Homossexual	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	2007
36	Homossexual	Alexandre Trimer; Daniel Hamer Roizman	A transmissão psíquica e o comportamento drogado	2007
37	Homossexual	Eugênia Augusta Gonzaga Fávero	The equality principle and its implementation for the international conventions	2006
38	Homossexual	Mirela Fernandes Celestino Prata	A juridicidade das relações homoafetivas no ordenamento jurídico brasileiro	2010
39	Homossexual	João Roberto Salazar Junior	Adoção por casais homoafetivos na constituição federal	2006

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
40	Homossexual	Carlos Magno Camargos Mendonça	E o verbo se fez homem: as iconofagias midiáticas e as estratégias de docilização da sociedade de controle	2007
41	Homossexual	Sergio Manoel Rodrigues	Carnavalização e paródia em Álbum de Família, de Nelson Rodrigues	2008
42	Homossexual	Leila Adriana Vieira Seijo de Figueiredo	A filiação adotiva no Brasil: evolução histórica, perfil no direito positivo e novos aspectos	2008
43	Homossexual	Cláudia Thomé Toni	A união estável e a união homoafetiva no direito penal	2007
44	Homossexual	Marcelo Vinícius Picini	A mídia inserindo os homoeróticos na busca pelo corpo imaginário: nuances do narcisismo contemporâneo	2009

E – COM A PALAVRA HOMOSSEXUALIDADE

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homossexualidade	Fernanda Pasqualucci Ronca	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina	2006
2	Homossexualidade	Greice Klem	A homossexualidade e a clínica psicanalítica	2008
3	Homossexualidade	Valéria Melki Busin	Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas	2008
4	Homossexualidade	Bianca Paoletti	Homossexualidade: um lugar na cultura e na psicanálise	2007
5	Homossexualidade	Maria Alice Zaratin Lotufo	Aplicabilidade de normas protetivas às relações homoafetivas com fundamento nos princípios da liberdade, da isonomia e da dignidade do ser humano	2008
6	Homossexualidade	Maurício Castejón Hermann	Laço conjugal homoerótico	2000
7	Homossexualidade	Elcio Nogueira dos Santos	"Conto ou não conto?": os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo	2004
8	Homossexualidade	Helena de Lima Corvini	Quem tem medo de Oscar Wilde? vida como obra-de-arte	2012
9	Homossexualidade	Marcelo Hailer Sanchez	A construção da heteronormatividade em personagens gays na telenovela	2013
10	Homossexualidade	Milton Silva dos Santos	Tradição e tabu: um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras	2007
11	Homossexualidade	Eduardo Moreira Assis	O homossexual respeitável: elaborações, impasses e modos de uma experiência subjetiva	2011
12	Homossexualidade	Eduardo Lima Rodrigues	Igrejas evangélicas inclusivas das cidades de São Paulo e Guarulhos: um estudo psicopolítico das igrejas vistas por seus pastores	2009

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
13	Homossexualidade	Maria Terezinha Tavares	União homossexuais: realidade social e jurídica	2003
14	Homossexualidade	Elcio Nogueira dos Santos	Amores, vapores e dinheiro-masculinidades, homossexualidades nas saunas de michê em São Paulo	2012
15	Homossexualidade	Carlos Alexandre Costa Correia	Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização	2009
16	Homossexualidade	Fabiana Schiavi Noda	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães.	
17	Homossexualidade	Maria de Fátima Dias	Homossexualidade em Winnicott: uma visão da homossexualidade à luz da teoria do amadurecimento humano	1998
18	Homossexualidade	Marcio Leopoldo Gomes Bandeira	Será que ele é? sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa	2006
19	Homossexualidade	Yury del Carmen Puello Orozco	Nem Teocracia - Nem exclusão: As intervenções da igreja católica no Brasil 1995-2005	2006
20	Homossexualidade	Priscila Tatiane dos Santos	Gêneros e figurinos no cinema de Hitchcock	2010
21	Homossexualidade	Marina Ferreira da Rosa Ribeiro	De mãe em filha: a transmissão da feminilidade	2009
22	Homossexualidade	Carla Bertoncini	Pelo reconhecimento de uma entidade familiar: união homoafetiva	2011
23	Homossexualidade	Maria Luiza Ramos Vieira Santos	Adoção por casal homoafetivo	2011
24	Homossexualidade	Daniela Bender Verrone	Mulheres velhas do candomblé de São Paulo	2005

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
25	Homossexualidade	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	2007
26	Homossexualidade	Alexandre Trimer; Daniel Hamer Roizman	A transmissão psíquica e o comportamento drogadito	2007
27	Homossexualidade	Douglas Zacarias da Silva	Os sentidos do sigilo entre homossexuais recentemente infectados pelo HIV/aids	2010
28	Homossexualidade	Carlos Magno Camargos Mendonça	E o verbo se fez homem: as iconofagias midiáticas e as estratégias de docilização da sociedade de controle	2007
29	Homossexualidade	Welton Danner Trindade	Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	2010
30	Homossexualidade	: Tânia Gonçalves Lima	Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual	2006
31	Homossexualidade	Mirela Fernandes Celestino Prata	A juridicidade das relações homoafetivas no ordenamento jurídico brasileiro	2010

F – COM A PALAVRA HOMOSSEXUALISMO

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homossexualismo	Livia Cristina Rocha	Transexualismo e aspectos jurídicos	2010
2	Homossexualismo	Sergio Manoel Rodrigues	Carnavalização e paródia em Álbum de Família, de Nelson Rodrigues	2008
3	Homossexualismo	Welton Danner Trindade	Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	2010

G – COM A PALAVRA LÉSBICA

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Lésbica	Fernanda Calderaro	Políticas de saúde voltadas às lésbicas: um estudo sobre as possibilidades de reverter um quadro histórico de invisibilidade	2011
2	Lésbica	Valéria Melki Busin	Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas	2008
3	Lésbica	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	2007
4	Lésbica	Fernanda Pasqualucci Ronca	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina	2006
5	Lésbica	Leniter Venância dos Anjos Sertório	Um estudo sobre a implantação da proteção social especial de média complexidade: contribuição à efetividade do SUAS: Campinas/SP - 2002/2010	2010
6	Lésbica	Anderson Schirmer	Saindo dos armários? - a análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise	2010
7	Lésbica	Fernanda Maria Munhoz Salgado	Os sentidos do sofrimento ético-político na população LGBT em situação de rua em um centro de acolhida da cidade de São Paulo	2011
8	Lésbica	Lenise Santana Borges	Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão	2008
9	Lésbica	Nilton Tadeu de Queiroz Alonso	Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual	2005
10	Lésbica	Marcos Valdir Silva	Transcendendo o ideário do arco-íris: da invisibilidade à efetivação de direitos	2009
11	Lésbica	Welton Danner Trindade	Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	2010

10.4. Pesquisas encontradas na USP

A – COM A PALAVRA GAY

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Gay	Biscaro, Roberto Rillo	O choque dos mundos ou uma leitura materialista da peça 'And things that go bump...	2006
2	Gay	Ferran, Marcos de	"Remediação de um argissolo vermelho amarelo distrófico irrigado com efluente...	2004

B – COM A PALAVRA HOMOSSEXUAL

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homossexual	Ramires Neto, Luiz	Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no ensino médio em São Paul...	2006

C – COM AS PALAVRAS: HOMOSSEXUAL E GAY

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homossexual e Gay	Santos, Claudiene	A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da...	2005

D – COM AS PALAVRAS: HOMOSSEXUAL E HOMOSSEXUALIDADE

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
1	Homossexual e homossexualidade	Almeida, Maurício Ribeiro de	Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo:...	2012
2	Homossexual e homossexualidade	Antunes, Maria Cristina	Territórios de vulnerabilidade ao HIV : homossexualidades masculinas em São Paul...	2005
3	Homossexual e homossexualidade	Borges, Roberta da Costa	Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filha...	2009
4	Homossexual e homossexualidade	Carvalho-Silva, Hamilton Harley de	Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fro...	2009
5	Homossexual e homossexualidade	Maluf, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus	Novas modalidades de família na pós-modernidade	2010
6	Homossexual e homossexualidade	Montalvão, Sérgio Aguiar	A homossexualidade na bíblia hebraica: um estudo sobre a prostituição sagrada no...	2009
7	Homossexual e homossexualidade	Moscheta, Murilo dos Santos	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	2004

Ordem	Palavra-chave	Nome	Título	Ano
8	Homossexual e homossexualidade	Santos, Edith Lopes Modestos	Homossexualidade, preconceito e intolerância: análise semiótica de depoimentos	2010
11	Homossexual e homossexualidade	Silva Junior, Jonas Alves da	Rompendo a mordaça: representações de professores e professoras do ensino médio sobre...	2010
12	Homossexual e homossexualidade	Szlak, Bruno José	Teu desejo será para teu marido e ele te dominará: a representação da mulher ortodoxa...	2011
13	Homossexual e homossexualidade	Toledo, Luiz Celso Castro de	A família no discurso dos membros de famílias homoparentais	2008
14	Homossexual e homossexualidade	Vieira, Ricardo de Souza	Homoparentalidade: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais...	2011